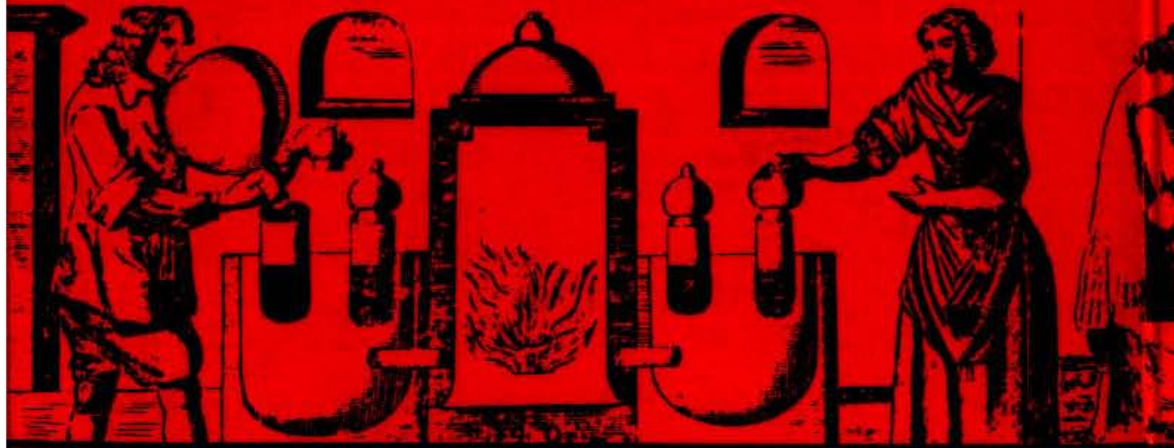


FRATER ALBERTUS

GUIA PRÁTICO DE ALQUIMIA



Outras obras de interesse:

A CHAVE DOS GRANDES MISTÉRIOS, Eliphas Levi — Neste livro o Autor estabelece a certeza sobre bases inabaláveis, explica o enigma da Esfinge e dá aos leitores a chave das coisas ocultas desde o começo do mundo.

INICIAÇÃO ESOTÉRICA, Cinira R. Figueiredo — Este volume apresenta as noções preliminares do Esoterismo ao alcance da inteligência e da vontade da grande maioria dos sinceros investigadores das leis superiores da vida.

O CAIBALION, Três Iniciados — Este livro reúne os fragmentos de conhecimentos ocultos, atribuídos ao imortal Instrutor egípcio conhecido entre os gregos como Hermes Trismegisto.

PREPARAÇÃO E TRABALHO DO INICIADO, Dion Fortune — Um roteiro seguro e fácil a todos os aspirantes a uma vida melhor e mais sábia, tanto no lar como fora dele. E essa vida poderá levá-los a situações mais felizes e harmoniosas perante Deus e os homens.

NOSTRADAMUS: e o Inquietante Futuro, Ettore Cheynet — Reunindo, por fim, o texto original das centúrias do modo como foram primeiramente estampadas por Nostradamus, a bem fundamentada interpretação de Ettore Cheynet serve de orientação ao leitor para que não se perca na obscura linguagem do grande vidente.

O GRANDE ARCANO, Eliphas Levi — O Grande Arcano é uma ciência absoluta do bem e do mal. Segundo as palavras do próprio Autor: "Aqueles que não devem compreender estas páginas não as compreenderão, porque para os olhos muito fracos a verdade que mostramos faz um véu com a sua luz e se esconde no brilho do seu próprio esplendor!"

GEOMETRIA SAGRADA, Nigel Pennick — Este precioso volume delineia a ascensão e a queda da arte da geometria sagrada, revelando-nos a maneira por que as construções, sempre que apoiadas em princípios atemporais, acabam por refletir a geometria cósmica.

CABALA, Francisco Waldomiro Lorenz — Numa linguagem simples e clara, o Autor explica os fundamentos da Cabala, permitindo aos estudantes de Esoterismo apreciar este ramo da Ciência Oculta e comparar suas doutrinas com os ensinamentos da Teosofia e do Espiritismo.

Peça catálogo gratuito à
EDITORA PENSAMENTO LTDA.
Rua Dr. Mário Vicente, 374

GUIA PRÁTICO DE ALQUIMIA

Frater Albertus

O *Guia Prático de Alquimia* constitui uma das maiores contribuições já oferecidas sobre a matéria, para cuja importância no desenvolvimento do processo de desdobramento da consciência individual (o que ele denominou de *processo de individualização*) o grande psiquiatra suíço Carl Gustav Jung inúmeras vezes chamou a nossa atenção. Em vista disso, numa linguagem muito colorida, aqui se revelam, para os leitores interessados, ensinamentos que noutras épocas foram mantidos sob o sinete do mais bem guardado dos segredos. Pela primeira vez pode-se oferecer ao estudioso das coisas ocultas um manual redigido em linguagem clara, concisa e de sentido eminentemente *prático*, tanto é verdade que nele se discutem os princípios fundamentais da Alquimia, seguidos de instruções para a montagem de um laboratório caseiro de custo acessível à economia do leitor médio, bem como de figuras que ilustram o equipamento requerido.

Para o Autor, a Alquimia constitui o ponto de "elevação das vibrações". O apresentador da obra, Israel REGARDIE, afirma ser o alquimista não apenas pessoa interessada na purificação dos metais e na eliminação dos males e doenças da raça humana, como também aquele que sustentava ser a Alquimia, afora tratar-se de Ciência e Arte, um ramo do conhecimento capaz de proporcionar meios para se alcançar a síntese das demais ciências, além de contribuir com subsídios para o treinamento das faculdades espirituais e intelectuais. Àqueles que acreditam ser a Alquimia tão-somente a Química em seu mais precário estágio, adverte Helena Petrovna Blavatsky:

"Num aspecto superior, [a Alquimia] professa a regeneração do homem espiritual, a purificação da mente e da vontade, o enobrecimento de todas as faculdades da alma. Em seu mais baixo aspecto, trata das substâncias físicas e, em pondo de lado o reino da alma vivente para descer até à matéria morta, desagua na ciência química dos nossos dias. A verdadeira Alquimia é um exercício do mágico poder do livre-arbítrio de natureza espiritual do homem. Por isso é que a Alquimia não pode ser praticada a não ser por aquele que renasceu em espírito."

EDITORA PENSAMENTO

Frater Albertus

GUIA PRÁTICO DE ALQUIMIA

Tradução de
MÁRIO MUNIZ FERREIRA



EDITORA PENSAMENTO
SÃO PAULO

Título do original:

The Alchemist's Handbook

© 1974 by the Paracelsus Research Society

Edição
3-4-5-6-7-8-9-10-11-12

Ano
93-94-95-96-97

Direitos de tradução para a língua portuguesa
adquiridos com exclusividade pela
EDITORA PENSAMENTO LTDA.
Rua Dr. Mário Vicente, 374 — 04270-000 — São Paulo, SP
Fone: 272-1399
que se reserva a propriedade literária desta tradução.

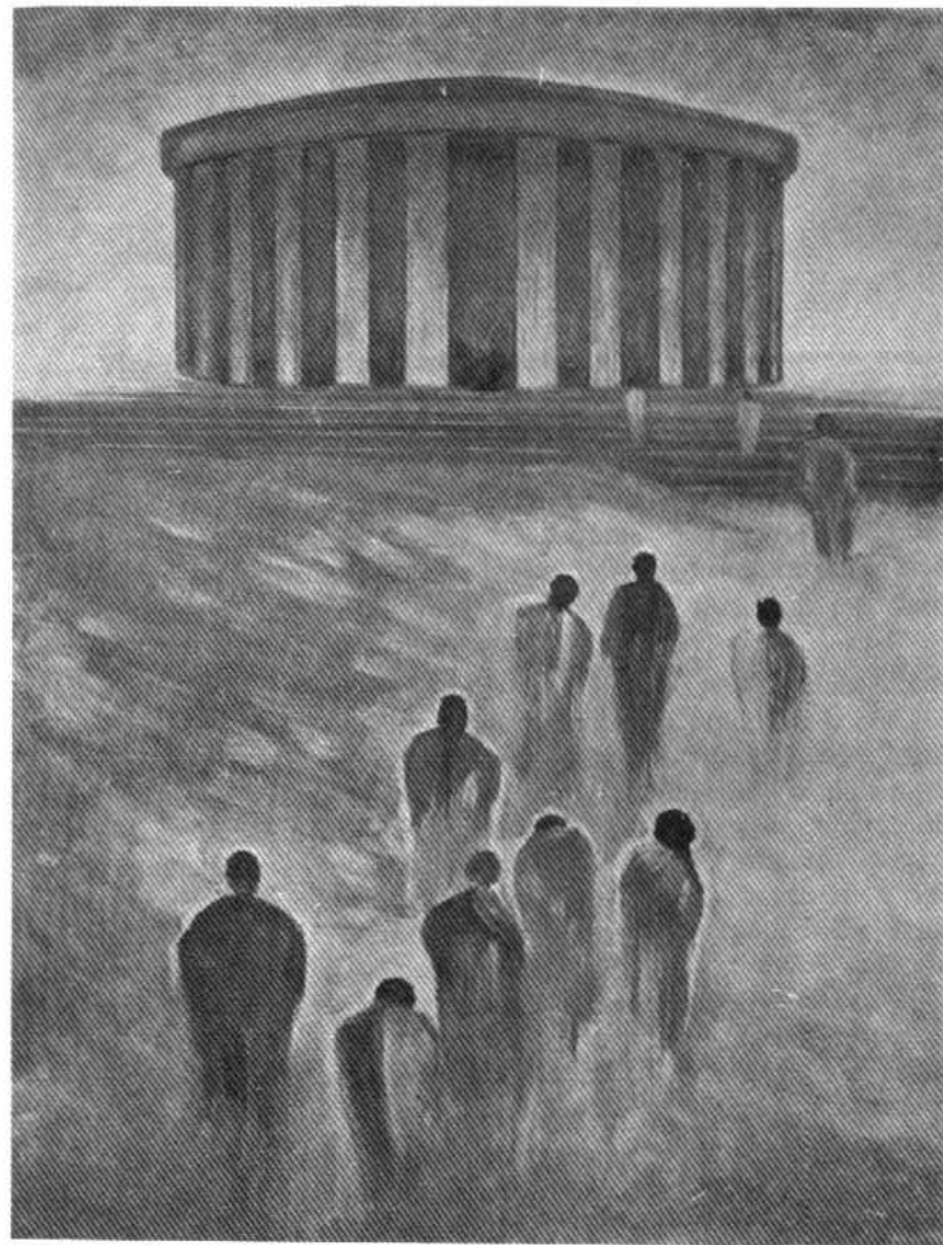
Impresso em nossas oficinas gráficas.

ÍNDICE

<i>Preâmbulo</i>	9
<i>Prefácio</i>	
A Primeira Edição	13
<i>Prefácio</i>	
A Segunda Edição Revisada	16
<i>Capítulo I</i>	
INTRODUÇÃO A ALQUIMIA	17
<i>Capítulo II</i>	
A CIRCULAÇÃO MENOR	27
<i>Capítulo III</i>	
O ELIXIR HERBÁCEO	35
<i>Capítulo IV</i>	
USOS MEDICINAIS	47
<i>Capítulo V</i>	
ERVAS E ASTROS	51
<i>Capítulo VI</i>	
OS SIMBOLOS DA ALQUIMIA	60
<i>Capítulo VII</i>	
A SABEDORIA DOS SÁBIOS	69
<i>Conclusão</i>	98
<i>Apêndice</i>	115
<i>Manifesto Alquímico</i>	118

ILUSTRAÇÕES

A Caminho do Templo	7
O Extrator Soxhlet	37
Um Laboratório de Porão	45
O Equipamento Essencial	46
A Árvore Cabalística da Vida	59
Sinais Alquímicos	61



Pintura a óleo original da Sociedade de Pesquisas Paracelso

... das névoas da dúvida e do desespero emergem os doze tipos humanos simbólicos. Em seu caminho ao templo da sabedoria, onde receberão a iniciação nos mistérios, eles meditam sobre as novas responsabilidades que os esperam. É o início de uma nova fase da vida eterna, é a entrada no Sanctum Sanctorum Spiritii dos Alquimistas...

Preâmbulo

Vivemos a era dos manuais. Dispomos de um para quase todos os assuntos que possamos imaginar. Visto que preenchem diversas necessidades, eles revelaram ser uma dádiva. Com eles, podemos aprender a pintar, a costurar, a fazer um jardim, a construir uma grelha de tijolos no quintal, a decorar interiores e a renovar a instalação elétrica de nossa própria casa. Quase todos os tópicos imagináveis foram cobertos por esses livros. Portanto, se você supôs que este Manual cai nessa categoria, estaria certo — a não ser pelo fato de que ele é muito mais do que isso.

A Alquimia tem exercido uma estranha e secular fascinação sobre a humanidade. O teorema filosófico básico propugnava que, se a Vontade Divina agiu originalmente sobre a *prima materia* para produzir metais preciosos e tudo o mais, nada impediria o alquimista — puro de mente e corpo, e especialista nas técnicas de laboratório então conhecidas — de procurar imitar o mesmo processo natural num espaço de tempo menor. Precisamos apenas ler uma boa história da química, ou estudar com atenção um pouco da vasta literatura alquímica para compreendermos a sua terrível sedução. Homens abandonaram lares e famílias, desperdiçaram fortunas, contraíram doenças, perderam o prestígio e a posição social, em busca dos objetivos entrevistos no sonho alquímico — longevidade, saúde perfeita e habilidade de transmutar metais ordinários em ouro.

Não devemos aqui nos iludir com superficialidades. Os adeptos alquimistas eram homens reconhecidamente dedicados e tementes a Deus que mantinham todos os ideais espirituais superiores que se podem conceber. É uma pena que muitos praticantes não tenham compreendido esses ideais.

Recentemente, um jornalista escreveu que a Sociedade de Pesquisas Paracelso, que patrocina este Manual, prometia ensinar al-

quimia em duas *semanas*. Como pode alguém ser tão míope? Ou tão ignorante?

No século XIV, Bonus de Ferrara falou da Alquimia como “a chave das coisas boas, a Arte da Arte, a Ciência das Ciências”. Afirmava ele que o alquimista não se interessa apenas pela purificação dos metais e pela eliminação das enfermidades da raça humana, mas que a Alquimia, como Ciência e Arte, fornece os meios de sintetizar todas as outras ciências e de adestrar as faculdades intelectuais e espirituais.

A fascinação que a Alquimia sempre exerceu sobre a humanidade foi, decerto, corrompida porque raramente houve instituições superiores de ensino em que os estudantes promissores pudessem aprender a Arte antiga. Ou em que as técnicas e os métodos adequados pudessem ser estudados juntamente com outras artes e ciências. Não há dúvida de que discípulos individuais foram selecionados e treinados por um mestre alquimista, à maneira dos misteriosos Rosa-Cruzes do século XVII. Sabemos que eles tinham assistentes e aprendizes — pois quem teria mantido os fogos alimentados nas fornalhas, e lavado os intermináveis tubos de vidro e utensílios de barro empregados na calcinação, na separação e na destilação? Ou quem teria executado as mil e uma coisas servis que hoje são realizadas com tanta facilidade que raramente temos que nos ocupar delas? Mas se esses assistentes foram encorajados ou não a estudar ou a conquistar as disciplinas e os procedimentos necessários — eis uma questão problemática.

Na vasta literatura sobre o assunto, nunca descobri nada que pretendesse demonstrar os princípios fundamentais. A alquimia tradicional, com a sua ênfase na piedade, no segredo e na alegoria, é sabidamente obscura. No correr dos anos, encontrei muitos homens que podiam escrever uma boa linha sobre a alquimia, mas nada de prático jamais lhes saiu da pena. Nenhum voluntário se apresentou para demonstrar as suas verdades básicas num laboratório ou sobre o forno de cozinha. Nenhum — até que encontrei o autor deste Manual, alguns anos atrás. Nenhum — até que li a primeira edição limitada deste Manual, que literalmente vale o seu peso em ouro.

A propósito, poucos anos atrás escrevi algo em recomendação a este manual, mas expressei algumas críticas ao seu estilo literário, à sua forma de expressão e aos seus inúmeros erros tipográficos. Minha atitude foi tola e arrogante. Pois mesmo se, teoricamente, o livro estivesse escrito no pior estilo possível, ele ainda assim seria

uma obra-prima única e genuína. Se esta obra não tivesse sido escrita e publicada, seríamos nós os perdedores. Ela ensina com clareza, simplicidade e precisão os meios técnicos pelos quais a circulação menor pode ser alcançada. E constitui uma revelação para aqueles que ainda não foram apresentados a esse método de manipular ervas. A Grande Obra é essencialmente uma extensão do mesmo processo, das mesmas técnicas, com a mesma filosofia universal. Muitos alquimistas dos tempos antigos teriam dado os dentes caninos — ou certamente uma pequena fortuna — por essa informação. Muitos poderiam ter-se esquivado do desastre e da destruição se tivessem tido conhecimento dos dados contidos neste Manual.

As descrições dos processos alquímicos não são facilmente compreendidas nos termos da química moderna. Isso não quer dizer que algum treinamento formal na escola superior ou no primeiro ano da universidade não seria útil. Esse treinamento forneceria, pelo menos, a destreza no uso do equipamento utilizado também na alquimia. Mas, mesmo se fosse possível traduzir um sistema na terminologia do outro, os alquimistas temem revelar demais, com muita facilidade ou muito rapidamente — abrindo assim o caminho para abusos. O homem moderno mostrou ser um adepto da arte de abusar da natureza, como toda a nossa ênfase atual na ecologia e na poluição ambiental o tem indicado. Portanto, os alquimistas têm justificativas consideráveis para as suas dúvidas e para o modo alegórico de expressão que deliberadamente escolheram.

Mas não se iluda. Por mais simples que seja este livro, a alquimia é um duro feitor. Ela demanda paciência e laboriosa devoção. Não existe nenhum atalho simples ou fácil para a Grande Obra. Grande dedicação aos propósitos, sinceridade e boa vontade, esses são os requisitos necessários para trilhar sem trégua este caminho — custe o que custar.

Um dos mais antigos alquimistas afirmava que o processo fundamental é tão simples que mesmo mulheres e crianças poderiam realizá-lo. Talvez! Somente depois que alguém chega à outra margem, por assim dizer, é que pode compreender que “a não ser que vos torneis como crianças não podereis entrar no reino do céu”. Entretanto, esforço, trabalho e orações — ou seus equivalentes — são necessários para alcançar o estado de inocência capaz de atingir os objetivos da alquimia. Nem todos foram abençoados com uma estrutura genética ou psicológica especial, ou com perseverança, ou com a graça de Deus para descobri-los.

Mas, se você deseja realmente aprender os princípios básicos da alquimia prática, aqui estão eles neste maravilhoso Manual. Em todos os meus longos anos neste movimento, jamais encontrei um outro livro que fosse tão claro ou tão útil. Quarenta anos atrás, eu o teria achado muito mais intrigante e iluminador do que o pesado e maçudo livro do Sr. Arwood sobre o qual exercitei os meus dentes do siso. Estude-o — e trabalhe nos processos descritos. A prática é muito mais gratificante e iluminadora do que as elocubrações estéreis. *Ora et labore. Ore e trabalhe — mas trabalhe.* Sem isso você jamais poderá começar. E este livro descreve *como* se pôr a trabalho, e com quê.

ISRAEL REGARDIE

Prefácio

À Primeira Edição

Este pequeno volume foi preparado sob grandes dificuldades, em virtude da imensa extensão do assunto e da conseqüente necessidade de abreviar material de muito valor. E no entanto é quase impossível condensar esta apresentação do conhecimento arcano sem correr o risco de causar grande confusão na mente do leitor.

Para o neófito do caminho, a Alquimia representa indubitavelmente uma grande busca. Para auxiliar um pouco o começo de seu estudo, o conteúdo deste livro — na opinião do autor — representa uma ajuda sob a forma de um essencial, posto que simples, esboço para a prossecução da prática alquímica em laboratório.

Quem não conseguir compreender o que se segue não tem outra alternativa senão esquecer o assunto por ora.

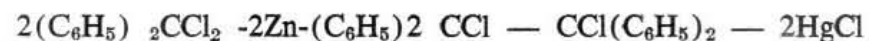
Posso sentir a repulsa que me aguarda provinda dos estudantes das ciências abstratas, e sua acusação de empirismo, por apresentar este manual. Contudo, isso não justifica uma apologia de minha parte para o que é exposto nestas páginas. Esta obra representa uma sincera convicção baseada na experimentação prática num laboratório de universidade, assim como em testes e pesquisas extensos em meu laboratório particular, montado originalmente com a firme crença na verdade a descobrir nos ensinamentos secretos dos Alquimistas — especialmente os de Paracelso e Basílio Valentino e dos autores da *Collectanea Chemica*.

As descobertas da Era Atômica deveriam ter facilitado em parte a rejeição de alguns dos preconceitos que foram sustentados no passado, mas esses mesmos preconceitos são ainda parcialmente mantidos por um critério incongruente.

Por que é tão desarrazoado pretender — deixando de lado a percentagem esmagadora dos charlatões e impostores que se cha-

maram a si mesmos de Alquimistas — que homens como Paracelso e Valentino falaram a verdade sobre suas descobertas? Será talvez devido ao que pode parecer uma absurda terminologia entremisturada com simbolismo metafísico?

Suponhamos, então, que isso representa um dos argumentos principais. Um “Leão Vermelho” ou uma “Cauda de Pavão” torna-se, por conseguinte, um impossível absurdo infantil, pela simples razão de que, na terminologia técnica corrente, uma combinação de palavras como “biclureto tetrafeniletileno”¹ é uma expressão padronizada no mundo da ciência. Tais combinações de letras e números não constituem nenhum enigma para um iniciado nas maravilhas da química. Quando um termo como “biclureto tetrafeniletileno” é expresso por meio de seus símbolos químicos como:



tal termo faz sentido para o químico. Contudo, para o leigo, a fórmula representa apenas um amontoado sem sentido de letras e números. A terminologia química, da mesma maneira, não faz nenhum sentido para ele.

Valentino, que, como Paracelso, partilha a fama como Pai da Química e da Medicina Moderna, escreve a propósito de si mesmo: “Embora eu tenha um estilo peculiar de escrever, que parecerá estranho a muitos, produzindo bizarros pensamentos e fantasias em seus cérebros, mesmo assim tenho razões para fazê-lo; digo apenas o que posso sustentar por minha própria experiência, não me fiando na tagarelice alheia, porque ela é encoberta pelo conhecimento, e o ver predomina sempre sobre o ouvir, e a razão tem a palma diante da loucura”.

Para o cientista, isso talvez rescenda demais a empirismo e será desdenhosamente rejeitado por ele.

Será realmente tão desarrazoado aceitar o simbolismo e as combinações de palavras dos Alquimistas da Idade Média à mesma luz com que agora nos fiamos nas asserções da ciência?

O que precede merece sem dúvida uma resposta honesta.

Nas páginas seguintes, se as minhas hipóteses se tornarem evidentes ao leitor, possam elas representar uma tentativa de manter a

1. Um dos derivados halogêneos aromáticos.

tocha cintilando nestes tempos de trevas estíguas. Séculos atrás essa chama foi acesa pelos Alquimistas, cujos nomes serão eventualmente honrados pelos filhos daqueles que hoje fazem vãos esforços para ridicularizá-los.

Já se prevê que este guia não verá uma edição de grande tiragem, pois apenas uns poucos quererão possuir uma obra sobre um assunto que caiu em tão má reputação. No entanto, aqueles que tentaram alguma vez dar início às experiências em seus laboratórios, no propósito de descobrir se há de fato alguma verdade a ser revelada na Alquimia, encontrarão uma ajuda bem-vinda e talvez valiosa em seu conteúdo. Não há nenhuma dúvida na mente do autor de que os estudantes sérios e preparados podem realizar o que foi esboçado nestas páginas.

Muitos anos se passaram desde a elaboração do presente manuscrito. Após a devida deliberação, considerou-se oportuno enviá-lo agora ao impressor, para que outros possam dele beneficiar-se.

Que ele se torne o que o título indica, ou seja: um guia prático para os noviços alquimistas.

Com profunda Paz,
FRATER ALBERTUS

Salt Lake City, Utah, EUA

6 de maio de 1960.

Prefácio

À Segunda Edição Revisada

É com gratidão que agradecemos a Stanley Hurbert e Percy Robert Bremer, ambos estudantes da Sociedade de Pesquisas Paracelso, por seu empenho em revisar a primeira edição do *Guia Prático de Alquimia*. Foi de grande valia o auxílio por eles prestado a esta segunda edição, pois a primeira saiu repleta de erros tipográficos e gramaticais. Embora as provas finais tivessem sido lidas, as correções não foram executadas. Esses erros foram agora corrigidos.

Espera-se que, seguindo-se cuidadosamente as instruções, os resultados práticos a serem obtidos ajudem os estudantes sérios de Alquimia com manifestações visíveis em seus laboratórios. Que esses resultados podem ser obtidos está fora de questão, como muitos dos aprendizes que estudaram a alquimia prática na Sociedade de Pesquisas Paracelso poderão testemunhar. Isso se aplica não apenas à Obra Menor com plantas, mas também aos minerais e os metais.

Mais de uma década de trabalho prático em laboratório ensinado abertamente sem nenhum manto de segredo ou qualquer juramento de silêncio deverá representar a evidência da validade desta obra.

FRATER ALBERTUS

Capítulo I

INTRODUÇÃO À ALQUIMIA

O que é a Alquimia? Esta é a primeira e mais vital questão a ser respondida antes que o estudo das páginas seguintes seja empreendido. Essa questão pode ser respondida para a satisfação da mente indagadora, mas o folhear negligente deste livro será em vão. Se o leitor não tem nenhum conhecimento prévio da Alquimia e, além disso, nenhum conhecimento oriundo do estudo consciencioso a respeito do misticismo, do ocultismo ou dos assuntos correlacionados, a resposta à questão acima terá pouco sentido. O que é, então, a Alquimia? É “o aumento das vibrações”.

Por essa razão, não seria sensato tentar experimentos com as indicações de laboratório que se seguem. Essas experiências destinam-se apenas àqueles que dispenderam um tempo considerável na pesquisa espagirista e que provaram a si mesmos que o esforço sincero triunfou e que esse mesmo esforço ainda motiva a sua verdadeira busca do maior dos arcanos, o *lapis philosophorum*. Como todos os estudantes da literatura alquímica já puderam perceber que o processo exato para alcançar o *opus magnum* jamais foi completamente revelado em linguagem simples, ou publicado, apreciarão eles o fato de que aqui é oferecida uma descrição detalhada da circulação menor.

Na Alquimia, existem a circulação menor e a maior. A primeira diz respeito ao reino herbáceo e a segunda ao mais cobiçado de todos eles, o reino mineral (metálico). Uma correta compreensão, e não apenas um mero conhecimento, do processo herbáceo abrirá a porta ao grande Arcano. Meses e anos de experiências no laboratório alquímico demonstrarão a verdade dessa afirmativa. O fato de que a Alquimia é obra de uma vida será aceito por aqueles que dispenderam meses e anos atrás de livros e retortas. É esse fato sig-

nificativo que provê nossa arte espagirista com tal armadura que nenhum materialista pode perfurar. Se não se destinasse à purificação, à purgação e ao amadurecimento do futuro alquimista durante um grande lapso de tempo, tal como à do sujeito com que está trabalhando, como poderia a Alquimia ser mantida longe do profano e do indigno? Apenas aquilo que suporta a prova do fogo sai purificado. O fato de que ainda há um manto de segredo cobrindo os processos alquímicos e de que tal situação ainda precisa permanecer assim terá que ser aceito pelos alquimistas aspirantes. A cobiça pessoal não tem lugar na Alquimia. O objetivo de todos os Adeptos verdadeiros é trazer alívio à humanidade sofredora em sua miséria física e espiritual. A não-aceitação desse princípio exclui automaticamente o aspirante do círculo de Adeptos.

Meus colegas médicos, assim como os químicos farmacêuticos, não concordarão comigo quando lerem o que segue. Isso deve ser dado como certo e, de fato, assim tem sido, porque o que aqui apresentamos é muito estranho aos ensinamentos padronizados das atuais faculdades de medicina. Como eu concordo com eles, em seus termos, é justo perguntar o que eles pensam do conteúdo deste livro nos termos de um alquimista. Se isso é impossível, então o livro deve ser posto de lado por enquanto e deixado em esquecimento até poder ser examinado por uma mente aberta e livre de preconceitos.

Não se faz aqui nenhuma tentativa de escrever sobre terapêutica alopática. Deixamo-lo aos especialistas versados nesse ramo particular de cura. Escrevo aqui sobre Alquimia, mercê dos anos de estudos e experiências que precederam a redação deste livro, e mercê da obra que com toda probabilidade continuará a ser executada. Como o escopo da Alquimia é imenso demais, uma encarnação terrestre em muitos, se não em todos os casos, é um tempo insuficiente para a realização plena da obra. Trilhando o caminho do alquimista, deparamo-nos com muitas atribulações que envolvem tempo, dinheiro, sofrimentos — para mencionar apenas alguns dos passos difíceis. O aspirante deveria portanto refletir bastante antes de empreender essa penosa experiência, pois se ele não estiver preparado tudo resultará em fracasso.

O processo em ambas as circulações, a menor e a maior, não é basicamente dispendioso. Na verdade, é relativamente insignificante. Mas antes que esse estado possa ser atingido, muito tempo, dinheiro e esforço poderá e muito provavelmente será dispendido. É por essas razões que fazemos um veemente apelo ao aspirante para que não

se aventure precipitadamente na Alquimia, para que não se imagine sentado em perfeita saúde pessoal, no fim de um arco-íris, com o mundo aos pés e com potes cheios de ouro reluzente. Isso não passa de ilusão e constitui apenas uma sensacional e encantadora fada morgana; tal ilusão não satisfará a alma. Há mais a ser obtido na Alquimia do que vanglória. Isto, de fato, ela não poderá oferecer-nos. A vanglória está tão longe dos seus verdadeiros objetivos quanto o dia da noite. Assim, estamos de volta à afirmação simples apresentada no início deste capítulo: “A Alquimia é o aumento das vibrações”. Aquele que não vê nenhum sentido nesta sentença aparentemente insignificante não tem nenhum direito de tentar a experimentação alquímica. Tal pessoa assemelhar-se-ia àquela que afirma que, por conhecer todas as letras do alfabeto, pode, por conseguinte, ler qualquer idioma, visto que todos eles se escrevem com as mesmas letras. Mas poderá ela ler com compreensão quando as letras estão em ordem diversa, formando palavras de idiomas diferentes? Um químico pode conhecer todas as fórmulas e todas as abreviações da terminologia química, mas compreenderá ele também o que elas são realmente? A sua origem real? O seu estado primeiro? Deixaremos a quem de direito a tarefa de respondê-lo. Se todas as afirmações precedentes não desencorajam o aspirante, fazendo-o fechar o livro e pô-lo de lado com desagrado, talvez então a nossa obra o ajude a descobrir-se neste universo, propiciando-lhe paz e alegria à alma. A filosofia hermética, com o seu arcano prático, repete-se outra e outra vez no antigo axioma: “Como em cima, tal é embaixo. Como embaixo, tal é em cima.”

Perguntar-se-á se as referências históricas aos Alquimistas do passado têm um lugar nestas páginas. Existem muitos livros já publicados que se encarregaram de elaborar a história e o romance da Alquimia. Por essa razão, nenhuma tentativa se faz aqui para acrescentar algo ao imenso material biográfico que tais livros subministram. Nossa ênfase incide, antes, na experimentação alquímica de hoje, conduzida de acordo com as práticas seculares. Nosso objetivo nestas páginas é tentar demonstrar e revelar a verdade da Alquimia em linguagem moderna, permanecendo no entanto em harmonia com as regras e rituais antigos, de acordo com o Juramento do Alquimista. A prática da Alquimia, não apenas nos tempos antigos, mas também em nossos próprios dias, só pode ser empreendida com grande solenidade. Ilustra-o perfeitamente o seguinte juramento extraído do *Theatrum Chemicum Britannicum* (Londres, 1652). Esse juramento, com algumas pequenas modificações de forma, é ainda utilizado pelos Adeptos de hoje:

"Regozijarás, se receberes de mim, amanhã,
O Sacramento abençoado, neste Juramento,
Evitando revelar o segredo que te ensinarei,
Por ouro ou prata, durante toda a vida,
Pelo amor à família ou por dever ao nobre,
Seja pela escrita ou pela fala efêmera,
Comunicando-o apenas àquele que
Jamais buscou os segredos da Natureza?
A ele podes revelar os segredos da Arte,
Sob o Manto da Filosofia, antes de tua morte."

Mais cedo ou mais tarde, muitos estudantes experimentam o desejo de descobrir um Adepto para dele tornarem-se pupilos ou discípulos. Mas por mais sincero que seja esse desejo, é fútil para o estudante tentar localizar um professor versado no Grande Arcano. "Quando o pupilo estiver pronto, o Mestre aparecerá." Esse antigo preceito ainda é verdadeiro. Pode-se buscar, pode-se aspirar, pode-se trabalhar e estudar com afinco até altas horas da madrugada, e no entanto não há nenhuma evidência de que o adepto jamais atingirá essa jóia sem preço: o Grande Arcano. Para alcançá-lo, requer-se mais do que mero estudo. Um coração honesto, um coração puro, um coração verdadeiro, um coração benévolo e contrito realiza mais do que todos os livros de ensino poderiam oferecer. No entanto, bastante estranhamente, o estudo deve acompanhar as virtudes acima citadas. Sem um conhecimento e uma compreensão das leis naturais e seus correspondentes paralelos espirituais, ninguém poderá jamais ser verdadeiramente chamado de Alquimista ou Sábio.

Não estou tentando vindicar a Alquimia. Ela não precisa de vindicação. Estou advogando a verdade da Alquimia, pois essa é uma experiência maravilhosa de se realizar. Experimentar! Compreender! Descobrir "a luz que brilha na escuridão".

Tudo o que precede pode parecer desencorajador. Talvez uma dúvida opressiva esteja pesando sobre o coração do amante da Pesquisa Alquímic. Qualquer que seja a causa ou quaisquer que sejam os seus efeitos, uma tremenda responsabilidade está vinculada a tal Pesquisa. Aquele que leu sobre as vidas dos Alquimistas terá descoberto que muito amiúde vários anos se passaram antes que o seu objetivo fosse alcançado. Nem todos foram tão afortunados quanto Irineu Filaletes, que, como ele próprio escreveu, atingiu a grande bênção em seu vigésimo terceiro ano na forma do *lapis philosophorum*. Muitos tiveram que esperar outra encarnação antes de mostrarem-se dignos e prontos para recebê-la. Mas, se todas as dúvidas

forem rejeitadas e se uma firme Crença transformar-se em poderosa Fé, então esse momento rápido que produz o conhecimento ajudará eventualmente alguém a chegar a "Entender", a "Compreender" a unidade do universo, o segredo que se oculta atrás da Criação e a expansão da consciência Cósmica.

Isso nos leva às questões naturais: "Qual é o segredo da criação? Em que consiste a força da vida?" Essas questões devem ser respondidas antes que o futuro Alquimista possa realizar o que quer que seja em seu laboratório.

Como tudo que cresce provém de uma semente, o fruto deve estar contido em sua semente. Tenha isso em mente, pois aqui repousa o segredo da criação. O crescimento do espécime, como se disse antes, consiste no aumento das vibrações. Ervas, animais, minerais e metais, tudo cresce a partir da semente. Compreender este segredo da natureza, que é geralmente apenas parcialmente revelado à humanidade, constitui o principal tema teórico da Alquimia. Uma vez isso entendido, cumpre-nos apenas atingir a compreensão adequada para obtermos resultados quanto ao crescimento ou aumento do espécime, o que não é outra coisa senão transmutação. Se podemos auxiliar a natureza em seu objetivo último, o de levar seus produtos à perfeição, então estamos em harmonia com suas leis. A natureza não se ofende com um esforço artificial, ou com um atalho para chegar à perfeição. Exemplifiquemos: a semente de um tomate pode ser semeada ao final do outono. A neve e o gelo podem cobri-la durante o inverno. Mas nenhum tomateiro crescerá durante esse tempo, ao ar livre, em temperaturas gélidas. Contudo, se a mesma semente é semeada onde há suficiente calor e umidade, e se é colocada na matriz adequada, ela então se transformará numa planta e dará frutos. Isso não contraria a natureza. Está em harmonia com as leis naturais. Pois fogo (calor), água, ar e terra é tudo de que necessitamos para fazer uma semente crescer e dar o seu fruto predestinado. A força da vida não se origina do fogo, da terra, do ar ou da água. Essa força da vida é uma essência à parte que preenche o universo. Essa essência, ou quinta essência (quintessência), é o objetivo verdadeiramente importante que o alquimista procura. Ela é a quinta das quatro: fogo, água, ar e terra, e é a mais importante que o alquimista procura descobrir e então separar. Ocorrida a separação, a resposta àquilo que repousa atrás do segredo da criação manifestar-se-á parcialmente na forma de um vapor denso como fumaça que se transforma, após passar por um tubo condensador, numa substância aquosa de cor amarelada que tem em si algo

oleoso que colore a água extraída. Essa substância oleosa, ou Sulfur alquímico, é tão essencial aos preparados alquímicos quanto o Sal e a Essência. Não quero aprofundar esse ponto, pois ele será tratado mais explicitamente noutra parte.

Certas frases e sentenças serão diversas vezes repetidas neste livro. Tal repetição não é arbitrária; as frases foram propositadamente inseridas a fim de enfatizar mais fortemente certos pontos importantes. Muito do que está escrito aqui deve ser relido muitas vezes para que se possa levantar o véu. Isso só pode ser alcançado individualmente pelos diversos estudantes. O que segue será descoberto quando a experimentação prática ocorrer no laboratório.

Vejamos agora o laboratório do alquimista. Ele toma freqüentemente um sinistro colorido quando a imaginação dos homens corre à solta. Mesmo hoje, as pessoas pretensamente religiosas estão inclinadas a comentar a Alquimia em voz baixa, porque, como afirmam, ela é obra do demônio. A ignorância é uma bênção para alguns, e ninguém tem o direito de arrancar o próximo de sua bem-aventurança. Devemos ignorar aqueles que têm escrúpulos religiosos contra a Alquimia, pois não tencionamos converter ninguém. Nosso objetivo aqui é ajudar o alquimista aspirante em sua laboriosa caminhada. Essa caminhada começa no laboratório. Tudo no laboratório gira em torno do fogo ou de sua emanção: o calor. O resto consiste em uns poucos balões de vidro, um condensador, e alguma engenhosidade. Isso parece muito simples e de fato o é. Mas, e os outros instrumentos que se amontoam num laboratório alquímico, como as pinturas nos fazem acreditar? Assim como um artista precisa apenas de tela, tinta e pincéis para pintar um retrato, mas pode acrescentar um número indefinido de outros objetos ao seu estúdio, da mesma maneira pode o alquimista lançar mão de outros equipamentos que considerar apropriados. Não há dúvida de que ele procura experimentar e investigar em profundidade os mistérios, a fim de revelá-los um após o outro. Quando a alma anseia pela verdade e pela descoberta das leis da natureza, a sua pesquisa não termina senão depois de atingida a última revelação.

Onde se deve localizar o laboratório? Como pode alguém praticar a Alquimia numa cidade superpovoada? Essas questões deverão ser respondidas individualmente pelos diversos estudantes. Um canto no sótão ou um espaço no porão será suficiente, desde que haja uma fonte contínua de calor disponível. Aquele que deseja praticar a nossa obra espagirista deverá fazer todo o trabalho por si mesmo. Que afortunado! De que outra forma poderia ser? Como poderia

alguém apreciar a experiência, se não chega ao ponto crucial do conhecimento por seus próprios esforços? Já se falou bastante a respeito das fadigas e dos desapontamentos que o estudante sem dúvida encontrará. Se ele, a despeito dessas dificuldades, ainda deseja penetrar os portais do templo sagrado do espagirista, encontrará um guia bem-vindo nas páginas seguintes. Elas revelam, em linguagem simples, o processo da circulação menor.

Aqueles que desejam uma descrição completa, em linguagem semelhante, do Grande Arcano, esperarão em vão. Tal descrição não pode ser dada. Não é permitido. Mas — e isso é da maior significação —, aquele que pode realizar em seu laboratório o que as páginas a seguir apresentam por meio de instruções, esse poderá seguramente realizar o Grande Arcano, *se estiver pronto*. A preparação pode levar anos e mesmo décadas. Não se pode fixar nenhum limite de tempo. Alguns têm uma tendência natural ou herdada, ou um dom, para sondar os mistérios. Outros jamais conseguem penetrá-los. O “porquê” disso não é aqui explicado. Mas para aqueles que estão prontos para viajar pela estrada real da Alquimia, eu digo: “Paciência! Paciência! Paciência! Pensem e vivam correta e caridosamente e permaneçam sempre na verdade — naquilo que *vocês* honestamente acreditam ser a verdade”. Tal neófito não poderá falhar. Lembre-se, “Busca e acharás; bate e ela se abrirá para ti”.

A sabedoria dos sábios representa uma culminação de tudo em que é essencial os homens acreditarem, conhecerem e compreenderem. Aquele que atingiu tal estado de iluminação está na verdade em harmonia com o universo e em paz com o mundo. Para atingir este objetivo de iluminação, a batalha neste invólucro mortal não precisa ser de natureza violenta, como pretendem alguns; deveria ser, antes, uma atenção constante às possibilidades com que nos defrontamos em nossas vidas cotidianas, no propósito de elevar nosso mundo de pensamentos acima da labuta dessa vida de todos os dias e eventualmente descobrir a paz em nós. Se o indivíduo não passou pela Alquimia do eu interior, ou Alquimia transcendental, como tem sido chamada, descobrirá que é extremamente difícil obter resultados em sua experiência prática de laboratório. Ele pode produzir coisas de que nada sabe, deixando-as passar, conseqüentemente, como sem valor. Não basta apenas saber; é a compreensão que coroa nossa obra. É aqui que a sabedoria dos Sábios e Adeptos auxilia o indivíduo a compreender o que sabe mas não compreende.

Na Alquimia há apenas um caminho que leva aos resultados. O aspirante deve mostrar seu valor e a sua preparação adequada.

Essa preparação estende-se por muitos e variados aspectos, mas a maioria delas diz respeito à pesquisa da verdade. O estado mental vivo, desperto ou consciente deve estar imerso na honestidade que se revela em toda palavra e ação. Cumpre haver um amor para com a humanidade que não conheça nenhuma paixão, uma presteza para partilhar de bom grado com os outros as posses materiais e uma disposição para pôr as necessidades da humanidade acima dos desejos pessoais. Todas essas virtudes o indivíduo deve adquiri-las em primeiro lugar. Só então a sabedoria dos Sábios e Adeptos começará a fazer sentido. A Natureza tornar-se-á, então, uma companheira voluntária a servir-nos. O mundo, tal como passaremos a compreendê-lo, começará a tomar forma e figura, ao passo que anteriormente ele nos encobria com uma névoa que nossa visão não podia penetrar. Chegaremos a conhecer Deus. A iluminação espargirá luz por toda a nossa vida, e esta deixará de ser mera luta pela sobrevivência, pois o Divino terá penetrado nossos corações. A paz profunda residirá em nós e nos cercará no meio do alvoreço e da luta. A sabedoria dos Sábios nos ajudará a atingi-la. Mas apenas a nossa própria preparação e uma vida adequada nos darão os meios de obtê-la. Devemos nós mesmos fazer a obra, pois ninguém poderia fazê-lo para nós. Começaremos a compreender que nada é tão individual quanto parecia ser antes. *Nós* é o termo no qual pensaremos. *Nós*, Deus e eu, a humanidade e eu nos tornamos um só. O “eu” perde seu sentido; ele submerge no Tudo Cósmico. O “eu” torna-se muitos, como parte de muitos que têm seu fim em um. A individualidade, embora existindo ainda, torna-se “individualidade de todos”. Começamos então a compreender que o “eu” é apenas um segmento do Divino, uma entidade em si, mas não o si-mesmo verdadeiro, aquele que é Tudo, o Divino. Os homens iluminados, Sábios, Adeptos, ou qualquer nome que dermos àqueles que se tornaram iluminados, encontram-se no mesmo plano. Eles subiram ao topo da montanha. Deles é o domínio sobre o mundo embaixo. Eles podem ver o que aí acontece e o que acontecerá, graças à sua poderosa visão. Aqueles que estão no vale, confusos, agitados, perdidos entre os obstáculos, encontram-se perto demais do padrão dos eventos para percebê-lo. Os Sábios lêem a Natureza como um livro aberto impresso em tipo claro, cujas sentenças compreendem perfeitamente.

Os escritos que os Sábios nos deixaram são típicos para a correspondência de seus pensamentos e explicações. Todos concordam entre si. Apenas o não-iniciado acredita que pode detectar inconsistências e contradições aparentes, talvez por sua falta de compreensão. Exemplos pela precisão e profundidade são os sete pontos que tra-

tam dos conceitos rosa-cruzes emitidos durante uma palestra curricular extraordinário aos estudantes da Universidade Rosa-Cruz pelo eminente Soberano Grande Mestre daquela Ordem, Thor Kiimaletho¹, já falecido. O que segue é citado de sua conferência, “Os Conceitos Rosa-Cruzes Básicos”:

“1. A Origem do Universo é Divina. O Universo é uma manifestação e uma emanção do Ser Cósmico Absoluto. Todas as manifestações da vida são centros de consciência e expressões da Vida Cósmica na estrutura de suas limitações materiais. Há apenas uma Vida Única no Universo — a Vida Universal. Ela satura e preenche todas as formas, figuras e manifestações da vida.

“2. A alma é uma centelha da consciência divina no Universo. Assim como uma gota de água é uma parte do oceano e de toda a água, assim é a alma que se manifesta na expressão material uma parte da Alma única no Universo. No ser humano, ela desenvolve a personalidade e a expressão individual.

“3. A força da alma possui potencialmente todos os poderes do princípio divino em ação no universo. A função da vida sobre a Terra é proporcionar a oportunidade de desenvolver essas potencialidades na personalidade. Como uma encarnação sobre a Terra pode não ser suficiente, a personalidade deve retornar uma e outra vez para alcançar o desenvolvimento máximo.

“4. A lei moral é uma das leis básicas do universo. Podemos chamá-la também de princípio do Karma, o resultado da causa e do efeito, ou ação e reação. Nada há de vindicativo nesse princípio. Ele age impessoalmente como qualquer lei da natureza. Assim como o fruto está contido na semente, também as conseqüências são inerentes ao ato. Esse princípio guia os destinos dos homens e das nações. O homem que adquire tal compreensão tem o poder de controlar seu próprio destino.

“5. A vida tem um propósito. A vida não é desprovida de significação. A felicidade é uma coisa real e é um subproduto do conhecimento, da ação e da vida.

“6. O homem pode escolher livremente. Ele tem poderes tremendos para o bem e para o mal, que dependem de suas realizações conscientes.

1. Thor Kiimaletho concedeu ao autor a permissão para transcrever “Os Conceitos Rosa-Cruzes Básicos”.

“7. Como a alma individual é parte da alma universal, o homem tem acesso a poderes que não conhece, mas que o tempo, o conhecimento e a experiência gradualmente lhe revelarão.”

Os filósofos herméticos ensinaram os mesmos fundamentos, e assim o farão os filósofos do futuro, pois aquilo que constitui a verdade permanecerá verdade. Não se pode modificar tal fundamento. Mas as teorias dos homens e as suas opiniões, que alguns têm erroneamente como verdade, estão sujeitas a modificações. Porque alguém se chama a si próprio de filósofo não se transforma necessariamente em um. Só é filósofo aquele que tem um amor sincero pela sabedoria manifesta universalmente, e que se esforça de boa-fé para aplicá-la no dia-a-dia. Adquire-se a sabedoria por meio do viver virtuoso. A sabedoria é compreensão aplicada. A aquisição de um grau de Doutor em Filosofia, tal como o conferido aos graduados em instituições de ensino superior, não torna alguém um filósofo, como muitos dos que têm a posse desse grau acreditam em seu direito a tal título.

Estar familiarizado com a história da filosofia, as vidas e ensinamentos dos chamados filósofos é apenas um estudo e um conhecimento de seus conceitos universais e do que eles criaram. Ser um filósofo significa compreender e viver de acordo com essa compreensão, sabendo bem que apenas quando sem hesitação e sem apego a nossa fé na humanidade será justificada. Quando isso for compreendido, a Alquimia se tornará então algo real. A transmutação sempre ocorre num plano superior, e no mundo físico as leis não podem ser seguidas ou violadas sem produzir manifestações cósmicas. O Karma benéfico, se é justo usar esse termo, uma vez que o Karma é imparcial, é produzido pela aplicação harmoniosa das leis naturais. Essas leis naturais devem ser seguidas se, de acordo com resultados predestinados, desejamos obter o que a natureza decretou.

Se o que precede mesmo em sua forma condensada fez algum sentido ao estudante da Alquimia, então deve ficar claro por que a gema alquímica, que todos os alquimistas desejam produzir, foi chamada de *Pedra Filosofal*. Quão freqüente é utilizarmos palavras e não lhe darmos nenhuma significação apenas porque somos incapazes de compreendê-las!

Capítulo II

A CIRCULAÇÃO MENOR

É difícil entender a terminologia alquímica. O noviço sem preparação mental e espiritual adequada interpreta normalmente os símbolos espagiristas à sua própria maneira, iniciando assim uma penosa trilha de interpretações errôneas que apenas anos de laboriosa experiência podem remediar. É certo dizer, e a experiência já o demonstrou, que todos os principiantes na Alquimia se empenham em obter a Pedra Filosofal. Ainda que esse objetivo possa ser justificado, não obstante, sem a preparação adequada, ele é normalmente abandonado quando após um espaço de tempo relativamente pequeno de experimentação nenhum resultado se torna manifesto. Então a Alquimia é condenada, chamada de fraude, ou de nomes semelhantes, e estudantes outrora sérios, por falta de preparação adequada, desmerecem o valor daquilo que não entendem.

Neste capítulo de experimentação laboratorial prática, o iniciante será *pacientemente instruído* sobre como obter as verdadeiras tinturas, extratos e sais herbáceos alquímicos. Como percebeu o leitor, a expressão “pacientemente instruído” foi enfatizada. É conveniente iniciar esta instrução pondo diante do Neófito o primeiro requisito da prática laboratorial alquímica, a saber, a **PACIÊNCIA**. Essa palavra deveria ser pintada em grandes letras e dependurada sobre o Athanor¹ do alquimista. É incompreensível que alguém possa realizar alguma coisa num laboratório alquímico sem a máxima paciência. Mais tarde, a experiência pessoal possibilitará ao iniciante uma plena compreensão desse importante vocábulo. Se, portanto, o Neófito se acredita suficientemente dotado dessa virtude, abrirei de

1. Esta palavra foi utilizada por Paracelso para designar o forno no qual o fogo se mantinha aceso.

muito bom grado a porta de meu laboratório e guiarei o estudante sério em seu olho mental pelos vários processos que são necessários para obter os resultados desejados.

Como Apanhar e Preparar as Plantas

As diferentes partes das plantas devem ser colhidas quando os seus sucos peculiares forem mais abundantes.

Cascas

As cascas de tronco, ramos ou raízes devem ser peladas de árvores jovens no outono ou no início da primavera. Após ter raspado a porção exterior da casca, corte-a em pequenos pedaços e coloque-a à sombra para secar.

Raízes

Devem ser desenterradas após a queda das folhas, que é a época em que toda a força refluíu para a raiz. Mas, melhor ainda, desenterrá-las no início da primavera, antes que a seiva suba.

Sementes e Flores

Apenas depois de estarem completamente maduras e em plena florescência as sementes e as flores, respectivamente, devem ser colhidas. Seque-as então imediatamente à sombra.

Plantas Medicinais

Para melhores resultados, devem ser apanhadas quando em florescência, mas podem ser colhidas em qualquer tempo antes do início do inverno. Seque-as imediatamente à sombra.

Folhas

As folhas devem ser apanhadas enquanto a planta está em flor. Seque-as imediatamente.

Frutas e Frutas Silvestres

Devem ser apanhadas quando plenamente maduras. Seque-as imediatamente.²

2. O estudante adiantado aprenderá mais tarde em que tempos planetários as ervas devem ser apanhadas.

Um dos melhores métodos para secar as ervas é espalhá-las em pequenos pedaços sobre papel limpo, preferivelmente no chão, e por onde passe uma constante corrente de ar fresco.

As ervas, ou todos os medicamentos vegetais, devem ser mantidos em lugar seco e escuro. Para guardar os pós, as latas de estanho são preferíveis a outros recipientes. As raízes conservam-se melhor em garrafas de vidro escuro, pois estas as protegem da ação da luz.

Suponhamos então que a erva conhecida como Erva Cidreira ou Melissa (*Melissa officinalis*) tenha sido escolhida. Após a seleção da erva desejada, da qual os poderes medicinais alquímicos serão extraídos, devemos considerar os meios principais para a obtenção do extrato. Tais meios são os seguintes:

1. Maceração

A erva fresca ou seca é colocada em água e deixada em repouso na temperatura ambiente.

2. Circulação

A erva fresca ou seca é circulada (filtrada). Isso é feito colocando-se um condensador sobre um balão de vidro que faz a mistura condensar-se e gotejar no recipiente inferior. Repete-se então esse processo, que é conhecido também como refluxo.

3. Extração

A erva fresca ou seca é posta num dedal e ambos são colocados num Extrator Soxhlet para extração.

Qualquer dos três procedimentos pode ser utilizado para se obter um extrato. Água, Álcool ou Éter podem ser utilizados como meio de extração (mênstruo).

Os três meios citados são empregados sobretudo na obtenção do extrato ou da tintura. Uma tintura derivada de uma destilação com água não contém tanta essência essencial da erva quanto o extrato herbáceo macerado, obtido pela imersão em álcool ou éter. Para obter toda a essência possível, incluindo a substância oleosa inerente à erva, o último método, o de extraí-la num aparelho de extração (Soxhlet ou outro) é preferível.³

3. Abordaremos esse assunto num capítulo posterior.

Após a extração da essência, a erva permanecerá qual resíduo morto do qual a vida foi retirada sob a forma de essência líquida, por meio de um dos métodos mencionados acima. Essas fezes, como são chamadas, ou, em linguagem alquímica, *Caput Mortum*, isto é, “cabeça morta”, são recolhidas e queimadas até se transformarem em cinzas. Isso é realizado tomando-se o resíduo e depondo-o num prato de cerâmica ou argila que é colocado sobre o fogo. O conteúdo do prato é queimado até atingir a cor negra, após o que ele assume gradualmente uma cor cinzenta e brilhante. Após as cinzas se terem tornado brilhantes, elas são colocadas num almofariz e trituradas até se reduzirem a um pó fino, utilizando-se para isso um pilão.

É aqui que as diferenças entre os procedimentos medicinais alopáticos, homeopáticos e bioquímicos se tornam evidentes. A terapêutica alopática utiliza geralmente tinturas ou sais (alcalóides), ao passo que as terapêuticas homeopática e bioquímica utilizam sais (minerais triturados). O triângulo ajuda a explicar a necessidade de uma conjunção da essência e do sal para se obter uma genuína manifestação que só a Alquimia pode produzir. Para ilustrar:



Se uma erva, imersa ou posta em infusão em água fervente, produz um chá que ajuda a remediar as desordens físicas, muito mais efetivas devem ser as manifestações de um extrato, ou ainda da conjunção de extrato e sal, no corpo humano. Convém apresentar aqui, para posterior demonstração, os três reinos principais da natureza em seu relacionamento característico, quais sejam, reinos vegetal, animal e mineral. Um erro comum que se cometeu e ainda é cometido consiste em misturar essência vegetal com sais animais ou minerais. Com cada essência constitui uma esfera separada ou grupo vibratório, a mistura desses recipientes não adequadamente harmonizados não produzirá nenhuma manifestação. Esse fato é importante

especialmente quando se produzem elixires derivados do reino animal ou mesmo do reino mineral. É, sem dúvida, devido à concepção errônea desses princípios vitais da Alquimia que o furor estala entre os pseudo-alquimistas no momento em que não conseguem produzir nenhuma manifestação alquímica, embora em seus cálculos tais manifestações devessem ocorrer. É aparentemente impossível comunicar os princípios fundamentais aos recém-chegados à Alquimia sem a utilização da analogia. Por meio da concentração, pode-se produzir um veneno a partir de uma substância normalmente inofensiva. Por conseguinte, é também possível produzir, tendo como base a mesma substância, algo que é igualmente não-venenoso.⁴

Se o leitor seguir pacientemente pelo labirinto de tal contradição, ao final de seu caminho tortuoso ele sairá verdadeiramente triunfante; evitando cuidadosamente o preconceito e a interpretação errônea, ele será capaz de ver a luz. Naturalmente, a Alquimia é um processo lento. É evolução — aumento de vibrações. Não é um assunto que pode ser dominado apenas por meio de faculdades intelectuais.

Os dois princípios da Essência e do Sal foram, portanto, apresentados. Contudo, antes de empreender o próximo e difícil passo, o de juntar a Essência ao Sal (e assim produzir uma manifestação alquímica), umas poucas palavras a respeito do que a Essência e o Sal representam deveriam ser cuidadosamente analisadas pelo leitor.

- (1) A Essência (Quintessência) ou força ativa no reino vegetal é a mesma em todas as plantas vivas.
- (2) O Sal ou cinzas a que toda planta pode ser reduzida difere de uma planta a outra.

Esta essência, ou “Mercúrio”, como os alquimistas a chamam, é a energia doadora de vida que se manifesta em toda matéria. O mesmo Mercúrio existe em toda parte do reino animal, e o mesmo Mercúrio por todo o reino mineral. No entanto, e o leitor anotará este dado, por favor, embora o Mercúrio seja da mesma origem, no reino vegetal ele tem uma certa vibração, no reino animal, um grau vibratório mais elevado, e no reino mineral um grau ainda mais elevado. É por essa razão que o Mercúrio do reino vegetal não deve

4. A sabedoria é uma flor com a qual a abelha faz mel e a aranha, veneno, cada uma de acordo com a sua própria natureza. (Autor desconhecido.)

ser misturado com os sais de nenhum dos dois reinos. Cada um representa uma unidade autônoma. O animal come ervas e contrai ou cura doenças da mesma fonte. Quando a cura falha, apenas as curas de grau superior terão resultado. Contudo, é preciso observar que o Elixir superior não funcionará indefinidamente, se a mente não for mantida num estado condizente. Os humanos, que pertencem ao grupo animal, comem vegetais e carne. Portanto, eles podem ser curados com ambas, *i. e.*, com essências vegetais em seu primeiro estado, e mais adequadamente com o seu próprio Sal e Essência animais (arcano do sangue). Contudo, a forma mais potente de manifestação terrestre se produz a partir dos sais e essências providas dos minerais e dos metais. Em sua forma superior (e levado à perfeição apenas pelo homem), tal poder é conhecido como Pedra Filosofal. A Natureza, em sua ação, não produz o elixir de nenhum dos três principados. Qualquer que seja o elixir, herbáceo, animal ou mineral, ele só pode ser produzido pela arte. A Natureza não produz a Pedra Filosofal no mesmo sentido em que forma os cristais da terra.

Do que precede, o leitor deve ter bem claro em mente que existem:


1. Três reinos ou principados, a saber:
 - a. Vegetal
 - b. Animal
 - c. Mineral
2. Cada reino tem o seu próprio Mercúrio. Todos os três Mercúrios derivam da mesma fonte original, mas se manifestam sob diferentes vibrações em cada reino.
3. O Sal de cada manifestação vegetal difere de uma planta a outra. Isso também é válido para todos os Sais dos produtos animais e minerais.
4. As substâncias (Essência e Sal) não se devem misturar quando os elixires ou medicamentos alquímicos são preparados.
5. Os elixires alquímicos não são produtos de formação natural, mas de produção artificial.

Uma ilustração analógica adicional clarificará talvez um equívoco comum — por que o ser humano, pertencendo ao reino animal, não está acima também do reino mineral? O leitor terá em mente


que estamos tratando aqui dos aspectos físicos da Alquimia. Explicar por que os seres humanos são dotados de poderes de raciocínio que não se manifestam nos vegetais, minerais e metais levar-nos-ia à Alquimia transcendental. Estamos tratando aqui dos fenômenos físicos.

Se, pela sabedoria divina, o homem, como espécime mais elevado do reino animal, foi colocado no meio dos três reinos, ele o foi por necessidade, dado que nada na natureza se baseia no acaso. O homem segura a balança dos três reinos e pode partilhar de qualquer um deles, de acordo com a sua preferência, pois tem um laboratório alquímico em seu próprio corpo para transmutar matéria inorgânica em orgânica, e orgânica em matéria espiritual.⁵ Como essas são realidades com as quais nos defrontamos, devemos lidar com elas e tentar compreendê-las. Apenas as leis que são básicas e de valor cósmico verdadeiro entram na Alquimia. Não pode haver especulação na Alquimia. A Alquimia baseia-se em fatos, e com paciência, experimentação e perseverança o estudante sincero obterá esses fatos. Não há nenhum outro caminho além daquele que todos os Alquimistas trilharam, e esse é o caminho da experiência.

Os princípios fundamentais são os mesmos em toda a Alquimia. Eles se aplicam aos três reinos. Já que mencionamos o número três, pode-se afirmar agora que este número de manifestação será encontrado repetidas vezes na Alquimia. Quando, no que precede, apenas duas substâncias, o Mercúrio e o Sal, foram mencionadas, isso foi feito propositadamente, para não confundir o iniciante. Como há três principados ou reinos, há também três substâncias com as quais um Alquimista trabalha continuamente. Sem elas, nada se pode realizar na Alquimia. São o Mercúrio, o Sal e o Sulfur. Eles são representados pelos seguintes símbolos:

Sulfur 

Sal 

Mercúrio 

(Este é o mesmo símbolo utilizado para o planeta Mercúrio.)

5. O corpo humano contém alguns minerais inorgânicos em quantidades mínimas dos quais recebe nutrição de natureza altamente vibratória.

Como se explicou anteriormente, o Mercúrio alquímico não é o azougue comum. Tampouco é o Sulfur sulfúrico ou enxofre comum. Ou é o Sal sal de cozinha ou cloreto de sódio comum.

O Sulfur, isto é, o Sulfur alquímico, encontra-se normalmente em sua forma oleosa que adere ao Mercúrio. Ele pode ser separado através da destilação. Esta substância amarela é o Sulfur que a extração do álcool comum não libertou suficientemente. (No Sulfur metálico a diferença se tornará ainda mais evidente.)

No processo herbáceo, a separação do Sulfur do Mercúrio (Essência) não é tão essencial quanto na obra mineral. Por conseguinte, o iniciante não utilizará as três substâncias alquímicas separadamente, mas utilizará o Mercúrio e o Sulfur combinados e o Sal em separado. Os dois primeiros (que formam um líquido na extração herbácea) são acrescentados ao Sal, e dessa combinação resulta o remédio ou o elixir alquímico. Assim, por meio da arte, pode-se fazer um elixir a partir de qualquer erva, e o elixir será mais potente do que a tintura, o extrato ou o Sal tomados em separado, como o prescreve normalmente a terapêutica atual.

O que precede é uma tentativa de apresentar uma sinopse dos fundamentos da Alquimia, a teoria básica que sustenta todo o trabalho alquímico. O que segue é um exemplo de prática, ou melhor, uma apresentação do procedimento com o qual se obtêm elixires alquímicos de ervas. O processo utilizado na obra herbácea difere muito pouco do empregado com substâncias animais e minerais. Uma das diferenças consiste na não-separação do Sulfur do Mercúrio no processo herbáceo.

Nas instruções que seguem, presume-se que o noviço espagirista já possua um claro conhecimento do que as ervas são e que propriedades medicinais elas contêm. Apenas os estudantes equipados com esse conhecimento deveriam entregar-se ao trabalho prático de laboratório descrito nas páginas a seguir.

Capítulo III

O ELIXIR HERBÁCEO

No preparo do elixir herbáceo, utilizaremos as partes das ervas que contêm valor medicinal. Essas partes podem ser as folhas, as hastes, as raízes ou as flores, dependendo da erva particular utilizada. Isso pressupõe, naturalmente, algum conhecimento, pelos estudantes, das propriedades curativas das ervas. As ervas frescas devem em primeiro lugar ser secadas num local quente em que haja circulação adequada de ar. Se ervas frescas e não secas são utilizadas em nosso trabalho, descobrir-se-á que elas contêm muita água, e que essa água não tem valor para nós. Quando uma erva é secada, a essência e o sulfúrico permanecem nela e podem ser facilmente extraídos. A água contida nas ervas frescas misturar-se-á com álcool e servirá apenas para aumentar-lhe o volume. Portanto, cumpre ao estudante observar o seguinte procedimento:

1. Uma quantidade suficiente de álcool¹ deverá ser retificada.²

1. O álcool deriva de várias fontes. Ele pode ser obtido da cana-de-açúcar, de cereais, do milho, de batatas, de uvas, da madeira, para indicar apenas as fontes mais comuns. Portanto, nem todos os álcoois são iguais. Isso é especialmente significativo quando se trata da Alquimia. Quando nos referimos aos espíritos de cereais, falamos daquilo que é a essência do cereal. Assim, ver-se-á que o álcool é, portanto, o espírito ou essência que libertamos das várias fontes de que pode ser obtido. O álcool derivado da madeira é conhecido como metanol e é venenoso se ingerido. O álcool, ou espírito do vinho, é a melhor essência e a mais amadurecida do reino vegetal. É sabido que ele tem um grau vibratório mais elevado do que qualquer outra essência do reino vegetal, sendo, por isso, utilizado como mênstruo nas extrações de ervas.

2. Para retificar o álcool, proceda da seguinte maneira: Tome qualquer álcool puro não venenoso (190 espíritos de graduação) e destile a 78° C. Tudo que é destilado numa temperatura superior a 78° C não pode ser utilizado.

2. A erva selecionada para o uso deverá ser muito bem triturada num almofariz, até reduzir-se a um pó fino, para o que se utiliza um pilão.
3. A erva triturada³ é então colocada num dedal de um aparelho de extração. Junte a esse aparelho um frasco cheio pela metade com álcool retificado. Acenda então o fogo sob o frasco para iniciar a extração.

Um aparelho de extração Soxhlet consiste de três partes:

1. Frasco
2. Extrator e dedal
3. Condensador

O frasco fica na parte inferior. A seção média é o extrator, que contém o dedal (um cilindro de papel filtrante no qual colocamos a erva com que trabalharemos). O condensador é a seção superior, que repousa no extrator. Esse aparelho é ilustrado no desenho da página 37.

Tome tudo que foi destilado a não mais de 78° C e coloque-o novamente num frasco limpo. Redestile a 76° C. O produto deverá ser destilado novamente. Deve-se repetir a operação por sete vezes a partir da primeira destilação. O que resta tornar-se-á cada vez mais escuro a cada redestilação. Finalmente, o produto da última destilação será um álcool claro como cristal. (Não use metanol).

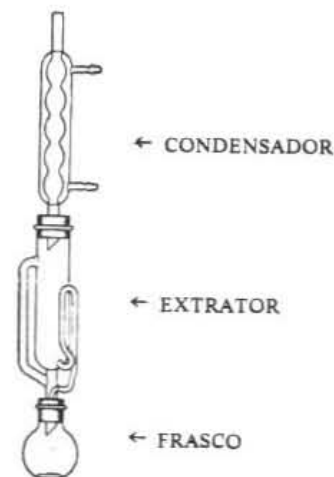
Há um outro método pelo qual o álcool pode ser retificado. Destile novamente álcool não-venenoso de graduação 190 a 78° C. A cada 1000 ml de álcool destilado, acrescente 25 gr de carbonato de potássio anidro. Deixe-o em repouso por 48 horas. Agite ocasionalmente. Destile o álcool mais uma vez a 76° C. O destilado será um álcool refinado.

O primeiro método acima mencionado é a maneira antiga de retificação. O segundo é utilizado hoje na química moderna. A experiência ensinará que método o alquimista deverá escolher.

3. Nosso álcool retificado que é suficiente para extrações herbáceas deve ainda sofrer outra preparação antes de ser empregado nas extrações minerais. Os espíritos refinados do vinho dos sábios diferem daquele descrito aqui para a extração herbácea.

Dever-se-ia mencionar também que no preparo de espíritos retificados de vinho, é preferível utilizar um vinho tinto, que será tanto melhor quanto mais velho. O vinho deveria ser um vinho puro não-fortificado. Todo vinho que contém mais de 17% de álcool por volume pode ser fortificado com álcool derivado de outros frutos além da uva. Quando esse é o caso e quando o vinho assim alterado é destilado, o destilado não apresenta espíritos puros de vinho. Por essa razão, os espíritos de vinho deveriam ser obtidos apenas do vinho que contém menos de 17% de álcool por volume, ou obtido apenas de aguardente de uva. Essa observação é de grande importância na Alquimia.

4. Após três ou quatro extrações, perceber-se-á que há uma alteração definida de cor no conteúdo do frasco. Se uma orla escura se formar no frasco, será necessário baixar o fogo, pois do contrário o Sulfur (óleo) se crestará e perderá sua eficácia. É preferível utilizar um banho-maria a uma chama direta, pois o banho-maria previne a crestação ou queima do óleo delicado (Sulfur) contido no extrato (Essência).
5. Quando o álcool que passa pelo tubo de sifão se torna eventualmente claro, esse é um indício de que a extração foi completada. O dedal deverá então ser removido e o seu conteúdo, colocado num prato de cerâmica ou porcelana. Coloque uma tela de arame sobre o prato e ponha fogo nesse resíduo, que se incandescerá imediatamente, devido ao fato de estar saturado de álcool. Deve-se tomar cuidado para que não haja outras substâncias inflamáveis por perto. Esse material deve ser calcinado até se transformar numa cinza negra. Triture-o e calcine-o novamente até obter uma cor cinza claro.⁴



(Este aparelho pode ser obtido a preços módicos numa casa de equipamentos químicos.)

4. Uma calcinação prolongada pode transformar a cor cinza numa cor avermelhada, a qual é naturalmente preferível, embora a sua obtenção requeira um longo tempo.

6. As cinzas calcinadas (Sal) são então colocadas no frasco inferior. Uma quantia suficiente de extrato é despejada sobre esse Sal. O frasco é recolocado no aparelho de extração e a circulação é iniciada. Esse processo deve continuar até que o Sal tenha absorvido a Essência e o Sulfur. O extrato no frasco inferior deverá tornar-se mais claro. Quando não houver mais nenhuma alteração na cor, o Sal terá absorvido tudo o que é possível. Se o extrato se tornar claro, retire-o do frasco e acrescente a Essência até que o Sal nada mais absorva.
7. Retire o frasco e remova o seu conteúdo. Este será então o elixir alquímico em seu primeiro estado. Quando quente, ele se transforma numa substância oleosa e liquefeita. Quando frio, ele se solidifica novamente.
8. O poder desse elixir pode ser aumentado se o calcinarmos num prato de calcinação. O elixir deverá então ser repostado no frasco do aparelho de extração, repetindo-se a circulação com a adição de mais um pouco da essência extraída. A cada vez que o processo for repetido, a potência do elixir aumentará.

O processo pode ser desenvolvido juntando-se as três substâncias num frasco de vidro, o qual deverá ser hermeticamente selado e submetido a calor moderado com vistas à digestão. Pode-se produzir, dessa maneira, uma "pedra" do reino vegetal. (Não se deve confundir essa pedra com a Pedra Filosofal.) Embora não seja absolutamente necessário produzir uma pedra vegetal, ela será no entanto de grande ajuda nas investigações alquímicas posteriores, especialmente se não estivermos familiarizados com a aparência de uma substância sublimada. A potência de tal "pedra" é muito maior do que a de qualquer medicamento na forma de um elixir, como o descrito anteriormente. Essa "pedra" herbácea atrairá, apenas por imersão, a Essência, o Sulfur e o Sal de outras ervas. Contudo, a produção dessa "pedra" não é necessária. Um potente medicamento pode ser preparado pelo processo já mencionado. Quando o primeiro resultado for alcançado e compreendido, as investigações subseqüentes continuarão a revelar mais e mais os segredos da Alquimia. Tais segredos podem ser experimentados pessoalmente e individualmente por todos os estudantes.

Aqueles que não têm meios de obter um aparelho de extração podem utilizar outro método que é muito mais simples no que diz

respeito ao equipamento necessário. Esse método foi originalmente descrito no *Alchemical Laboratory Bulletin*, n.º 1, 1960, e é reproduzido no material a seguir.

O que segue foi preparado para aqueles que estudaram ou leram sobre a Alquimia e estão agora se preparando para começar o trabalho no laboratório. Como esse trabalho se revelará uma tarefa muito interessante e iluminadora, não se deve empreendê-lo descuidadamente. Em primeiro lugar, a escolha de um local adequado para trabalhar é de grande importância. O espaço requerido não é grande. Um canto no porão ou no sótão, ou mesmo na garagem, servirá, desde que haja uma fonte constante de calor. O local deverá contar também com uma fonte de água fria, para o resfriamento do tubo condensador. Um pouco de garrafas, alguns frascos, um almofariz e um pilão são desejáveis, senão necessários.

Uma mesa e uma cadeira completam a mobília. A mesa ou banco devem ser localizados de modo que a fonte de calor e água estejam muito próximas, pois a chama de gás ou elétrica (qualquer uma das duas pode ser utilizada) é de grande necessidade. Para a chama de gás, recomenda-se um queimador Bunsen, ou, melhor ainda, um queimador Fisher. Os frascos Erlenmeyer, que têm as bases chatas, são os que melhor se ajustam aos nossos propósitos. Quanto às rolhas, empregam-se as de borracha ou cortiça. Uma pequena quantidade de ambas durará por um longo tempo. Necessitamos também de uma base para sustentar o frasco sobre a chama e mantê-lo bem firme durante o processo de destilação. A base pode ser adquirida ou construída pelo estudante, na medida de suas necessidades.

Como o iniciante já conhece os utensílios mais importantes, examinemos agora a substância com que iremos trabalhar alquimicamente. Escolhamos uma erva que se pode obter com facilidade — por exemplo, a Melissa (*Melissa officinalis* — erva-cidreira). Visto que essa é uma erva importante e qualquer loja pode fornecê-la, utilizá-la-emos como exemplo de nossa primeira experiência.

Como mencionamos anteriormente, é preferível no começo utilizar a erva seca. Devemos portanto nos certificar de que selecionamos realmente a erva desejada. Isso pode parecer desnecessário, mas é muito importante. Em nosso trabalho, existe uma grande diferença, por exemplo, entre a sálvia selvagem e a sálvia doméstica. As flores da sálvia selvagem, além disso, produzirão um medicamento diferente do das folhas da mesma planta. Por conseguinte, o

estudante deve sempre estar certo de que a substância herbácea envolvida é a desejada.

O passo seguinte no procedimento é a trituração da erva. Isso se faz amassando-se a erva com as mãos ou triturando-a num almofariz com um pilão. Quanto menores forem as partículas mais fácil será a extração. A erva da terra é então colocada num frasco, numa garrafa ou num recipiente (preferencialmente de vidro) que se pode fechar hermeticamente. Sobre a erva da terra, despeja-se então o mênstruo, produzindo-se assim a extração. O meio mais fácil é despejar um pouco de álcool forte (JAMAIS utilize álcool desnaturado ou Metanol), ou preferivelmente aguardente de frutas, sobre a erva da terra no frasco ou garrafa. O recipiente será então fechado hermeticamente e colocado sobre a fornalha, ou próximo dela, durante o inverno. Se o calor é obtido por outro método, a temperatura não deverá exceder a temperatura requerida pela incubação dos ovos de galinha. O mênstruo deverá ocupar apenas metade ou três quartos do recipiente, de modo a ter espaço para expandir-se e aliviar um pouco a pressão que se pode criar no interior do frasco.

Após vários dias, o mênstruo tomará a cor verde. A tonalidade do verde dependerá do tipo de melissa utilizado e da força e da pureza do álcool. Quando suficientemente macerado (esse processo chama-se maceração), o líquido deve ser derramado num recipiente limpo de vidro. A substância herbácea remanescente deve ser colocada num prato de calcinação e reduzida a cinzas. O álcool que saturou a erva queimar-se-á imediatamente, calcinando também os restos da erva, que agora chamamos de "fezes", até estas se reduzirem a cinzas negras. Como isso produzirá fumaça e um forte odor, tenha cuidado em não realizar a experiência num quarto fechado.

Após a queima das fezes, como as chamaremos agora, elas podem ser incineradas em qualquer prato à prova de fogo, até tomarem uma cor cinzenta. Uma ocasional trituração no almofariz, seguida por uma queima adicional, que chamaremos agora de "calcinação", produzirá gradualmente uma cor mais brilhante. Quando esse estado foi atingido, as fezes deverão ser removidas do fogo e, ainda quentes, colocadas num frasco que tenha sido pré-aquecido, para que não rache devido à súbita mudança de temperatura. Nesse frasco, derrama-se a essência que foi previamente extraída da erva macerada e posta de lado. O frasco deve ser hermeticamente fechado para que nenhum vapor de álcool possa escapar. O frasco é então submetido a calor moderado para digestão. Digira-o dessa maneira durante um intervalo de duas semanas, pois assim o Sal absorverá a Essência

necessária para a formação da força requerida. A medicação está então pronta para ser utilizada. Ela é absolutamente inofensiva, mas de elevada potência e deverá ser tomada em pequenas quantidades. Alguns poucos miligramas do Sal juntamente com uma colher de chá da Essência líquida num copo de água destilada produzirão resultados animadores. O elixir jamais deverá ser consumido se não estiver diluído. Essa é a forma mais simples e primitiva de preparar uma substância herbácea de acordo com os preceitos da Alquimia.

O tempo que se gasta na maceração pode ser aproveitado para a produção de um mênstruo puro a partir do álcool ou dos espíritos do vinho. Embora haja várias espécies de álcool, apenas uma nos interessa no início de nossa obra. Trata-se do espírito do vinho. Como o vinho geralmente contém menos de 20% de álcool devido à fermentação natural, esse álcool (espírito do vinho) deve ser extraído. Como estamos interessados apenas no álcool extraído do vinho de uvas, devemos excluir todos os outros tipos de vinho — vinho de maçã, vinho de framboesa, etc.

Nosso próximo passo, então, é tomar o vinho puro de uva não adulterado, ou *brandy*, e despejar uma quantidade suficiente num frasco para destilação. A quantidade depende do frasco que se tenha em mãos. Ela jamais deverá exceder a metade do recipiente. Dois furos devem ser então executados numa rolha de borracha ou cortiça. Nesses furos, inserem-se, num um termômetro e no outro um tubo curvo de vidro, ambos hermeticamente ajustados. O termômetro não deve tocar o vinho e o tubo de vidro curvo avança até pouco abaixo da rolha. Precisamos então de um condensador, que pode ser adquirido numa loja de material químico. O tubo de vidro curvo oriundo do frasco deve ser inserido na tampa que fecha a abertura do condensador.

O que assim se formou é conhecido como aparelho de destilação. Para se manter o condensador frio, este deve ser ligado através de um tubo de borracha numa torneira de água. É provável que um adaptador seja necessário para esse propósito. A água fluirá à jaqueta do condensador e sairá pela abertura de cima através de outro tubo de borracha, fluindo em seguida para um escoadouro. Dessa maneira, o vapor que se eleva do frasco aquecido será resfriado e gotejará do terminal inferior do condensador depondo-se num receptáculo.

Quando a fonte de calor sob o frasco for acesa, o vinho começará a ferver e o vapor se elevará, passando pelo tubo de vidro curvo e entrando no condensador. Neste, a água refrigerante em

torno do tubo interno o fará condensar-se e emergir ao fim como um destilado, gotejando num coletor. O calor deverá ser regulado de modo que a primeira destilação não exceda a 80°C. O termômetro indicará se o calor deve ser aumentado ou diminuído, a fim de manter essa temperatura.

Quando cerca de quinze gotas tiverem sido destiladas e quando a temperatura estiver regulada de modo que o termômetro mostre o mesmo grau de calor, o coletor deverá ser adaptado ao terminal do condensador. Isso se faz a fim de evitar a evaporação desnecessária do álcool ou qualquer possível ignição de seus vapores. Tal adaptação, contudo, deverá ser feita apenas depois de a pressão no aparelho de destilação ter sido equalizada. Isso ocorrerá quando uma parte do líquido tiver evaporado. Quando a temperatura exceder a 85°C e todo o álcool tiver evaporado, haverá ainda alguns traços de água no álcool. Quando a chama se extinguir e os vasos estiverem frios o bastante para permitirem o manuseio, o aparelho poderá ser desmontado.

O resíduo do vinho poderá então ser lançado fora, pois não tem mais utilidade para nós no momento. O destilado, contudo, deve ser conservado. Como esse espírito de vinho destilado ainda não é puro, ele deve sofrer várias destilações adicionais, a fim de tornar o álcool absoluto. Neste ponto deveremos estar seguros de que a quantidade com que trabalhamos excede 100 ml. Cada redestilação é realizada exatamente como o foi a primeira. Toda vez que a nova destilação tiver sido completada, o destilado deverá ser despejado num frasco de destilação seco. Durante essas redestilações, a temperatura deverá manter-se em torno de 78°C. Ao fim de cada destilação, restará sempre uma pequena quantidade de resíduos nebulosos que deverão ser retirados, visto que contêm água. Apenas durante a última destilação (aproximadamente sete destilações são suficientes) a temperatura deverá manter-se em torno de 76°C. Como esse mês-truo final não contém mais nenhum traço de água, ele atinge a essência espiritual de uma erva num pequeno espaço de tempo e mais eficazmente do que antes de ter sido completamente retificado.

Outro método para purificar os espíritos do vinho consiste em utilizar carbonato de potássio anidro. Não devemos, contudo, utilizar esse processo no início do aprendizado.

Os espíritos purificados do vinho nos permitem obter resultados superiores para a extração herbácea. Por isso, devemos sempre utilizá-lo em nossa obra herbácea.

Num livro alemão, o processo é descrito como segue, numa versão condensada.*

Cinquenta libras de uma planta fresca e florescente, incluindo raiz, caule, folhas e sementes, são separadas das folhas mortas e outras impurezas, e então, lavadas. Depois de cortar a planta em pequenos pedaços, derrama-se água sobre ela, e essa mesma água é então lentamente destilada. Todo o óleo que surgir deverá ser separado da água, e a água assim obtida sem o óleo, que é por enquanto mantido à parte, será derramada sobre a planta, à qual se adiciona uma ou duas colheres de fermento. Todo o material é então colocado num recipiente de madeira e ligeiramente coberto a fim de fermentar. É preciso cuidar para que, cessada a fermentação, o material seja bem agitado, colocado num frasco de destilação e destilado até que nada mais possa ser destilado. A destilação a vapor é preferível às outras. O que permanece no frasco é calcinado, lixiviado com água e filtrado, e o material da filtração é lentamente evaporado. O resíduo é conservado. O destilado inicial é reduzido por destilação até as duas partes do mesmo, reunidas, integrarem metade do sal lixiviado. Ambas são destiladas mais uma vez, e o óleo, que fora separado durante a primeira destilação, é lhes então acrescentado.

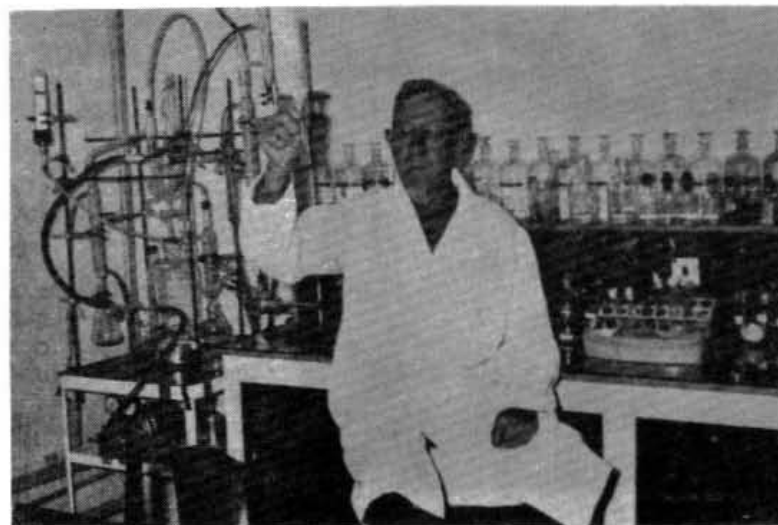
Plantas secas e não-venenosas devem ser cuidadosamente pulverizadas e digeridas com seis partes de água durante três ou quatro dias num lugar quente, depois do que todo o processo acima mencionado deverá ser repetido.

Diz o bem conhecido médico e doutor em Filosofia, Zimpel, em seu *Taschenrezeptierbuch fuer Spagyriker* ("Pequeno livro de prescrições para Espagiristas"): "Depois de coletadas as ervas medicinais florescentes e selvagens ou as suas respectivas partes medicinais, e cortadas em pequenos pedaços, acrescenta-se fermento especial, e todo o material é submetido à fermentação. Essa fermentação conserva as peculiaridades da planta e liberta os óleos etéreos. Após a fermentação, o álcool recém-formado é cuidadosamente destilado. O resíduo seco e calcinado e o sal calcinado são lixiviados com o destilado. O licor assim obtido é filtrado — retendo, dessa maneira, os minerais solúveis da planta medicinal, inclusive a sua essência e óleo volátil. Quanto mais ele ficar em repouso antes de ser utilizado, melhor — assim como o vinho que, quando "envelhecido" na garrafa, aumenta supostamente de eficácia.

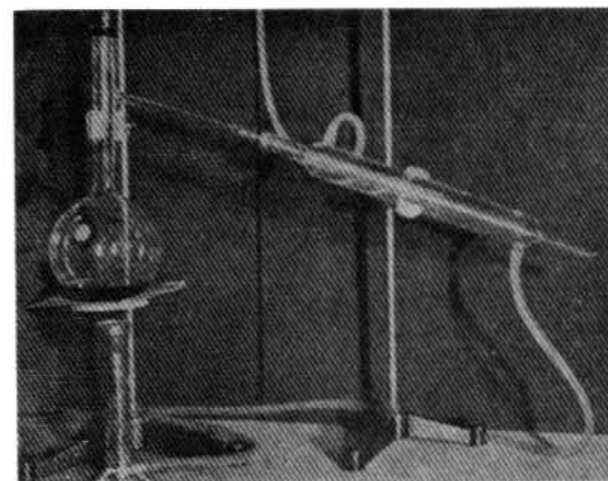
* Grossman, *Die Pflanze im Zauberglauben und in der spagyrischen (okkul-ten) Heilkunst*. Berlim, Verlag Karl Sigismund, 1922.

Como se pode observar pelos dois exemplos citados, há poucas diferenças entre eles exceto que o Dr. Zimpel lixivia o sal juntamente com o primeiro destilado.

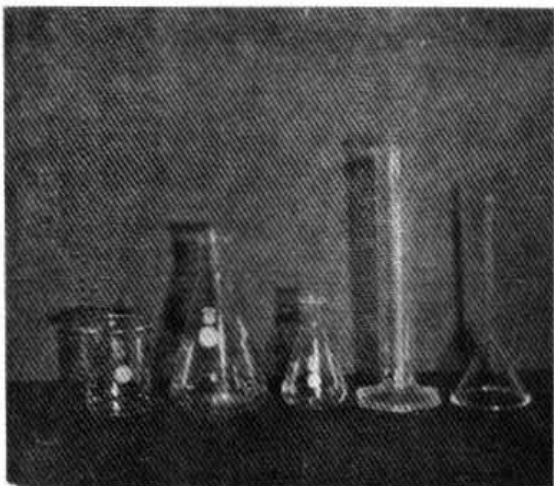
Diferenças menores aqui e ali serão encontradas em toda a literatura alquímica. Cabe ao praticante descobrir o seu próprio caminho, mas esse apenas a experiência lhe ensinará qual é.



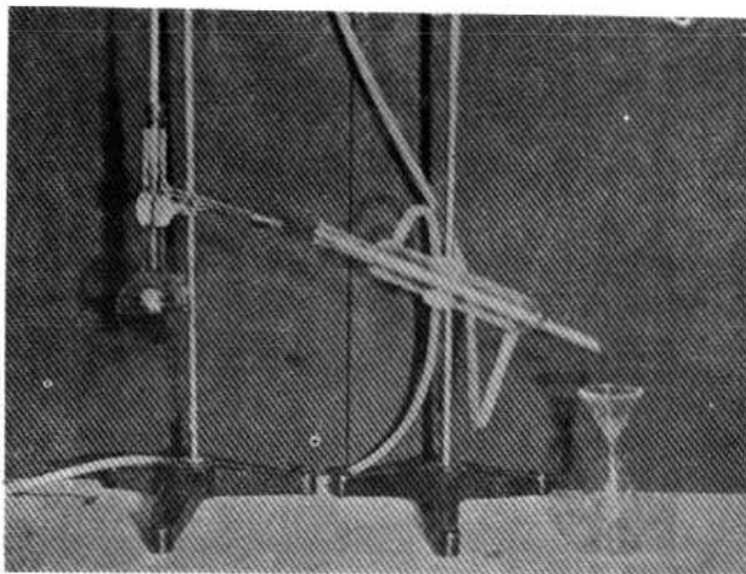
Um Laboratório de Porão — Escondidos dos curiosos, marido e mulher partilham as maravilhas da divina revelação criadora, nas quietas horas da tarde e, às vezes, da madrugada. Montado no decorrer de vários anos, ele representa um modelo de laboratório alquímico. Cobertos pelos frascos, o banho-maria. Não se vêem aqui, na sala da fornalha, os frascos colocados em digestão.



Um Aparelho de Destilação — Embaixo, está o queimador; acima dele, o frasco destilador e o condensador conectado a um braço lateral. A mangueira de borracha fornece a água para as paredes do condensador. A água deixa o condensador pela mangueira superior. Dois suportes, cada um sustentando um instrumento, completam o aparelho necessário para a destilação.



Equipamento Essencial — Da esquerda para a direita: Bequer, Frascos Erlenmeyer, Cilindro (para mensuração) e Funil. Esses frascos são utilizados constantemente no laboratório.



A ilustração acima mostra um aparelho de destilação antes do acréscimo do condensador ao frasco de destilação. Observe o termômetro inserido no buraco da rolha no topo do frasco. O funil no frasco Erlenmeyer funciona como um receptáculo para o destilado.

Capítulo IV

USOS MEDICINAIS

Em todas as nossas investigações da natureza, devemos observar que quantidades ou doses do corpo são necessárias para um dado efeito, e devemos nos precaver de superestimá-las ou de subestimá-las.

FRANCIS BACON

As doenças são tão diferentes quanto os indivíduos que delas padecem. Dificilmente uma desordem física poderá ser padronizada, e, por conseguinte, devemos ser muito cuidadosos em prescrever as doses exatas de uma tintura, um extrato ou um sal da medicação combinada. Como estamos tratando aqui sobretudo dos elixires alquímicos (a combinação da Essência, do Enxofre ou do Sal), cabe mencionar novamente que obtemos uma medicação mais potente todas as vezes que, cumprido o primeiro estágio, repetimos o processo de calcinação e coagulação.

A água destilada e os espíritos do vinho são os dois meios mais comuns para a dissolução do elixir herbáceo. Se o elixir foi adequadamente preparado, ele se dissolverá, sem problemas, num líquido qualquer. Jamais deverá ser ingerido em grandes quantidades, tais como uma colherada, etc. Devido ao poder condensado e ao grau vibratório acelerado do elixir herbáceo, devemos ingeri-lo fortemente diluído. Uns poucos miligramas podem ser dissolvidos num copo de água ou vinho vermelho puro não adulterado. Duas ou três colheres de sopa cheias, tomadas em intervalos de uma hora, produzirão normalmente os resultados desejados, desde que a doença tenha sido adequadamente diagnosticada e o estado do paciente seja conhecido. Se tal reconhecimento não puder ser feito pessoalmente, cumprirá recorrer à experiência de um médico. Se sua prescrição contém uma substância herbácea como ingrediente principal, ela

deve ser utilizada. Em outras palavras, deve-se produzir um preparado alquímico com essa erva. Contudo, é preciso ter muito cuidado para que a medicação básica não seja venenosa. Um sedativo, por exemplo, age como um opiato e não como um agente curativo. Se um paciente pede ao seu médico para recomendar uma medicação herbácea, o verdadeiro médico certamente concordará, se o caso o justificar. Do mesmo modo, nenhum médico verdadeiro negará informação ao seu paciente, se essa lhe é conhecida, naturalmente.

Tratamos sobretudo de ervas neste livro; por isso, apenas prescrições contendo ervas como ingredientes básicos foram mencionadas. As medicações de natureza mineral ou metálica não foram mencionadas em detalhe. Deverá ter-se tornado óbvio ao leitor que os preparados alquímicos devem ser preparados individualmente, visto que não se pode adquiri-los nas farmácias. Esses preparados herbáceos alquímicos devem ser ingeridos até que se constate um alívio na enfermidade para a qual se supõe que a erva pudesse trazer a cura. Se por qualquer razão o elixir herbáceo não cura a enfermidade, nem pelo menos traz alívio da dor, então é evidente que prevalece um estado de desordem no qual os preparados herbáceos não têm vibrações suficientemente poderosas para eliminar a desordem e restabelecer um balanço harmônico. Nesse caso, seria necessário utilizar a próxima medicação superior, mas essa se encontra fora do reino herbáceo.

É insensato esperar que um elixir herbáceo proporcione um resultado imediato em todos os casos. A manifestação de qualquer cura dependerá da extensão de tempo em que a enfermidade se tem manifestado e do estágio de seu progresso na disrupção das funções orgânicas. Muito importante, também, é o estado mental do paciente. Embora um elixir herbáceo não seja uma panacéia, ele apresenta indubitavelmente um poder curativo mais forte do que o da tintura e o dos sais tomados em separado. Por meio da Alquimia, o que foi violado é restaurado, auxiliando-se, assim, a natureza a atingir o estado de perfeição que é o objetivo último de todas as suas manifestações. Um corpo doente não apresenta um estado normal ou perfeito. Contudo, forçar uma cura é tão contrário à natureza como contrair uma enfermidade. A Alquimia fornece um meio perfeito pelo qual esse estado de perfeição ou equilíbrio harmonioso pode ser reconquistado. A natureza requer um certo período de tempo para a produção de seu espécime. Isso é também verdade para o alquimista em seu laboratório, mas aqui os intervalos de tempo são relativamente mais curtos. Por conseguinte, o tempo requerido *para curar uma enfermidade e não apenas para trazer um alívio tempo-*

rário da dor depende da seriedade das condições individuais. Uma enfermidade recente, contraída num pequeno período de tempo, render-se-á mais rapidamente aos nossos preparados alquímicos do que uma que se desenvolveu num estado crônico. Contudo, ar fresco, exercício físico normal, alimentos adequados, vestes próprias, assim como condições de higiene e de trabalho satisfatórios são igualmente essenciais para os propósitos curativos.

Os espagiristas iniciantes perguntam invariavelmente por que é necessário lidar com a Alquimia herbácea quando é bem sabido a todos que as medicações preparadas com ervas são menos potentes do que as preparadas com minerais e metais. É necessário, contudo, que o futuro alquimista compreenda que as leis da natureza só se revelam gradualmente. Que o que foi aprendido no trabalho com o processo herbáceo poderá ser aplicado mais tarde ao trabalho com metais. Mas o arcano superior não deverá ser tentado senão depois de o processo herbáceo ter sido dominado. Há muito a aprender e apenas a experiência pessoal no laboratório e a sabedoria dos Sábios e Adeptos nos ajudarão a revelar os arcanos. Eventualmente, apenas o tempo o fará.

Embora o processo de obter elixires herbáceos alquímicos, aqui apresentado, pareça extremamente simples, muitas experiências são ainda necessárias antes que os primeiros resultados corretos se apresentem aos olhos do alquimista iniciante. Mesmo então, a quantia minúscula do preparado alquímico que é finalmente produzido pode parecer tão insignificante ao neófito que ele poderá ser assaltado pelas dúvidas e perguntar-se se todo o trabalho e todos os cuidados valeram realmente a pena. É apenas depois de a primeira manifestação se ter revelado, após a primeira cura se ter tornado indubitavelmente óbvia, que começa a crescer a convicção íntima de que há muito mais a descobrir no reino da Alquimia do que pode ver o olho num primeiro relance.

Antes de administrar qualquer medicação alquímica a animais ou indivíduos doentes, deve-se realizar um teste para determinar se o remédio foi adequadamente preparado. Isso se faz colocando-se uma pequena quantidade da substância herbácea preparada sobre uma fina folha de cobre aquecida. Se a medicação derreter-se como cera e não produzir nenhuma fumaça, e solidificar-se quando novamente fria, essa é uma indicação de que a medicação foi preparada corretamente e que está pronta para o uso. A dosagem correta difere de um caso para outro, mas se a medicação for administrada em doses pequenas não poderá causar o menor dano, em nenhuma circunstância. O poder da medicação alquímica seria também um fator

a determinar a dosagem adequada que se deve administrar. As medicações herbáceas alquímicas são essência e sal em sua forma mais pura, pois toda matéria irrelevante e estranha foi removida durante o processo de calcinação. O que é essencial não pode ser destruído pelo fogo, apenas purificado e conduzido ao seu estado preordenado. As medicações herbáceas adequadamente preparadas, em doses corretas, mercê de suas vibrações elevadas, ajudam a corrigir as desordens físicas. Essa força vital mais o seu sal purificado, ou substância mineral, são os agentes curativos.

Que o sistema alquímico trabalha de modo diverso e mais eficiente do que os outros, prova-o o seguinte incidente. O autor conhece por experiência pessoal o caso de um bebê que sofria de graves cólicas. A constante atenção de um médico e cirurgião alopata não trouxe nenhum alívio. Contudo, após administrar um preparado alquímico feito de flores de camomila, a criança curou-se em poucas horas e assim permaneceu sem nenhuma reincidência da enfermidade. Os críticos podem objetar respondendo que se os cuidados adequados tivessem sido ministrados à criança desde a época em que o distúrbio começou a aparecer, a atenção médica original também teria produzido a cura. Neste caso, no entanto, deve-se observar que todo o conselho médico foi cuidadosamente seguido em todos os detalhes, e o preparado herbáceo foi aceito apenas como único recurso para que a mãe e a criança pudessem dormir um pouco após várias noites agitadas e sem sono. Esse caso é aqui mencionado apenas para demonstrar a natureza inofensiva desses preparados no corpo humano, mesmo no de criança, quando adequadamente administrados. Seria bastante oportuno também a profissão médica estudar e procurar descobrir a verdade da Alquimia.

Quem não tiver instrução suficiente ou não for dotado do profundo desejo de estudar a anatomia humana e o seu funcionamento físico correlato, dificilmente achará digno de mérito fazer experiências com a Alquimia herbácea, e ainda menos tentar curar quando seu conhecimento é insuficiente, devido ao longo estudo e ao tedioso trabalho por meio dos quais esse conhecimento pode ser adquirido.

Que a afirmação de Bacon feche este capítulo assim como o iniciou: "Em todas as nossas investigações da natureza, devemos observar que quantidades ou doses do corpo são necessárias para um dado efeito, e devemos nos precaver de superestimá-las ou de subestimá-las."

Capítulo V

ERVAS E ASTROS

Como estão as ervas relacionadas com os astros? Pode tal coisa ser verdade? Os cientistas balançarão a cabeça em desaprovação. "Absurdo. Superstição. Charlatanismo", será sua resposta. Mas, por que não? Como podem os cientistas aceitar a possibilidade de algo quando ao mesmo tempo não consideram digno de seus esforços investigar o assunto? Julgarão eles não caber à sua dignidade o "exame de tolas superstições"? O autor pode parecer temerário em seu julgamento a respeito da atitude que a ciência tem mostrado para com este ramo de pesquisa, mas a experiência tem revelado que há uma conexão entre as ervas e os corpos celestes que adornam o firmamento. A ciência pode refutar esta afirmação, se puder. A observação também revelou que certos países são influenciados por planetas particulares, como a astrologia tem declarado há muito. Além disso, certas plantas só se encontram em certos lugares. Assim que essas plantas são transplantadas em solo estranho à sua natureza, elas perdem todas ou algumas de suas virtudes curativas.

Na vida vegetal e mineral, os minerais orgânicos e inorgânicos existem como grupos separados. Na vida vegetal e mineral, todo crescimento evidencia uma alteração invisível mas mensurável em relação à sua estrutura. O que causa esse crescimento? Os minerais inorgânicos são absorvidos na vida vegetal e transformados em minerais orgânicos. O que ocasiona essa alteração? O rádio é capaz de causar uma deterioração dos tecidos. É o rádio uma substância ou a emanção invisível mas mensurável de uma misteriosa força que provém dele? A ciência pede-nos para acreditar que a estrutura do átomo rádio é como um cosmo em miniatura. Um sistema solar no Microcosmo. Um leigo que é incapaz de verificar as teorias científicas deve acreditar ou não nelas. Se se aceita como lei natural o que a ciência propõe, não é difícil acreditar que o Macrocos-

mo tem a mesma influência sobre a superfície da Terra como sob a sua superfície (tecido). Será isso tão desarrazoado? Não terá novamente aqui o velho axioma hermético, "Como em cima, tal é embaixo, como embaixo, tal é em cima", a sua contraparte?

Talvez a ciência algum dia tenha tempo para investigar essas áreas não cartografadas e fazer experiências em bases mais amplas do que foi o caso até agora. Embora seja verdade que alguns cientistas conseguiram resultados notáveis trabalhando nessas áreas, esses mesmos cientistas — em pequeno número, aliás — foram evitados por seus colegas. Eles tentaram aventurar-se pelo desconhecido, pelas esferas ridicularizadas, e foram chamados de místicos, heréticos, ovelhas negras. Eles o foram, de fato, mas se não tivessem deixado o caminho batido e se arriscado a explorar em outras direções, seu trabalho jamais teria produzido resultados de importância alquímica.

O que segue é uma tabulação¹ condensada de ervas listadas de acordo com a influência planetária que afeta cada uma delas, segundo afirma a tradição antiga. Para que esta lista tenha alguma utilidade, cada estudante deve descobrir individualmente quais verdadeiras são essas atribuições planetárias para as várias ervas. Um estudo mais profundo se faz necessário para descobrirmos as causas subjacentes das diferentes maneiras pelas quais as virtudes medicinais operam. Aqueles que deram alguma atenção a esse assunto descobrirão aqui uma pista significativa.

SOL

angélica
freixo
loureiro
pimpinela
camomila
celidônia
centáurea
escrofulária
junípero
ligústica
cravo-de-defunto
alecrim
arruda
açafraão

erva-de-são-joão
erva-de-são-pedro
drósera
tormentila
tornassol
viperina-da-vinha
nogueira

LUA

língua-de-serpente
branca-ursina
colza
tríbulo aquático
alsina

esclaréia
aparina
agrião
pepino
íris
cardamina
alface
lisimáquia
língua-de-víbora
miosótis
erva-dos-calos
piretro
saxífraga
saião acre
goivo
salgueiro

MERCÚRIO

dulcamara
calaminta
cenoura selvagem
alcaravia
endro
ênula-campana
samambaia
erva-doce
erva-carvalhinha
avelã
marroio
língua-de-cão
alfazema
convalária
alcaçuz
arruda-dos-muros
avenca
manjerona
amoreira
aveia
salsa
pastinaga
parietária

segurelha
escabiosa
abrótano
madressilva
valeriana

VÊNUS

alcana
hera terrestre
alcachofra
amieiro
amoreira silvestre
búgula
bardana
cerejeira
castanheiro
aquilégia
tussilagem
cotonária
primavera
margarida
escabiosa
filipêndula
escrofulária
dedaleira
groselha
tasneira
erva-roberta
vulnerária
alquemila
altéia
mercurial
menta
mumulária
agripalma
orquídea
salsa
pastinaga
poejo
pereira
pervinca

1. Ver o *Apêndice* para maiores detalhes.

tanchagem
ameixeira
papoula
beldroega
alfena
rainha-dos-prados
centeio
sanícula
erva-férrea
saponária
labaça
serralha
morango
tanásia
cardo penteador
verbena
trigo
mil-folhas

MARTE

panacéia
prunella vulgaris
bérberis
manjerição
ranúnculo
bico-de-pomba-menor
alho
genciana
pilriteiro
graciola
lúpulo
garança
urtiga
cebola
pimenta
iva-menor
raiz-forte
ruibarbo
sabina
cardo estrelado
tabaco
absinto

JÚPITER

agrimônia
salsa selvagem
aspargo
bálsamo
beterraba branca
arando
borragem
cerefólio
castanheiro
potentila
hortelã francesa
dente-de-leão
labaça
escarola
figueira
cravo-da-índia
escopolêndrio
hissopo
alcachofra-dos-telhados
hepática
pulmonária-das-boticas
bordo
meliloto
carvalho
rosas
salicórnia
cocleária

SATURNO

amaranto
cevada
milho
beterraba
faia
quilanto
centáurea azul
tanchagem
sínfito
agrião-ciática
joio

cuscuta
olmo
samambaia aquática
ínula
fumária
amor-perfeito
pilosela
cicuta
meimendro negro
heléboro negro
cavalinha
congonha
hera
centáurea
sanguinária
nespereira

musgo
verbasco
erva-moura
feto-de-carvalho
choupo
marmeleiro
bolsa-de-pastor
asplênio
tamargueira
cardo
abrunheiro
ísatis
selo-de-salomão
epilóbio
gaultéria
teixo

Concluindo essa tábua condensada de ervas e as correspondentes influências planetárias, será interessante acrescentar algumas poucas observações. Estas podem ser corroboradas por aqueles que estão dispostos a fazê-lo e que podem assim chegar às suas próprias conclusões pessoais.

Haverá alguém capaz de responder por que as flores alsinas se abrem e se endireitam das nove da manhã ao meio-dia? Contudo, se chove, elas permanecem fechadas e, após as chuvas, ficam pensas. A maravilha abre suas flores por volta das quatro horas da tarde. O dente-de-leão (um verdadeiro relógio do sol) abre às sete da manhã e fecha às cinco da tarde. A pimpinela (o barômetro dos pobres) fecha suas pequeninas flores muito antes de a chuva cair ou quando a noite se aproxima. A flor da arenária púrpura se expande apenas quando o sol brilha. Se o trifólio contrai suas folhas, podem-se esperar trovões e pesadas chuvas. Muitos exemplos similares poderiam ser citados. O que causa tal variação de comportamento? Todas têm raízes no chão e retiram alimento do solo e do ar. No entanto, comportam-se de modo notavelmente diferente. É tão desarrazoado pretender que elas, assim como os átomos minúsculos, sejam governados de acordo com leis semelhantes?

Não é necessário insistir aqui sobre esse assunto, pois material suficiente pode ser encontrado nas páginas seguintes, o qual auxiliará a assimilação da essência espiritual para posterior transmutação. Contudo, um assunto relacionado com as influências planetárias sobre as plantas e ervas merece atenção. Esse ponto envolve as

influências planetárias sobre as várias partes do corpo humano. É costume representar o zodíaco como governante do corpo, com as diversas partes deste distribuídas pelas doze casas. Estas, por sua vez, são governadas por certos planetas. Um vínculo entre todos esses elementos pode, por conseguinte, ser facilmente determinado com um mínimo de perspicácia pelo estudante espagirista.

A seguinte tabulação, de acordo com Paracelso, dos órgãos do corpo e dos planetas respectivos que os governam fornecerá uma contribuição para posteriores análises:

O Sol governa o coração.
A Lua governa o cérebro.
Vênus governa as veias.
Saturno governa o baço.
Mercúrio governa o fígado.²
Júpiter governa os pulmões (peito).
Marte governa a vesícula biliar.

Como os escritos desse grande sábio, Paracelso, são de muita importância, é essencial que os estudantes da literatura alquímica estudem cuidadosamente as suas obras.

Paracelso concorda com os seus metres anteriores no que respeita ao fato de que os astros influenciam todas as coisas que crescem. Essas coisas que crescem correspondem, portanto, exatamente ao número das influências e dos astros. Mas assim como algumas árvores produzem peras e outras produzem maçãs, do mesmo modo alguns astros fornecem chuva, outros, neve, granizo, etc. É assim que o que cai do céu é gerado.

Paracelso fala da natureza quente e fria dos alimentos e também dos remédios que se enquadram nestas duas classificações.³ Nesses casos, o princípio homeopático *similia similibus curantur* — o igual cura o igual — pode ser empregado. Esse princípio poderá talvez ser mais bem explicado se tomarmos um ovo congelado e o colocarmos em água quente. O calor expulsará o gelo e o ovo tornar-se-á novamente saudável. Como o igual repele o igual nos fenômenos físicos, o processo homeopático de curar, por exemplo, um envenenamento por arsênico, é usar a mesma substância, a saber, arsênico. Portanto, se uma dose fisiológica de arsênico causar um envenena-

2. Culpeper afirma que Júpiter governa o fígado e Mercúrio, os pulmões.

3. Pimenta negra (*piperniger*), mostarda (*sinapis*), noz-moscada (*nuxmoschata*), por exemplo, são medicamentos de natureza quente. As ervas da família da *mentha* (menta) são medicamentos de natureza fria.

mento por arsênico, o praticante, homeopata utilizará essa mesma substância, arsênico, numa forma extremamente minúscula ou altamente triturada para efetuar a cura. Aqui a alta trituração faz as partículas do arsênico tornarem-se tão pequenas que não podem mais ser percebidas. Devido à alta trituração, o grau vibratório é grandemente aumentado, atingindo assim uma alta potência que expele a dose fisiológica de arsênico. Por conseguinte, na homeopatia, a substância idêntica é utilizada para repelir uma enfermidade cuja substância numa dose fisiológica causou inicialmente tal enfermidade. Talvez a expressão “dose curativa” seja inadequada, mas ela está sendo utilizada para nomear tal processo. Contudo, utilizando-se agentes homeopáticos altamente triturados, não se pode falar realmente de uma dose, já que a substância curativa é inconcebivelmente pequena — 1:100.000.000, ou ainda menor.⁴

A homeopatia está mais próxima da Alquimia do que as outras terapias, mas ainda está longe de produzir ações alquímicas, visto que ela não liberta a quintessência, que é tão essencial como agente *curador*. Como a homeopatia, ensinada por Hahnemann, é apenas um segmento das terapêuticas paracélsicas, sendo ainda relativamente pouco utilizada, o que se pode esperar quanto à aceitação da Alquimia Herbácea?

Alquimicamente, obtém-se uma cura utilizando-se as forças opostas do negativo contra o positivo. Uma enfermidade apresenta o aspecto negativo, ao passo que os agentes curadores representam forças positivas. As manifestações ocorrem onde essas forças opostas se encontram. O objetivo dos remédios alquímicos é suplementar as forças positivas em falta ou deficientes no corpo humano, que representa a parte negativa em contraposição à força vital positiva (que em sânscrito se chama *prana*).⁵ Essa força vital, ou quintessência, só a Alquimia a pode separar. É essa diferença, a separação da quintessência, que coloca a Alquimia num nível mais elevado, acima de todos os outros sistemas terapêuticos.

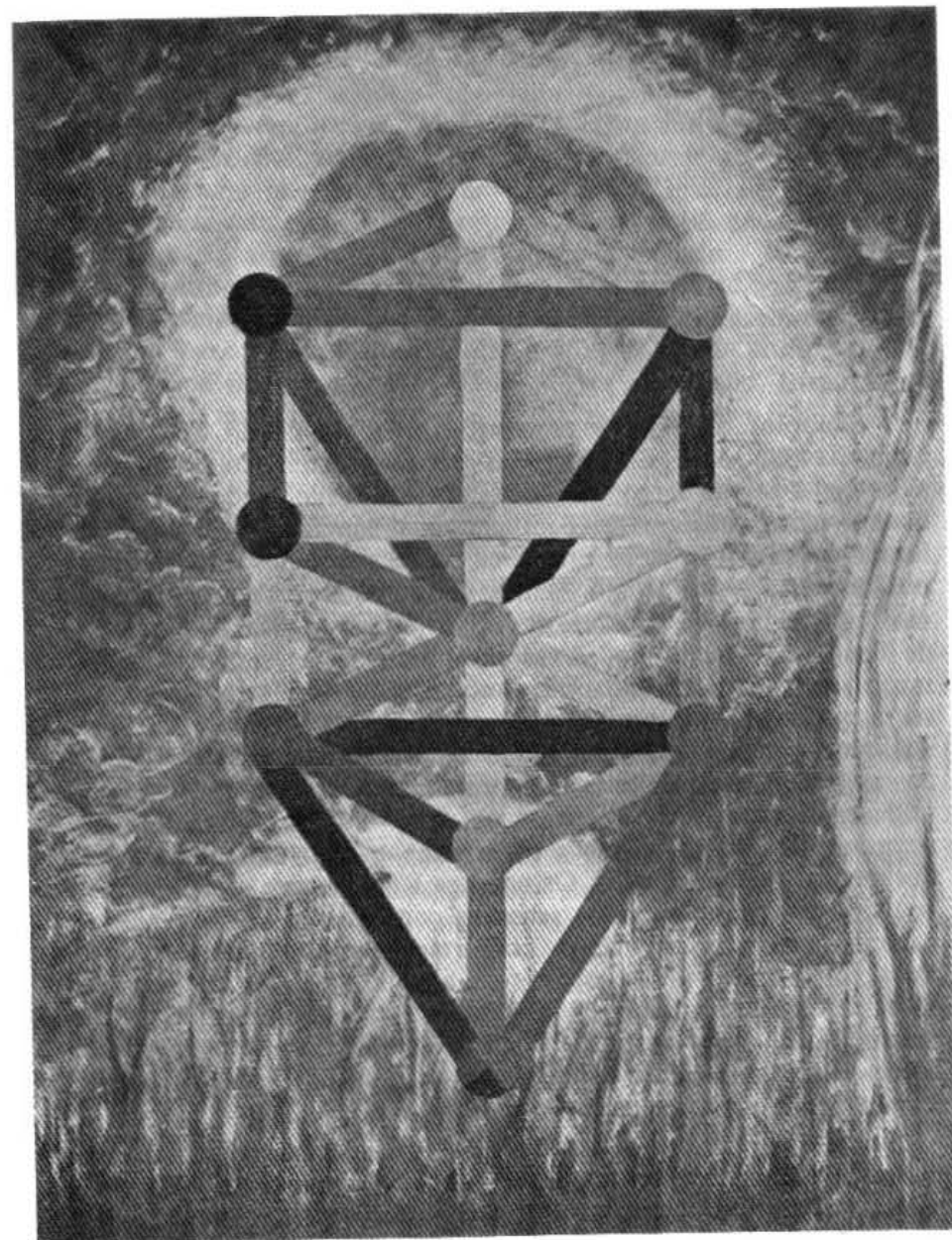
4. Diz o Prof. Liebig em suas cartas químicas: “Quanto menores são as partículas de um remédio prescrito, menos resistência física elas encontram em sua difusão pelo tecido”.

5. O sistema bioquímico do Dr. Schuessler prescreve os doze remédios do tecido para desenvolver os minerais em falta no sangue. A homeopatia difere da bioquímica, a primeira porque cura o igual com o igual, e a bioquímica porque suplementa ou desenvolve os minerais em falta no sangue. A homeopatia e a bioquímica têm uma relação mais estreita com as terapêuticas alquímicas do que a administração de doses fisiológicas do sistema alopático. Contudo, mesmo os médicos alopatas estão atenuando suas doses naquilo que é conhecido como terapia do soro. Essa é apenas uma indicação

Se é verdade, como se afirmou, que os corpos celestes radiam um poder invisível que se manifesta de diversas maneiras entre os vários espécimes do reino herbáceo, cumpre apenas ao estudante sincero e sem preconceitos investigar o assunto, no propósito de substanciar estas observações.

de um passo à frente dado pela medicina moderna no sentido de se aproximar do único sistema natural e perfeito de cura, que só se pode encontrar na Alquimia.

Se qualquer um dos remédios do tecido do Dr. Schuessler, como cálcio, sílica, potássio, etc., fossem separados em suas três essências (de acordo com a prática alquímica), a saber, enxofre, sal e mercúrio, e novamente coagulados, não seria difícil imaginar os remédios potenciais que poderiam ser obtidos dessa maneira. Tais remédios supririam e complementaríamos o corpo devido às suas vibrações elevadas. Isso é verdade também para qualquer dos preparados homeopáticos, ou seja, a substância básica antes da trituração com lactose ou espíritos do vinho. Contudo, nenhum sistema liberta a quintessência, o material mais importante dos preparados alquímicos.



Pintura a óleo original da Sociedade de Pesquisas Paracelso

O que é essencial não pode ser destruído pelo fogo. Da retorta cósmica eleva-se a força vital que permite o crescimento da Arvore Cabalística da Vida, para que o Alquimista possa partilhar de seu fruto e dessa forma obter vida, luz e amor eterno.

Capítulo VI

OS SÍMBOLOS DA ALQUIMIA

Símbolos misteriosos têm intrigado a mente do homem desde tempos imemoriais. Em todas as épocas, a religião, a magia e a alquimia fizeram largo uso de símbolos. Significados de diversos tipos e interpretações que confinam com alucinatório e o fantástico foram atribuídos a esses estranhos sinais. Podemos entender, então, por que expressões como “sinais do demônio”, “marcas do demônio”, ainda hoje se encontram em vários povos. Na Alquimia, nada de demoníaco ou ímpio se esconde atrás desses símbolos. Ao contrário, para aqueles que podem compreendê-los, tais símbolos possuem um significado honorável e sagrado. Mas a compreensão desses símbolos é considerada sagrada e valiosa demais para ser oferecida ao indigno. Os alquimistas, e especialmente os irmãos Rosa-Cruzes, utilizaram esses símbolos sagrados entre eles para impedir que os segredos alquímicos, místicos ou ocultos caíssem nas mãos daqueles que fariam mau uso deles. Os adeptos Rosa-Cruzes eram conhecidos por seus poderes e métodos secretos, com os quais realizavam o que parecia miraculoso a outros, conforme se registra há séculos. Por exemplo, a maravilhosa obra (em alemão) de W. G. Surya, *Der Stein der Weisen* (“A Pedra do Sábio”), apresenta um relato quase inacreditável, mas autêntico, desses sábios dos séculos passados. Mesmo hoje, os mesmos símbolos são empregados pelos irmãos alquimistas, sempre que tal uso é necessário.

O futuro alquimista, que agora lê estas páginas, poderá ocasionalmente entrar em contato com livros e manuscritos que contêm esses símbolos alquímicos. Por essa razão, as páginas seguintes apresentam os sinais importantes, juntamente com seus nomes latinos e portugueses. Para alguns, tais símbolos são de pouca importância hoje, mas eles revelarão o seu imenso valor quando, na ocasião menos esperada, se apresentar um vínculo unificador. Os membros da secular fraternidade dos Rosa-Cruzes ainda se empenham ativa-

mente na Alquimia como parte de seu trabalho oculto e místico. É preciso, contudo, discriminar entre os pseudo-Rosa-Cruzes que podem aparentemente pertencer a uma das várias organizações que fazem uso desse nome, e os adeptos reais que compreendem o coração interior do círculo da Ordem, a qual ainda existe em todo o Ocidente e em todo o Oriente. Como se afirmou anteriormente, seria inútil tentar localizar ou mesmo contactar esse círculo interior. É verdade que os símbolos alquímicos rosa-cruzes foram publicados antes de sua apresentação aqui, e não há dúvida de que virão a lume novamente no futuro. Tais símbolos são sempre de interesse aos estudantes de ocultismo e misticismo. Eles foram incluídos nesta pequena obra apenas para ajudar os estudantes a atingirem uma compreensão fundamental de seus significados básicos. Por essa razão, foram eles compilados de maneira condensada, mas compreensiva.




Não se pretende afirmar que os símbolos aqui reproduzidos são os únicos utilizados na Alquimia. Basílio Valentino empregou alguns desenhos similares de sua própria autoria. Alguns alquimistas criaram seus próprios grupos de símbolos quando se tornou evidente que os signos utilizados anteriormente haviam caído nas mãos de charlatões que os utilizaram apenas para fraudar e enganar o público.

Quanto à interpretação individual dos símbolos alquímicos, pode-se apenas dizer que uma revelação interior ajudará o estudante alquimista a chegar aos seus significados corretos. A profunda mensagem que eles contêm jamais será plenamente explicada numa obra impressa, nem nas esforçadas traduções dos “eruditos intelectuais”.

Os símbolos utilizados pelos irmãos Rosa-Cruzes são dados aqui de modo que a sua interpretação seja supérflua. Apresentamo-los da mesma maneira pela qual um dicionário define certas palavras e frases.

ALQUIMIA ROSA-CRUZ







I SINAIS DOS ELEMENTOS







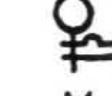
- | | |
|---|---------------|
|  | Ignis — Fogo |
|  | Aer — Ar |
|  | Aqua — Água |
|  | Terra — Terra |

II SINAIS DE METAIS E PLANETAS







	Argentum vivum — Mercúrio
	Stannum (Júpiter) — Estanho
	Cuprum (Vênus) — Cobre
	Argentum (Lua) — Prata
	Sol — Ouro
	Ferrum (Marte) — Ferro
	Plumbum (Saturno) — Chumbo

III SINAIS DE MINERAIS

	Antimonium — Antimônio
	Sulphur — Sulfur
	Cinabris — Cinábrio
	Lithargirium — Monóxido de Chumbo
	Talcum — Talco
	Marcasit — Marcassito
	Magnet — Magneto, Magnetita

	Arsenicum — Arsênico
	Aurum pigmentum — Pigmento de Ouro
	Alumen — Alumínio
	Nitrum — Soda
	Sal — Sal
	Salprapuratum — Salitre
	Vitriolum — Vitriolo
	Calx — Cal, Giz
	Viride Aeris — Lâmina de Cobre
	Calcovviva — Cal Viva
	Arena — Areia

IV PRODUTOS DE MINERAIS

	Aurichalcum — Bronze
	Specular — Vidro de Talco ou Hematita (Ardósia ou Mica)
	Mercurius Sublimatus — Mercúrio Refinado
	Mercurius Praecipitatus — Amálgama ou Mercúrio Sólido
	Regulus — Metal Puro
	Limatura Martis — Limalha de Ferro

	Tutia — Carbonato ou Óxido de Zinco
	Miny — Óxido de Chumbo Vermelho
	Cerussa — Acetato de Chumbo
	Flores — Óxido de um Metal
	Attramentum — Tinta Negra
	Mercurius Vita — Mercúrio Puro, Prata

V SINAIS DE VEGETAIS

	Tartarus — Bitartarato de Potássio
	Saltartari — Carbonato de Potássio
	Cinis — Cinzas
	Cinceres Clavellati — Potássio Cru, Carbonato
	Lixivium — Licor
	Acetum — Vinagre
	Acetum Distillatum — Vinagre Destilado
	Spiritus — Solução de Álcool
	Spiritus Vini — Espíritos do Vinho

	Spiritus Vini — Espíritos do Vinho Retificados
	Cera — Cera
	Sacharum — Açúcar
	Camphor — Cânfora
	Herba — Erva
	Radices — Raízes
	Gumi — Goma

VI SINAIS DE ANIMAIS

	Urina — Urina
	Cornua Cervi — Corno de Cervo — Carbonato de Amônio
	Cancer — Caranguejo
	Leo — Leão
	Virgo — Virgem
	Simia, Libra — Macaco
	Scorpio — Escorpião
	Sagittarius — Sagitário
	Caper — Cabra, Capricórnio
	Anfora — Jarro, Vaso — Medida
	Pisces — Peixe

♊	Gemini — Gêmeos
♉	Taurus — Touro
♈	Aries — Carneiro

VII SINAIS DE TEMPO

♁	Annus — Ano
♁	Mensis — Mês
♁	Hora — Hora
♁	Dies — Dia
♁	Nox — Noite

VIII SINAIS DE PESO

℔	Libra — Balança, Libra
℥	Uncia — Onça
℥ ^{ss}	Uncia Semis — Meia Onça
℥	Drachma — 1/8 Onça
℥ ^{ss}	Drachma 1/2 — 1/16 Onça
℥	Scrupulus — 1/24 Onça (20 gramas)
℥ ^{ss}	Scrupulus 1/2 — 1/48 Onça
gr	Grana — Grão
gt	Gutta — Gota



aa	Ana — Em Partes Iguais
qs	Quantum Satis — Em Quantidade Suficiente
M.s.	Manipulus — Punhado

IX SINAIS DE INSTRUMENTOS

⚗	Alembicum Vitrum — Recipiente de Vidro
⚗	Retorta — Retorta
⚗	Vas Recipiens — Recipiente
⚗	Crucibulus — Cadinho
⚗	Balneum Mariae — Banho-Maria
⚗	Balneum Vaporis — Banho de Vapor
⊕	Ignis Circulator — Fornalha

X SINAIS DE OPERAÇÕES

⚗	Sublimare — Sublimar
⚗	Precipitare — Precipitar
⚗	Filtrare — Filtrar
⚗	Amalgamare — Amalgamar
⚗	Digestio — Aquecer em água ou digerir em calor moderado
⚗	Luto, Lutrine — Lama de Lontra
⚗	Solvere — Dissolver
⚗	Stratum Super Stratum — Camada sobre Camada

-  Extrahere — Extrair
-  Distillare — Destilar
-  Evaporare — Evaporar

XI SINAIS DE PRODUTOS DIVERSOS

-  Oleum — Óleo
-  Volatile — Não Parado, Ativo
-  Fixum — Fixo
-  Caput Mortum — Cabeça Morta
-  Ammoniatum — Amônia
-  Salpo — Sulfato de Potássia
-  Borax — Borato de Sódio
-  Crystalli — Cristais
-  Pulvis — Pó

XII NÚMEROS ALQUÍMICOS

+ | _ L J Γ 7 H T L ← → V Λ ≥ < < > > < Y A *
 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24

I Z 3 9 5 Δ 7 8 ∇ 6 ! 2 3 9 5 6 7 8 ∇ 6 3 3 3 3
 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24

Capítulo VII

A SABEDORIA DOS SÁBIOS

(A obra sobre os Metais)

SUMÁRIO DE UMA CONVENÇÃO ROSA-CRUZ, 1777

O seguinte material alquímico foi obtido de um raro manuscrito vazado em latim e alemão, e em algarismos rosa-cruzes. As quatro seções do documento original dispõem-se da seguinte maneira: A — Introdução; I — Primeiro Degrau; II — Segundo Degrau; III — Terceiro Degrau. Essa obra, juntamente com a primeira edição de *The Secret Symbols of the Rosicrucians*, foi levada aos Estados Unidos pela viúva do Sr. Ernest Klatscher, natural de Praga, Checoslováquia. O Sr. Klatscher era um Maçon de elevado grau que estudara o rosa-cruzismo por vários anos. A invasão de seu país durante a Segunda Guerra Mundial forçou o Sr. Klatscher e família a exilar-se. Eles fugiram com tal rapidez que apenas os seus bens mais estimados puderam ser levados. Entre eles estavam *The Secret Symbols of the Rosicrucians* e o documento aqui sumarizado.

Naturalmente, este manuscrito não tem preço. O original pro veio de um mosteiro de Praga (da região antigamente conhecida como Boêmia), centro, por muitos anos, de atividade alquímica. Até onde somos capazes de determinar, o original deste documento não existe mais. Talvez só estas cópias fotostáticas tenham sobrevivido. A. E. Waite, em seu livro *The Brotherhood of the Rosy Cross* (p. 457), menciona que sabia da existência desse documento através de um registro da Convenção Rosa-Cruz realizada na Alemanha em 1777. As cópias fotostáticas em nosso poder incluem um esboço de todos os estudos e rituais e, especialmente, de toda a obra alquímica compreendida pelos Rosa-Cruzes de então.

A Ordem Rosa-Cruz, AMORC, obteve essas cópias fotostáticas e a primeira edição de *The Secret Symbols of the Rosicrucians* do testamentário do Estado de Ernest Klatscher. O Sr. Klatscher faleceu a caminho da América ou imediatamente após a sua chegada. Sua viúva entregou esses documentos a "Frenkel and Company", uma antiga firma estabelecida com escritórios em Londres, Paris, Amsterdam e Hamburgo.

A *Introdução* divide-se em três partes de três relatórios cada. O número total de páginas da introdução é 35. O primeiro relatório cobre as páginas 1 a 22, o segundo as páginas 23 a 28 e o terceiro, que parece ocupar-se mais ou menos de notas alquímicas, as páginas 29 a 35. O relato do Primeiro Grau, Grau Júnior, ou dos Zeladores, como eram chamados, contém 9 páginas. Além disso, há quatro grandes tabelas, duas de quatro páginas cada uma e duas de duas páginas cada. Uma dessas tabelas, a de Número 4, é extremamente valiosa do ponto de vista alquímico, pois contém todos os símbolos utilizados pelos Rosa-Cruzes de todos os tempos em seu trabalho alquímico.

O *Primeiro Grau* dá instruções a respeito dos quatro elementos alquímicos e dos símbolos pelos quais eles são representados. Ele subministra também um material cabalístico relativo à Alquimia, o qual data de antes do tempo de Salomão. O relacionamento do triângulo, que significa o início, o meio e fim, e as suas outras correspondências com os nomes divinos é a razão por que o triângulo foi adotado, com poucas exceções, para representar os quatro elementos. Aquele que compreender plenamente esses princípios dos quatro elementos poderá derivar deles o Sal, o Sulfur e o Mercúrio alquímico. Em seguida, ensina-se ao estudante como unir o Sal, o Sulfur e o Mercúrio em grau elevado. A lei fundamental da Ordem dada neste grau consiste em antes buscar a sabedoria e a virtude, do que habitar o reino de Mammon por ocasião da descoberta da pedra filosofal. Esse preceito é cuidadosamente inculcado em cada membro desse grau. A instrução dos membros superiores, a própria iniciativa e a energia dos membros e a graça de Deus determinarão se eles terão ou não a capacidade de realizar uma transmutação.

A propósito, menciona-se também que o custo das experiências empreendidas deve ser controlado e restringido de modo a que os bens materiais dos membros não sejam dilapidados. Espera-se que os membros trabalhem juntos em grupos e que se auxiliem mutuamente, reduzindo dessa maneira o custo das experiências. A desobediência a essa regra seria punida por penalidades como a suspensão ou expulsão da Ordem.

O *Segundo Grau*, ou grau dos *Fratres Theoricus*, tem 5 páginas. A quinta página tem o número do grau. (Nesse manuscrito, em vez de serem chamados de Primeiro, Segundo e Terceiro Graus, os diferentes estágios são chamados de Primeira, Segunda e Terceira Classes, ou Zeladores, *Fratres Theoricus*, etc.) Os Fratres desse grau ou classe ocupavam-se com a teoria da instrução, em preparação direta para o próximo grau. Eles podiam formular suas próprias teorias e alterar ligeiramente o fraseado da instrução, a fim de melhor entendê-la, mas não tinham autorização para utilizar qualquer aparelho.

As obras de Basílio Valentino, Paracelso, Henry Madathanas, Arnold de Villanova, Raymund Lully e vários autores anônimos eram recomendadas aos membros desse grau, para cuidadoso estudo. Os membros se reuniam e discutiam os autores lidos. O cerne filosófico da teoria alquímica ensinada aplicava-se ao mundo espiritual dessa maneira: Era o fogo do amor que preparava a quintessência celeste e a tintura eterna de todas as almas. A instrução precisa rosa-cruz a respeito dos sete planetas e do metal particular sob a respectiva influência de cada planeta era dada em detalhes. Dessa maneira, eram os membros desse grau preparados para o próximo, o qual era um grau prático de experimentação, compreendendo plenamente os princípios da Alquimia no que diz respeito à teoria. Neste grau, os adeptos eram também, provavelmente, instruídos no conhecimento dos diferentes processos e manipulações pelos quais se extrai a essência dos reinos mineral, vegetal e animal. Eles deviam familiarizar-se também com diversos minerais, rochas, minérios e metais, e ser capazes de obter metal virgem puro dos minérios, tendo, além disso conhecimento dos diferentes tipos de receptáculos à mão e dos usos para os quais foram projetados.

O *Terceiro Grau*, ou o grau de *Practicus*, contém 16 páginas. Divide-se em duas partes. A primeira trata das instruções, ou "Processos Preparatórios Necessários para a Obra Filosófica". Há quatro capítulos a respeito dos materiais a obter, da sala, do tipo de equipamento e dos outros preparativos do laboratório. O capítulo 5 começa com a obra real. Intitula-se "Como o *Resolventia Menstruum* Radical ou Universal Pode Ser Preparado a partir de Materiais Minerais, Vegetais e Animais".

O Processo I trata do mênstruo radical mineral, ou metais puros e pedras preciosas. Em resumo, o processo é o seguinte: Deve-se tomar partes iguais de salitre e vitríolo e purificá-las com água. A água é então retirada e evaporada, calcinando-se os sais remanescentes.

É indispensável que o vitríolo provenha de algum lugar fora da Europa, preferivelmente as Índias Orientais, o Japão ou o México. Isso se deve provavelmente ao fato de que o sulfato de cobre desses países é muito mais forte do que o encontrado na Europa. Um processo complicado de sublimação e destilação, similar àquele descrito na obra de Cockren, é aplicado em seguida a esses sais. A essência assim obtida tem a propriedade e o poder, quando misturada com outros metais ou seus sais, de extrair-lhes a essência.

O Processo II é o de preparar o mênstruo vegetal radical. Toma-se a melhor espécie do vegetal ou da erva a ser utilizada. Coloca-se a erva em ácido acético fraco e espírito de vinho retificado. Usam-se partes iguais de ambos os líquidos. A mistura, a seguir, é colocada num alambique e destilada, e depois digerida, repetindo-se o processo completo de mistura e destilação por duas vezes, num total de três. Ao final, como resultado dessas queimas constantes, um espírito penitente fará a sua aparição. No alambique, poderá restar uma pequena quantidade de terra morta e *nitrum* (salitre). Será então necessário fazer duas ou três coações — isto é, combinar a terra morta com o espírito ou essência. Assim se prepara portanto o mênstruo radical vegetal. Colocando-se outras ervas neste mênstruo, obtêm-se facilmente seus óleos essenciais, com os quais se podem preparar elixires e medicamentos valiosíssimos.

O Processo III, que trata da preparação do mênstruo radical animal, inicia-se com o teste da urina de uma pessoa saudável. Se a amostra é perfeitamente normal, ela é colocada num frasco ou alambique e destilada. Esse processo é repetido sete vezes. Os restos que permanecem no alambique são misturados com a última metade do líquido obtido na última destilação. Supõe-se que essa substância tenha um efeito especialmente poderoso quando aplicada nos pontos doloridos do corpo humano. O manuscrito acrescenta, talvez humoristicamente, que ela é forte o bastante para ressuscitar as múmias. (Esse preparado pode parecer-nos repugnante hoje, mas muitos antigos livros farmacêuticos, herbáceos ou medicinais contêm práticas similares. De fato, Paracelso, uma vez, confundiu e desgostou a faculdade médica na qual estava conferenciando por ter feito experiências com o excremento do corpo humano.)

O Processo IV, ou a preparação do mênstruo universal, começa com a mistura de álcool e salitre, que são então destilados. Tomando-se o resultado da combinação, mistura-se-lhe meia libra de sal nitro, friccionando-se e destilando-se novamente o composto. Mistura-se em seguida a combinação resultante a porções iguais dos três resultados acima. Estas porções, por sua vez, são destiladas e subli-

madadas sete vezes. O resultado final será a essência universal, mênstruo, ou elixir.

A segunda parte do Terceiro Grau, que começa na página 9, contém instruções e detalhes adicionais desses quatro processos. Essas instruções terminam com a advertência de que todos esses elixires, óleos, essências, alkahestes filosóficos e mesmo a própria Pedra devem ser utilizados exclusivamente a serviço da humanidade e para a glória de Deus. Naturalmente, aqueles que receberiam em primeiro lugar os seus benefícios seriam eles próprios e os outros membros da Ordem Rosa-Cruz. Eles se interessavam principalmente pelos valores medicinais desses preparados, mas eram capazes de criar pedras e metais preciosos em quantidade suficiente para manter as finanças da Ordem. O texto enfatiza também o fato de que todos os números e símbolos deveriam ser plenamente conhecidos para que não se cometesse nenhum erro. Além disso, ministravam-se instruções alquímicas adicionais àqueles que dominassem completamente a Alquimia física. Podemos imaginar, por conseguinte, que aqueles que atingiram a perfeita saúde e a independência financeira do mundo eram brindados com um novo grupo de instruções para estudar e praticar em algum local afastado. Neste local, eles provavelmente atingiriam o grau mais elevado de desenvolvimento físico e de instrução regular.

As fórmulas fornecidas no manuscrito não devem naturalmente ser tomadas ao pé da letra, visto que são necessariamente veladas em sua fraseologia. O texto nos dá, contudo, um interessante vislumbre desses grupos de estudantes sinceros e de adeptos que consideravam seu tempo e esforço bem gastos quando se tratava de penetrar o reino místico das experiências alquímicas.

O texto reproduzido a seguir provém da sabedoria de um Sábio registrada na *Collectanea Chemica*. Seu propósito é auxiliar a preparação dos estudantes alquímicos para a obra maior. O leitor deverá recordar a afirmação de que todo aquele que dominar o processo herbáceo trabalhará muito mais facilmente com minerais ou mesmo metais. O estudo cuidadoso do que segue e a meditação prolongada revelarão também esse mistério àquele que está pronto para recebê-lo.

“Os verdadeiros filósofos concordam em que a primeira Matéria dos metais é um vapor úmido que se eleva pela ação do fogo central nas entranhas da terra e que, circulando por sobre os poros desta, se encontra com o ar cru, sendo por ele coagulado numa água untuosa que, aderindo à terra, a qual lhe serve de receptáculo e na qual se junta a um sulfúrio mais ou menos puro, e a um sal de qualidades mais ou menos fixantes, que ele atrai do ar, e, recebendo um certo grau

de mistura provinda do calor central e solar, toma a forma de pedras e rochas, minerais e metais. Todos esses elementos formaram-se do mesmo vapor úmido original, mas assumiram características diversas em virtude das diferentes impregnações de esperma, da qualidade do sal e do enxofre com que são fixados e da pureza da terra que lhes serve de matriz pois qualquer porção desse vapor úmido que é rapidamente sublimada na superfície da terra, assumindo as suas impurezas, é rapidamente privada de suas partes mais puras pela ação constante do calor central e solar, e as partes mais grosseiras, formando uma substância mucilaginosa, fornecem a matéria das rochas e pedras comuns. Mas quando esse vapor úmido é sublimado, muito lentamente, através de uma terra fina que não partilha da untuosidade sulfúrica, formam-se cristais de rocha, pois o esperma dessas pedras belas e variadas, a saber, mármore, alabastro, etc., separa esse vapor depurado, devido à sua formação primeira e ao seu crescimento contínuo.

As gemas formam-se igualmente desse vapor úmido quando este se encontra com pura água salgada, com a qual é fixado num local frio. Mas se o vapor é sublimado lentamente pelos locais quentes e puros, em que a gordura do enxofre se lhe adere, esse vapor, que os filósofos chamam de Mercúrio, junta-se àquela gordura e torna-se uma matéria untuosa que, atingindo em seguida outros lugares, e sendo purificada pelos vapores acima mencionados, num local em que a terra é sutil, pura e úmida, preenche os poros dela, produzindo-se assim o ouro. Mas se a matéria untuosa chega a lugares frios e impuros, produz-se chumbo, ou Saturno; se a terra for fria e pura, misturada com enxofre, o resultado é o cobre. A prata também se forma desse vapor, quando este abunda em pureza, mas misturado com um grau menor de enxofre e não suficientemente diluído. No estanho, ou Júpiter, como é chamado, ele abunda, mas com menor pureza. Em Marte, ou ferro, ele se apresenta numa proporção menos impura e misturado com um enxofre adusto.

"Portanto, parece que a Matéria-Prima dos metais é uma coisa só, não múltipla, homogênea, mas alterada pela diversidade dos lugares e pelos sulfures com que é combinada. Os filósofos descrevem frequentemente essa matéria. Sendivogius chama-a de água celeste, que não molha as mãos; não vulgar, mas quase como água da chuva. Quando Hermes a chama de pássaro sem asas, figurando dessa maneira a sua natureza vaporosa, a descrição lhe cai muito bem. Quando chama o sol de seu pai e a lua de sua mãe, ele quer dizer que ela é produzida pela ação do calor sobre a umidade. Quando diz que o vento a carrega em seu ventre, apenas pretende afirmar com isso que o ar é o seu receptáculo. Quando afirma que o que é inferior é como o que é superior, ensina que o mesmo vapor na superfície da terra fornece a matéria da chuva e do orvalho, com a qual todas as coisas são alimentadas nos reinos vegetal e animal. Esse vapor é o que os filósofos chamam de Mercúrio, afirmando encontrar-se ele em todas as coisas, o que é um fato. Tal circunstância faz uns imaginarem que ele exista no corpo humano, outros, na esterqueira, o suposto depositário das sutilezas filosóficas, voando assim de uma coisa a outra, sem qualquer teoria fixa sobre o que procuram, esperando descobrir no Reino Vegetal ou Animal a perfeição suprema do Mineral. Os filósofos, devido à sua intenção de ocultar a Matéria-Prima do indigno, contribuíram bastante para esse erro, e nisso eles foram, talvez, mais

cautelosos do que seria necessário, pois Sendivogius declara que, ocasionalmente, em franca conversação, insinuou claramente a arte, palavra por palavra, a alguns que se consideravam como filósofos muito perspicazes; mas estes acalentavam noções tão sutis, tão distantes da simplicidade da Natureza, que não podiam com proveito compreender o significado de suas palavras. Por isso, ele não professa grande receio de que o segredo seja revelado àqueles que estão predispostos a compreendê-lo, seja por vontade própria ou pela providência do Supremo.

"Essa disposição benévola o induziu a declarar mais abertamente a Matéria-Prima, e fixar o artista em sua busca dessa Matéria no reino mineral; pois, citando Alberto Magno, que escreveu que em seu tempo grãos de ouro foram encontrados entre os dentes de um homem morto em sua sepultura, ele observa que Alberto não podia explicar esse milagre, mas que o julgava ser causado pela virtude mineral no homem, como o confirma o adágio de Morien: 'E essa matéria, ó Rei, é extraída de ti'. Mas isso é errôneo, pois Morien entendeu essas coisas filosoficamente, residindo a virtude mineral em seu próprio reino, distinto no animal. É verdade, aliás, que no reino animal o mercúrio, ou a umidade, é como a matéria, e que o enxofre, ou tutano dos ossos, é como a virtude; mas o animal não é mineral, e vice-versa. Se a virtude do enxofre animal não existisse no homem, o sangue, ou mercúrio, não poderia coagular-se na carne e nos ossos; portanto, se não houvesse um enxofre vegetal no reino vegetal, ele não poderia coagular a água, ou o mercúrio vegetal, nas ervas, etc. O mesmo deve ser entendido quanto ao reino mineral.

"Esses três reinos não diferem na verdade em sua virtude, nem os três sulfures, pois todo enxofre tem o poder para coagular o seu próprio mercúrio; e todo mercúrio tem o poder de ser coagulado por seu próprio enxofre condizente e por nenhum outro que lhe é estranho.

"Ora, a razão por que o ouro foi encontrado entre os dentes de um homem morto é esta: porque em sua existência o mercúrio lhe fora administrado, seja por unguento, turbita ou alguma outra maneira; e é da natureza desse metal subir à boca, a fim de encontrar aí uma saída para si e ser evacuado com a saliva. Se, então, na hora de tal tratamento, o homem doente morreu, o mercúrio, não descobrindo uma saída, permaneceu em sua boca, entre os dentes, e, tornando-se a carga de uma matriz natural para a maturação do mercúrio, este ficou encerrado por um longo tempo, até se ter congelado em ouro pelo seu próprio enxofre condizente, sendo purificado pelo calor natural da putrefação causada pela fleuma corrosiva do corpo humano; mas isso jamais teria acontecido se o mercúrio mineral não lhe tivesse sido administrado.

"Todos os filósofos afirmam, em uníssono, que os metais têm uma semente que lhes propicia o crescimento e que essa qualidade seminal é a mesma em todos eles; mas ela amadurece com perfeição apenas no ouro, em que o elo de união é tão estreito que é muito difícil decompor o sujeito e assegurá-lo para a Obra Filosófica. Mas alguns, que eram adeptos da arte, obtiveram ouro do macho por penoso processo, e mercúrio, que eles sabiam como extrair dos metais menos compactos, de uma fêmea; não como processo mais fácil, mas para descobrir a possibilidade de fazer a pedra dessa maneira; e tive-

ram sucesso, divulgando abertamente esse método a fim de esconder a verdadeira confecção, que é mais fácil e simples. Deveríamos, portanto, colocar diante do leitor um ponto de referência, para impedi-lo de fragmentar-se contra essa dificuldade, considerando o que é a semente que propicia o crescimento dos metais, para que o artista não fique confuso ao buscá-la, mantendo diante de si os escritos de nossos sábios predecessores pertinentes a esse assunto.

“A semente dos metais é o que os Filhos da Sabedoria chamaram de mercúrio, para distingui-lo da prata, com a qual ele se assemelha bastante, sendo ele a umidade radical dos metais. Esta, quando judiciosamente extraída, sem corrosivos ou fundentes, contém em si uma qualidade seminal cuja maturação perfeita só ocorre no ouro; nos outros metais ela é crua, como frutos que ainda são verdes, não sendo suficientemente digerida pelo calor do sol e pela ação dos elementos. Observamos que a umidade radical contém a semente, o que é verdade; mas ela não é a semente, e sim o esperma, no qual flutua o princípio vital, que é invisível ao olho. Mas a mente dos verdadeiros artistas o percebe como o ponto central do ar condensado, em que a Natureza, de acordo com a vontade de Deus, incluiu por toda a parte os primeiros princípios da vida, tanto animal e vegetal como mineral, pois nos animais o esperma pode ser visto, mas não o princípio de impregnação incluso; esse é um ponto concentrado, para o qual o esperma serve apenas como um veículo, até que, pela ação e pelo fermento da matriz, o ponto em que a Natureza incluiu um princípio vital se expande, sendo então perceptível nos rudimentos de um animal. Eis por que em qualquer fruto comestível (como, por exemplo, numa maçã), a polpa ou esperma se apresenta numa proporção muito maior do que a semente inclusa; e mesmo aquilo que parece ser apenas semente é, na verdade, um preparo mais fino do esperma, que inclui o vigor constitucional; assim também, num grão de trigo a farinha é apenas o esperma, o ponto da vegetação é um ar incluso mantido por seu esperma nos extremos de frio e calor até ele encontrar uma matriz adequada, na qual, sendo a casca amolecida pela umidade e aquecida pelo calor, o esperma circundante se putrefaz, fazendo a semente, ou ar concentrado, expandir e queimar a casca que traz em seu movimento uma substância leitosa, assimilada desde o esperma putrefato. A qualidade condensante do ar encerra a semente numa película e a endurece num germe, tudo de acordo com o propósito da Natureza.

“Se todo esse processo da Natureza, maravilhoso em suas operações, não se repetisse constantemente diante de nossos olhos, o processo simples da vegetação seria igualmente tão problemático quanto o dos filósofos; no entanto, como podem os metais crescer, ou melhor, como pode qualquer coisa multiplicar-se desprovida de semente? Os verdadeiros artistas nunca pretenderam multiplicar os metais sem ela, e pode-se negar que a Natureza ainda segue a sua ordem primordial? A Natureza sempre frutifica a semente quando esta é depositada numa matriz adequada. Não obedecerá ela a um engenhoso artista que conhece as suas operações e as suas possibilidades e nada tenta além disso? Um agricultor melhora o seu solo com adubo, queima as ervas daninhas, e faz uso de suas operações. Ele embebe sua semente em vários preparados, tomando apenas o cuidado de não destruir-lhe o princípio

vital; na verdade, jamais lhe passa pela cabeça torrará-la ou fervê-la, no que mostra ter mais conhecimento da Natureza do que alguns pseudofilósofos. A Natureza, tal como mãe liberal, recompensa-o com uma abundante colheita, proporcional às melhorias que concedeu à semente e à matriz adequada que forneceu para o seu crescimento.

“O jardineiro inteligente vai mais longe; ele sabe como encurtar o processo da vegetação, ou retardá-lo. Ele colhe rosas, corta verduras e arranca ervilhas verdes, no inverno. Estão os curiosos propensos a admirar plantas e frutas de outros climas? Ele pode produzi-las à perfeição em suas estufas. A Natureza segue seu comando sem constrangimentos, sempre desejando obter o seu fim, a saber, a perfeição da prole.

“Abri vossos olhos, ó pesquisadores da Natureza! Sendo ela tão liberal em suas produções perecíveis, quanto mais não o será naquelas que são permanentes e que podem resistir ao fogo? Atendei, pois, às suas operações; se obtiverdes a semente metálica e amadurecerdes pela arte aquilo que a Natureza leva muitos séculos para aperfeiçoar, ela não falhará e recompensar-vos-á com um aumento proporcional à excelência de vosso sujeito.

“O leitor poderá exclamar neste passo: ‘Excelente! Tudo isso está muito bem, mas onde se acha a semente dos metais e de onde provém aquilo que tão poucas pessoas sabem como conseguir?’ Podemos responder que os filósofos guardaram até agora industriosamente esse profundo segredo; alguns por causa de uma disposição egoísta, embora sob outros aspectos tenham revelado serem bons homens. Outros, que desejaram encontrar apenas pessoas dignas a quem pudessem comunicar o segredo, não puderam escrever abertamente sobre ele, porque a cobiça e a vaidade têm sido os princípios governantes do mundo, e, sendo homens de grande sapiência, perceberam que não era desejo do Mais Alto inflamar e alimentar tais odiosos temperamentos, prole genuína do orgulho e do egoísmo, mas bani-las da terra, razão por que eles se têm refreado até agora. Mas nós, não descobrindo nenhuma restrição em nossa mente a esse respeito, divulgaremos o que é de nosso conhecimento, e ainda mais, porque julgamos que chegada é a hora de demolir o bezerro de ouro, venerado há séculos por todas as classes de homens, a tal ponto que a dignidade é estimada pelo dinheiro que um homem possui; e tal é a desigualdade das pessoas que a humanidade quase se reduz aos ricos, que se comprazem em extravagâncias, e os pobres, que estão em extrema penúria, sofrendo sob a mão de ferro da opressão. O peso da iniquidade entre os ricos atingiu agora ao seu limite, e o grito do pobre chegou diante do Senhor: ‘*Quem lhes dará de comer até que estejam satisfeitos?*’ Doravante, o rico verá a vaidade de suas possessões quando comparadas com os tesouros comunicados por este segredo, pois as riquezas que ele concede são uma bênção de Deus, e não o roubo da opressão. Além disso, a sua principal excelência consiste na produção de um remédio capaz de curar todas as doenças a que o corpo humano está sujeito e de prolongar a vida até os seus limites derradeiros ordenados pelo Criador de todas as coisas.

“Não faltam razões para a divulgação do processo, pois o ceticismo se aliou de mãos dadas com a luxúria e a opressão, a tal ponto

que as verdades fundamentais de todas as religiões reveladas têm sido refutadas. Essas sempre foram tidas em veneração pelos conhecedores da arte, como se pode depreender daquilo que eles deixaram registrado em seus livros; e, na verdade, os princípios fundamentais da religião revelada são corroborados por todo o processo, pois a semente dos metais é semeada na corrupção e transformada em não-corrupção; semeia-se um corpo espiritual e eleva-se um corpo espiritual; sabe-se que ela partilha da maldição que recaiu sobre a Terra por causa do homem, tendo em sua composição um veneno mortal que só pode ser separado por meio de uma regeneração em água e fogo; ela pode, quando completamente exaltada e purificada, impregnar os metais imperfeitos e levá-los a um estado de perfeição, sendo a esse respeito um emblema vivo da semente da mulher, o Matador de Serpentes, que, por Seus sofrimentos e por Sua morte, encontrou a glória, tendo doravante poder e autoridade para redimir, purificar e glorificar todos os que se aproximam Dele enquanto mediador entre Deus e a humanidade.

"Sendo tais os nossos motivos, não podemos nos calar mais a respeito da semente dos metais, e declaramos que ela se encontra nos minérios dos metais, como o trigo no grão; e a ébria loucura dos alquimistas os impediu de perceber esse fato, de modo que eles sempre a procuraram nos metais vulgares, que são artificiais e não uma produção natural, agindo tão loucamente quanto um homem que semeasse pão e esperasse colher milho, *ou que fervesse um ovo e esperasse produzir uma galinha*. Embora os filósofos tenham afirmado muitas vezes que os metais vulgares são mortos, não isentando o ouro, que vence o fogo, eles jamais imaginaram essa coisa tão simples, a saber, que a semente dos metais se acha nos minérios destes, que é o único local onde ela deveria ser procurada; confusa é a engenhosidade humana, quando deixa a trilha batida da verdade e da Natureza para se enredar numa multiplicidade de frágeis invenções.

"O pesquisador da Natureza regozijar-se-á intensamente com essa descoberta, firmada na razão e em sólida filosofia, mas aos tolos ela será inútil, pois a Sabedoria jamais se proclamará nas ruas. Por isso, deixando tais pessoas nutrirem-se de sua própria imaginária importância, deveríamos observar que os minérios dos metais são a nossa Matéria-Prima, ou esperma, em que a semente está contida, e a chave dessa arte consiste numa correta dissolução dos minérios numa água, que os filósofos chamam de mercúrio, ou água da vida, e numa substância terrestre, que eles denominam enxofre. A primeira chama-se mulher, esposa, Lua, e outros nomes, significando que ela é a qualidade feminina em sua semente; e a outra eles denominam de homem, esposo, Sol, etc., para assinalar a sua qualidade masculina. Na separação e devida conjugação de ambas com o calor, por meio de cuidadoso manejo, gera-se uma nobre prole, que eles chamam por sua excelência de quintessência ou sujeito, em que os quatro elementos estão de tal modo harmonizados que produzem um quinto elemento, que resiste ao fogo sem perda de substância ou diminuição de sua virtude, razão pela qual lhe deram os nomes de Salamandra, Fênix e Filho do Sol.

"Os verdadeiros Filhos da Ciência sempre consideraram a dissolução dos metais a chave mestra de sua arte, mas foram cautelosos

quanto a dar indicações a esse respeito, mantendo os leitores na escuridão sobre o assunto, não informando se eram os minérios ou os metais artificiais que deviam ser escolhidos; e mais, quando fazem menção a esse ponto, referem-se antes aos metais do que aos minérios, com a intenção de confundir aqueles a quem consideram indignos da arte. Diz o autor do *Duelo Filosófico*, ou diálogo entre a pedra, o ouro e o mercúrio:

"Pelo Deus onipotente, e para a salvação de minha alma, eu aqui vos enuncio, por piedade de vossas sábias pesquisas, a Obra Filosófica, que deriva de um único sujeito e atinge a perfeição numa única coisa. Pois tomamos o cobre e destruimos o seu corpo cru e grosseiro, retiramos o seu espírito puro e, depois de termos purificado as partes terrestres, as reunimos, fazendo assim um remédio de um veneno'.

"É notável que ele evita mencionar o minério, mas chama seu sujeito de cobre, que é o que eles chamam de metal vulgar, por ser deveras artificial e inadequado à confecção de nossa Pedra, tendo perdido a sua qualidade no fogo; mas em outros aspectos essa é a mais simples das descobertas, sendo costume creditá-la a Sendivogius.

"No entanto, o leitor não deve supor que o minério de cobre, em razão dessa afirmativa, deve ser escolhido de preferência a outros. Não, o mercúrio, que é a semente metálica, é o mais adequado e o mais fácil de extrair do chumbo, o que é confirmado pelos verdadeiros adeptos, que nos aconselham a buscar a nobre criança onde ele repousa numa forma menosprezada, aprisionada sob o selo de Salomão; e, de fato, suponhamos, para ilustrar esse ponto, que se desejasse alguém fabricar cerveja poderia ele realizar seu propósito recorrendo a diversos grãos, mas a cevada é geralmente escolhida porque o seu germe germina por um processo menos demorado, que é em todos os propósitos e intentos o que desejamos na extração de nosso mercúrio, e os procedimentos não são desiguais em ambos os casos, se prestarmos atenção à fixidez dos minérios e à facilidade com que a cevada expõe a sua virtude seminal devido à fraca coesão de suas partes.

"Que o artista observe agora como um preparador de malte manipula o seu grão, umedecendo-o para fazê-lo perder a coesão das partes e deixando o resto à Natureza, sabendo que ela fornecerá em breve o calor necessário para seu propósito, desde que não cometa o erro de fazer uma pilha muito escassa ou de elevar demais a fermentação por um procedimento contrário, pois é bem sabido que o fogo real pode ser ateado pela fermentação de sucos vegetais quando crus; e o grão maduro, sob tal tratamento, de nada serviria, a não ser para alimentar os porcos ou enriquecer a esterqueira. Ora, a intenção é elevar tal fermentação apenas quando se procura extrair o mercúrio vegetal sem estragá-lo, seja pela terra, se aí foi posto para frutificar, ou pela fornalha, se deve ser fixado num ponto preciso, exalando a umidade adventícia e, assim, preservando toda a força de sua qualidade seminal para os propósitos de preparar infusões ou produzir espíritos do malte.

"Suponde, então, que um artista queira extrair o mercúrio mineral dos minérios, e escolha minério de chumbo para esse propósito. Ele só poderá auxiliar a Natureza no processo, despertando o calor central, que ela comunica a todas as coisas ainda não putrefatas, qual raiz de

suas vidas, por meio do qual essas mesmas coisas se desenvolvem. O meio pelo qual esse fogo central é despertado é conhecido pelo nome de putrefação; mas os minérios de toda espécie resistem à putrefação em todos os processos conhecidos. Eles podem, de fato, quando fundidos no fogo, contrair uma ferrugem do ar, que é uma decomposição gradual de sua substância, mas isso é apenas a decomposição natural de um corpo morto, não a putrefação de seu esperma para o propósito da propagação; e sabemos, devido ao calor das fornalhas necessário para fundir minérios e à lentidão da decomposição quando privados de suas qualidades seminais pela fusão, que um calor que destruiria a semente nos vegetais pode ser necessário nos primeiros estágios da putrefação dos minérios, pois eles manterão um fogo vermelho sem se fundir ou nada perder a não ser as suas impurezas sulfúricas e arsênicas; em suma, uma matéria muito estranha para as sementes dos metais, como a palha para o trigo; por isso, uma separação cuidadosa desses, seja torrando, seja por outro processo, é justamente indicada entre as primeiras operações para a putrefação dos minerais, e a melhor, porque o material que foi calcinado, por ter os seus poros abertos, extrai o ar e outros mênstruos próprios para a sua decomposição.

"Que o artista, por conseguinte, pelo fogo e pela operação manual, separe as qualidades impuras de seu sujeito, triturando, lavando e calcinando, até que nenhuma negrura seja comunicada ao seu mênstruo, para o que água pura da chuva é suficiente. Ver-se-á em todas as repetições desse processo que o que suja a água é estranho, e que o minério ainda subsiste em sua natureza metálica individual, exceto se é fundido por um calor muito intenso, caso em que ele não é mais útil para o nosso propósito; portanto, deve-se utilizar minério fresco.

"Preparando-se o material dessa maneira, o seu fogo central será despertado, se é tratado adequadamente, de acordo com o processo para extrair prata de seus minérios, mantendo-se num calor constante conservado sem a admissão de ar cru, até que a umidade radical seja elevada na forma de um vapor, e condensada numa água metálica, análoga à prata. Esse é o verdadeiro mercúrio dos Filósofos, adequado a todas as operações da Arte Hermética.

"Tendo a putrefação de nosso sujeito sido completada, ele subsiste em duas formas: a umidade que foi extraída e o resíduo, a Terra e a Água Filosofais. A água contém a sua virtude seminal, e a terra é um receptáculo adequado, em que ela pode frutificar-se. Que a água seja separada então e conservada para uso; calcina-se a terra, pois as impurezas que se lhe aderem só podem ser retiradas pelo fogo, devendo este ser do grau mais forte: pois aqui não há perigo de destruir a qualidade seminal, e nossa terra deve ser altamente purificada para que a semente amadureça. Isso é o que Sendivogius tem em mente quando diz: *Queimai o sulfúrio até que ele se torne sulfúrio incombustível. Muitos perdem na preparação o que é de muito valor na arte; nosso mercúrio deve ser aciculado pelo sulfúrio, pois, do contrário, não terá nenhuma utilidade.* Por conseguinte, calcina bem a parte terrestre e responde o mercúrio na terra calcinada; em seguida, retirai-o por destilação; depois, calcinaí, fazei a coação e destilai, repetindo o processo até o mercúrio ser bem aciculado pelo sulfúrio, devendo este ser purificado até se obter a cor branca e depois a vermelha, o que é um

indício de completa purificação. Nesse ponto, o Macho e a Fêmea Filosofais estarão prontos para a conjunção. Esta deve ser manejada com discernimento, pois a nobre criança pode ser sufocada no nascedouro; mas todas as coisas são fáceis para o artista engenhoso, que conhece a proporção da mistura necessária e harmoniza suas operações às intenções da Natureza, para cujo propósito devemos atiladamente conduzi-las de acordo com a nossa habilidade.

Da União ou Casamento Místico no Processo Filosófico

"Preparando-se assim a semente e a sua terra, nada resta a não ser uma judiciosa conjunção de ambas; pois, havendo muita umidade, o ovo filosófico pode queimar-se antes de suportar o calor necessário para a sua incubação. Para falar sem rodeios, nosso sujeito deve então ser encerrado num frasco de vidro pequeno, forte o bastante para suportar o calor necessário, que deve ser gradualmente elevado ao seu nível mais elevado, e melhor formato para tal vaso seria o de um frasco de óleo, com gargalo longo, o qual, entretanto, é muito fino para semelhante operação. Nesse vaso, a mistura deve ser hermeticamente selada e digerida até fixar-se numa concreção seca: mas se, como observamos, a umidade predominar, haverá o grande perigo de o frasco queimar-se, com um vapor que não pode ser concentrado pela qualidade fixadora na matéria. O objetivo é, não obstante, fixar o nosso sujeito no calor, e assim tornar a sua futura destruição impossível.

"Por outro lado, se a qualidade fixadora e seca do sulfúrio for tanta a ponto de não sofrer uma resolução alternada de sua substância em vapores e uma re-manifestação de sua qualidade fixadora, fazendo o todo depositar-se no fundo do vaso até que a matéria novamente se liquefaça e sublime (processo que Ripley muito bem descreveu), há o perigo de o conjunto vitrificar-se; e assim tereis apenas vidro em vez da nobre tintura. Para evitar esses dois extremos, é necessário que a terra purificada seja reduzida por operação manual a uma finura impalpável, após o que se pode acrescentar o mercúrio aciculado, reunindo a ambos até a terra nada mais poder embeber. Essa operação requererá tempo, e algum grau de paciência do artista; pois, embora a umidade possa parecer desproporcionada, quando se deixa a terra descansar um instante, a secura na superfície da matéria mostrará que ela é capaz de embeber mais, de modo que a operação deve ser repetida até que a matéria seja finalmente saturada, o que pode ser verificada por sua capacidade de suportar o ar sem qualquer alteração notável da superfície do seco para o úmido; ou, ao contrário, se a conjunção é bem realizada, o que se confirma esparramando uma pequena porção da matéria sobre uma fina chapa de ferro que se aquece até ela correr facilmente como cera, exalando a umidade com o calor e absorvendo-a novamente quando quente, de modo a retornar à sua consistência anterior; mas, se o resultado é viscoso, esse é um sinal de que excedentes a umidade, a qual pode ser extraída destilando-se novamente e repetindo-se o processo até ele ser executado corretamente.

"Tendo unido o sulfúrio e o mercúrio, colocai-os num pequeno frasco de vidro, acima descrito, em quantidade suficiente para preencher

um terço de sua capacidade,* deixando dois terços, incluindo o gargalo, para a circulação da matéria. Protegeei o gargalo do frasco vedando-o temporariamente no início, e coloquei-o em calor moderado, observando se ela sublima ou se fixa alternadamente. Caso sublime facilmente e mostre disposição, a intervalos, para depositar-se no fundo do recipiente, tudo está bem conduzido até aqui; pois a umidade predominará no início, e o sulfúrio só pode absorvê-la perfeitamente aumentando-se o calor para a perfeita maturação de nosso Fruto Paradisiáco. Por outro lado, caso manifeste uma disposição precoce para fixar-se, acrescentai mais mercúrio aciculado até que a Lua se erga resplandescente em sua estação; ela dará lugar ao Sol, por sua vez. Essas seriam as palavras de um adepto nessa ocasião, sugerindo apenas que a quantidade feminina em nossa semente preparada é ativa no início, ao passo que a masculina é passiva, e que ela é depois passiva, ao passo que a masculina é ativa, sendo esse o caso em toda vegetação, pois todo germe que é o primeiro rudimento de uma erva ou árvore predomina na umidade, fixando-se apenas quando é plenamente misturado na semente.

Do Processo de Tratamento e de Amadurecimento da Semente

“Esse processo chama-se a Grande Obra dos Filósofos; e, tendo o artista feito a sua parte até aqui, deve ele selar o seu vidro hermeticamente, uma operação que todo construtor de barômetros sabe como realizar.

“O vidro deve então ser colocado numa fornalha com um ninho adequado planejado para a sua recepção, de modo a dar um calor contínuo do primeiro ao quarto grau, e permitir ao artista a oportunidade, de tempos em tempos, de inspecionar toda modificação que sua matéria apresente durante o processo, sem o perigo de apagar o calor e colocar um termo à sua perfeita circulação. Um calor do primeiro grau é suficiente no começo, por alguns meses. Embora esse método faça o jovem praticante perder muito tempo, forçando-o a aprender a manipular a matéria pela experiência, ele não estará tão propenso a desampontar-se pela queima do recipiente ou pela vitrificação do seu conteúdo.

“Chegastes, portanto, ao desejado tempo da semente em nossa Obra Filosófica, a qual, embora pareça depender do poder do artista para amadurecer, está não menos sujeita à bênção Divina, assim como a colheita, que o agricultor laborioso não tem a presunção de esperar senão pelo beneplácito de Deus.

“Há muitos requisitos para a atribuição a alguém da posse de nossa colheita filosófica, e os verdadeiros trabalhadores têm procurado as pessoas a quem possam comunicá-la, por evidente testemunho dos sentidos, de acordo com os quais consideram a confecção de nossa Pedra um processo simples, factível por mulheres e crianças; mas sem uma tal comunicação, há a necessidade de que aqueles que a empreendem sejam dotados pela Natureza de mente engenhosa, paciência para observar e sagacidade para investigar-lhe as aparições ordinárias, as quais, por seu caráter comum, são menos dignas de nota do que os fenômenos que, embora mais curiosos, são menos importantes, ocupando

o precioso tempo desses egrégios levianos, os modernos *virtuosi*. Esses conhecedores superficiais da filosofia entram em êxtase diante da descoberta de uma concha ou de uma borboleta com listras diferentes; e enquanto isso a água, o ar, a terra e o fogo, com suas contínuas e mútuas alterações e resoluções, causadas pela atmosfera e pela eficácia do calor central e solar, não são estudados por esses pseudofilósofos; assim, um camponês sensato tem mais conhecimento real, a esse respeito, do que um colecionador de raridades naturais, fazendo um uso mais sábio da experiência adquirida.

Do Processo de Maturação da Nobre Semente

“Supondo que o artista tenha as disposições anteriormente mencionadas, e que o seu trabalho tenha sido bem realizado até aqui, descreveremos agora, para sua instrução, as alterações que nosso sujeito sofre durante a segunda parte do processo comumente chamado de Grande Obra pelos Filósofos.

“Aquecendo-se cuidadosamente o recipiente de modo a evitar-lhe a quebra, a matéria nele contida entrará em ebulição, fazendo com que a mistura circule alternadamente em vapores brancos na parte superior e se condense na parte inferior, alternância que pode persistir por um mês ou dois, ou por mais tempo, aumentando-se gradualmente o calor de um grau ao outro quando a matéria apresenta a disposição de fixar-se, e o vapor permanece condensado por intervalos maiores, ou se eleva numa quantidade menor, numa cor cinzenta ou em outros tons escuros, que são os tons que ela assumirá até atingir a alvura perfeita, estágio primeiro e desejável de nossa colheita. Outras cores podem revelar-se nesse passo de nossa obra, não havendo perigo caso se manifestem momentaneamente; mas, se uma vermelhidão pálida, como a de uma papoula de milho, persiste por mais tempo, a matéria corre o perigo de vitrificar-se, seja por causa de um ímpeto impaciente do fogo, ou porque a umidade não está sendo suficiente. O artista engenhoso pode remediar esse perigo, abrindo o recipiente e acrescentando mais mercúrio aciculado e selando-o como antes; mas o noviço faria melhor governando o fogo de acordo com a coloração da matéria, com julgamento e paciência, aumentando-o se a umidade manifesta seu predomínio por muito tempo, e diminuindo-o se a secura prevalece, até os vapores se tornarem negros. Após permanecerem algum tempo em descanso, uma película ou filme sobre a matéria indicará se há tendência em se fixar, retendo o vapor cativo por algum tempo, até que ele se rompa em diferentes lugares sobre a superfície (tal como a substância betuminosa do carvão num fogo em brasa), com nuvens mais escuras, que se dissipam rapidamente e pouco aumentam em quantidade, até que toda a substância se assemelhe a breu derretido, ou à mencionada substância betuminosa, borbulhando cada vez menos, repousando como uma substância negra por inteiro no fundo do recipiente. Essa substância chama-se negrura do negro, cabeça do corvo, etc., e é considerada como um estágio desejável de nossa geração filosófica, constituindo a putrefação perfeita de nossa semente, a qual, dentro em breve, revelará o seu princípio vital por uma gloriosa manifestação da Virtude Seminal.

“Atingindo assim a putrefação de nossa semente o seu fim, o fogo pode ser aumentado até que cores gloriosas façam a sua aparição, as quais os Filhos da Arte chamaram de *Cauda Pavonis*, ou Cauda do Pavão. Essas cores vão e vêm, pois o calor administrado se aproxima do terceiro grau, até que tudo se transforma num belo verde, e quando amadurece assume uma brancura perfeita, chamada Tintura Branca, a qual transmuta os metais inferiores em prata, e é muito poderosa como remédio. Mas como o artista sabe muito bem que é capaz de uma mistura superior, continua a aumentar o fogo, até a substância adquirir uma cor amarela e depois uma tonalidade laranja ou cidra. Dando prosseguimento, ele aumenta audaciosamente o calor até o quarto grau, quando a matéria adquire uma vermelhidão como o sangue tomado de uma pessoa saudável, o que é um signo manifesto de uma mistura perfeita e apropriada para os usos pretendidos.

Da Pedra e dos seus Usos

“Tendo assim completado a operação, deixai o recipiente esfriar, e, quando o abrides, perceberéis a vossa matéria fixar-se numa massa pesada, de uma absoluta cor escarlata, que é facilmente redutível a pó por raspagem ou qualquer outro processo, e que, ao ser aquecida no fogo, derrete-se como cera, sem produzir fumaça ou chama, ou causar perda de substância, retornando quando fria à fixidez inicial, mais pesada do que o ouro, peso por peso, embora fácil de dissolver em qualquer líquido, e cuja ação prodigiosa, quando dela se ingerem uns poucos miligramas, invade todo o corpo humano, extirpando-lhe todas as doenças e prolongando-lhe a vida à sua duração máxima; é por essa razão que ela obteve a denominação de “Panacéia”, ou remédio universal. Por isso, sede grato ao Mais Alto pela possessão de tal jóia inestimável, e considerai tal possessão não como o resultado de vosso próprio engenho, mas como um dom concedido, por mera graça de Deus, para o auxílio das enfermidades humanas, da qual o vosso vizinho deve partilhar juntamente convosco, sem qualquer inveja ou propósitos sinistros, de acordo com o encargo confiado aos Apóstolos, “Recebestes livremente, comunicai livremente”, lembrando ao mesmo tempo de não jogar as vossas pérolas aos porcos; numa palavra, ocultai as manifestações que sois capazes de exibir, pela posse de nossa Pedra, dos viciosos e dos indignos.

“É bastante lamentável que os que buscam o conhecimento natural nesta arte apresentam mormente a Ciência da Transmutação como seu fim último, desconsiderando a excelência principal de nossa Pedra como medicamento. Sem embargo desse ânimo abjeto, devemos confiar o problema à Providência, e expor a Transmutação (o que, de fato, os filósofos fazem) abertamente, após o que descreveremos a circulação adicional de nossa Pedra visando o aumento de suas virtudes, e então poremos fim ao nosso tratado.

“Quando o artista transmutar qualquer metal — chumbo, por exemplo —, derreta-lhe uma certa quantidade num cadinho limpo, juntamente com uns poucos miligramas de ouro em limalha; e quando

tudo estiver derretido, que tome um pouco do pó raspado de sua “pedra”, numa quantia mínima, e o junte ao metal durante a fusão. Imediatamente, uma grossa fumaça se elevará, carregando consigo as impurezas contidas no chumbo, com um ruído crepitante, e transmutando a substância do chumbo num ouro puríssimo, sem qualquer espécie de falsificação; a pequena quantidade de ouro acrescentada antes da transmutação serve apenas como um meio para facilitar o processo, e só a vossa experiência determinará a quantidade da tintura, porquanto a virtude desta é proporcional ao número de circulações que lhe destes depois de completada a primeira.

“Por exemplo: obtida a pedra, dissolvi-a novamente em nosso mercúrio, em que dissolvestes anteriormente uns miligramas de ouro puro. Essa operação não apresenta problemas, pois ambas as substâncias se liquefazem com rapidez. Colocai-a num recipiente, como antes, e prossegui o processo. Não há nenhum perigo na manipulação, a não ser o de quebrar o recipiente; e toda vez que o processo é assim repetido, aumentam as virtudes do preparado, na razão de dez por cem, por mil, por dez mil, etc., e tanto nas suas qualidades medicinais quanto nas de transmutação; de modo que uma pequena quantidade pode ser suficiente para os propósitos de um artista durante o resto de sua vida.”

Basílio Valentino, o monge beneditino alemão, cujo nome é digno de grande respeito na Alquimia, legou preciosas pérolas de sabedoria à posteridade, afirmando, em sua famosa obra *Currus Triumphalis Antimonii* (*Carro Triunfal do Antimônio*):

“Deveis saber que todas as coisas contêm espíritos operativos e vitais que extraem sua substância e alimento dos próprios corpos; os elementos em si sem esses espíritos não são nem bons nem maus. Os homens e os animais têm em si um espírito operativo e vitalizante, e, se este os abandona, resta apenas um corpo morto. Ervas e árvores têm espíritos de saúde, pois, do contrário, nenhuma arte poderia utilizá-los para fins medicinais. Da mesma maneira, os minerais e metais possuem espíritos vitalizantes que constituem toda a sua força e virtude; pois o que não tem espírito não tem vida ou poder vitalizante.”

Além disso, afirma ele claramente o que os estudantes deveriam ter em mente quando trabalham em seus laboratórios, tentando fixar esse esquivo Mercúrio dos minerais:

“Nenhum animal ou vegetal contém em si algo que possa servir para fixar o Mercúrio; toda tentativa neste sentido redundará em falha, porque nenhuma dessas substâncias tem uma natureza metálica. O Mercúrio é, interna e externamente, fogo puro: portanto, nenhum fogo pode destruí-lo, nenhum fogo pode modificar-lhe a essência; ele escapa do fogo e se transforma espiritualmente num óleo incombustível; mas, assim que ele se fixa, nenhuma astúcia humana pode fazê-lo volatilizar novamente. Tudo que pode ser produzido do ouro pode também ser feito com o mercúrio, por meio da arte, pois após a sua coagulação

ele se assemelha perfeitamente ao ouro, parecendo ter crescido da mesma raiz e brotado exatamente do mesmo ramo desse metal precioso.”

“A grande questão que vexa todos os estudantes de nossa Arte, a saber, ‘O que é nosso Mercúrio?’, é aqui clara e lucidamente respondida. Prestai cuidadosa atenção a tudo que Basílio diz. Qualquer luz que eu acrescentasse ao seu brilho seria na verdade treva.” — Essa anotação provém do comentário de Theodore Kerkringius em sua versão latina de 1685, publicada em Amsterdam.)

“Afirmando-vos que todos os metais e minerais crescem da mesma maneira oriundos da mesma raiz e que, portanto, todos os metais têm uma origem comum. Esse princípio primeiro é um mero vapor extraído da terra elementar através dos planetas celestes e, por assim dizer, dividido pela destilação sideral do Macrocosmo. Essa quente infusão sideral, descendo do alto nas coisas que estão embaixo, com a propriedade aerosulfúrica, tanto age e opera que, de alguma maneira espiritual e invisível, comunica-lhes uma certa força e virtude. Esse vapor transforma-se em seguida, na terra, em uma espécie de água, e é esta água mineral que gera todos os metais e que os aperfeiçoa. O vapor mineral torna-se esse ou aquele metal, de acordo com o domínio de um ou de outro dos três princípios fundamentais, *i.e.*, de acordo com a circunstância de apresentarem muito ou pouco mercúrio, enxofre ou sal, ou uma mistura desigual destes. Por essa razão, alguns metais são fixos, outros são permanentes e imutáveis, e outros ainda são voláteis e variáveis, como podeis observar no ouro, na prata, no ferro, no estanho e no chumbo.

“Além desses metais, outros minerais são gerados a partir desses três princípios; de acordo com a proporção dos ingredientes, temos vitríolo, antimônio, marcassito, eletro, e muitos outros minerais.”

Num volume de tratados extremamente raro, *The Hermetic Museum*, publicado em Frankfurt em 1678, descobrimos em *The Open Entrance to the Closed Palace of the King (Entrada Aberta para o Palácio Fechado do Rei)* (por “Um Anônimo Sábio e Amante da Verdade”, que sabemos ser Ireneu Filaletes) o que segue, sob o cabeçalho “Da Dificuldade e Extensão da Primeira Operação”.

“Alguns alquimistas imaginam que a obra é, do começo ao fim, um mero entretenimento inútil, mas aqueles que assim acreditam colherão o que semearam — ou seja, nada. Sabemos que, ao lado da Bênção Divina e da descoberta do fundamento adequado, nada é tão importante quanto a infatigável indústria e perseverança nesta Primeira Operação. Não surpreende, então, que tantos estudantes desta Arte sejam reduzidos à mendicância; eles têm medo do trabalho, e encaram a nossa Arte como um mero esporte para seus momentos livres. Pois nenhum trabalho é mais tedioso do que aquele solicitado pela parte preparatória de nosso empreendimento. Morienus suplica sinceramente ao Rei para considerar este fato, e diz que muitos Sábios se lamentam do tédio de nossa obra. ‘Ordenar uma

massa caótica’, diz o Poeta, ‘é assunto de muito tempo e trabalho’ — e o nobre autor do Arcano Hermético descreve-a como uma tarefa hercúlea. Há impurezas demais aderidas à nossa primeira substância, sendo necessário um agente intermediário para extrair de nosso mênstruo poluído o Diadema Real. Mas quando logrardes preparar o vosso Mercúrio¹, a parte mais formidável de vossa tarefa terá sido realizada, e podereis com prazer-vos com a parte mais doce, como diz o Sábio.

“Há aqueles que pensam que essa Arte foi descoberta outrora por Salomão, ou, antes, comunicada a ele pela Revelação Divina. Mas embora não haja razão para duvidar que um soberano tão sábio e profundamente instruído estivesse a par de nossa Arte, sabemos que ele não foi o primeiro a adquirir o conhecimento. Hermes, o Egípcio, e alguns outros sábios o possuíam antes, e podemos supor que eles buscavam em primeiro lugar uma simples exaltação de metais imperfeitos na perfeição real, e que era seu propósito inicial transformar o Mercúrio — que é muito semelhante ao ouro quanto ao peso e às propriedades — em ouro perfeito. Nenhuma engenhosidade, contudo, poderia realizar tal tarefa por meio do fogo, e veio-lhes à mente a verdade de que, para tanto, um calor interno

1. *Do Sulfur que existe no Mercúrio dos Sábios.* É um fato maravilhoso o nosso Mercúrio conter Sulfur ativo e no entanto preservar a forma e todas as propriedades do Mercúrio. É por isso que é necessário acrescentar-lhe uma forma de nossa preparação, ou seja, um sulfúrio metálico. Esse Sulfur é o fogo interior que causa a putrefação do Sol composto. O fogo sulfúrico é a semente espiritual que nossa Virgem (permanecendo imaculada) concebeu. Pois uma virgindade incorrompida admite um amor espiritual, como o afirmam a experiência e a autoridade. A ambos (os princípios passivo e ativo), combinados, chamamos nosso Hermafrodita. Quando associados ao Sol, estes amolece, liquefaz e dissolve com um calor moderado. Através do mesmo fogo, eles se coagulam, e, por meio dessa coagulação, produzem o Sol. Tendo o nosso puro e homogêneo Mercúrio concebido o Sulfur interior (através de nossa Arte), coagula-se ele sob a influência de um calor externo moderado, como o creme de leite — uma terra sutil que flutua sobre a água. Quando se une ao Sol, ele não apenas se coagula, mas a substância composta se torna mais mole dia após dia; os corpos estão quase dissolvidos, e os espíritos começam a se coagular, com uma cor negra e um odor muito fétido. Essa é a razão por que o Sulfur metálico espiritual é na verdade o *princípio móvel de nossa Arte*; ele é realmente ouro volátil ou não-maduro, e através da digestão adequada ele se transforma nesse metal. Se reunido ao ouro perfeito, ele não se coagula, mas dissolve o ouro corporal e permanece com ele, dissolvendo-se sob uma outra forma, embora antes da perfeita união a morte deva preceder, para que assim eles possam unir-se após a morte, não simplesmente numa unidade perfeita, mas mil vezes mais perfeita do que a perfeição perfeita.”

era tão necessário quanto o externo. Portanto, rejeitaram a *aqua fortis* e todos os solventes corrosivos, após utilizá-los em longas experiências — e também todos os sais, exceto a espécie que é a substância primordial de todos eles, que dissolve todos os metais e coagula o Mercúrio, mas não sem violência, do qual essa espécie de agente é novamente separada por completo, no peso e na virtude, das coisas a que foi aplicada. Eles perceberam que a digestão do Mercúrio é impedida por certas cruzeiras aquosas e por refugos terrestres; e que a natureza *radical* dessas impurezas tornou a sua eliminação impossível, exceto pela inversão completa de todo o composto. Sabiam que o Mercúrio se tornaria fixo se pudesse ser libertado de suas impurezas — pois contém enxofre fermentador, que não coagula o corpo mercurial apenas por causa dessas impurezas. Descobriram finalmente que o Mercúrio, nas entranhas da terra, tende a tornar-se um metal, e que o processo de desenvolvimento cessa apenas por causa das impurezas com que foi maculado. Descobriram que o que deveria ser ativo no Mercúrio é passivo, e que sua debilidade não poderia ser remediada de forma alguma, exceto pela introdução de algum princípio análogo oriundo do exterior. Esse princípio eles o descobriram no enxofre metálico, que agita o enxofre passivo no Mercúrio e, aliando-se a ele, expulsa as impurezas mencionadas. Mas procurando realizar praticamente esse processo, viram-se em outra grande dificuldade. Para que esse enxofre pudesse ser efetivo, no sentido de purificar o Mercúrio, era indispensável que fosse puro.

“Todos os seus esforços para purificá-lo, contudo, estavam fadados ao fracasso. Finalmente, consideraram que esse enxofre deveria encontrar-se em estado puro em algum lugar da natureza — e a pesquisa foi coroada de sucesso. Procuraram enxofre ativo em estado puro, e o descobriram engenhosamente oculto na Casa do Carneiro.² Esse enxofre mistura-se mais rapidamente com a prole de Saturno, e o efeito desejado produziu-se imediatamente — após o maligno veneno do “ar” de Mercúrio ter sido temperado (como já expusemos com alguma extensão) pelos pombos de Vênus. Então a vida foi juntada à vida por meio do líquido; o seco foi umedecido; o passivo foi estimulado à ação pelo ativo; o morto foi revivido pelo vivo. Os céus ficaram temporariamente enevoados, mas após um copioso aguaceiro a serenidade foi restaurada. O Mercúrio emergiu num estado hermafrodita. Então eles o colocaram no fogo; em pouco tempo conseguiram coagulá-lo, e nessa coagulação descobriram o Sol e

2. Aqui está a chave. Que planeta rege Áries? Que metal esse planeta rege? Saturno governa que metal? Onde pode o enxofre ser extraído do Mercúrio “não-maduro”? Tens agora o segredo revelado.

a Lua em seu estado mais puro. Consideraram então que, antes de coagular-se, esse Mercúrio não era um metal, uma vez que, ao volatilizar-se, não deixou nenhum resíduo no fundo do destilador; e por essa razão chamaram-no de ouro não-maduro e de prata viva (ou sutil). Ocorreu-lhes também que se o ouro fosse semeado, por assim dizer, no solo de sua primeira substância, a sua excelência seria provavelmente aumentada, e quando aí depuseram o ouro, o fixo se volatilizou, o pesado tornou-se leve, o coagulado dissolveu-se, para espanto da própria Natureza. Por essa razão, reuniram a ambos, colocaram-nos num alambique sobre o fogo, e por muitos dias regularam o calor de acordo com as exigências da Natureza. Assim, o morto reviveu, o corpo se decompôs, e um glorioso espírito se ergueu do túmulo, e a alma se exaltou na quintessência — o Remédio Universal para animais, vegetais e minerais.”

À primeira vista, parecerá que a citação acima provém de um livro selado sete vezes sete. Mas, como em toda a literatura alquímica, uma prolongada meditação revelará eventualmente o seu verdadeiro sentido da maneira mais clara que se possa imaginar. O que parecia ser inicialmente um jargão inarticulado e absurdo revelar-lhe-á o sentido de forma muito simples.

Se avançarmos mais, chegaremos a conhecer um dos valentes defensores da Irmandade Hermética. Trata-se nada mais nada menos do que essa misteriosa figura, Michael Sendivogius.

O nome, Michael Sendivogius, que provém de um anagrama, “*Divi Leschi genus amo*” (Amo a divina raça de Leschi), terá surgido com freqüência ao leitor da literatura alquímica. Em seu livro *A Nova Luz Química*, que ele diz ter sido “extraído da fonte da natureza e da experiência manual”, encontramos a seguinte afirmação:

“Para todos os Pesquisadores genuínos da grande Arte Química ou Filhos de Hermes, o Autor implora a Bênção e a Salvação Divina.

“Quando considerei em minha mente o grande número de livros fraudulentos e de “receitas” alquímicas forjadas, divulgadas por impostores desalmados, embora tais textos não contenham uma centelha mínima da verdade — e como muitas pessoas foram e ainda são diariamente desencaminhadas por eles —, ocorreu-me que nada melhor teria eu a fazer do que comunicar o Talento que me foi concedido pelo Pai das Luzes aos Filhos e Herdeiros do Conhecimento. Desejo permitir também que a posteridade veja que em nossa própria época, assim como nos tempos antigos, essa Bênção filosófica singularmente graciosa não foi negada a alguns poucos escolhidos. Por certas razões, não penso que seja aconselhável publicar meu nome;

principalmente porque não busco elogio para mim, mas desejo apenas assistir aos amantes da filosofia. O vanglório desejo por fama, eu o deixo àqueles que se contentam em parecer o que, na realidade, não são. Os fatos e deduções que expus brevemente aqui são transcritas da experiência manual graciosamente derramada sobre mim pelo Superior; e meu objetivo é capacitar aqueles que enterraram uma sólida fundação na parte elementar dessa Arte muito nobre a atingirem uma plenitude mais satisfatória de conhecimento, e colocá-los em guarda contra os depravados 'vendedores de fumaça' que se deleitam com a fraude e a impostura. Nossa ciência não é um sonho, como imagina a massa ignara, ou a invenção vazia dos homens fúteis, como supõem os tolos. Ela é a verdade perfeita da própria filosofia, que a voz da consciência e do amor me ordenam a não ocultar por mais tempo.

"Nestes dias depravados, quando a virtude e o vício são tidos como iguais, a ingratidão e a descrença dos homens impedem nossa Arte de aparecer abertamente diante do olhar público. No entanto, esta gloriosa verdade é ainda agora capaz de ser compreendida pelas pessoas sábias e não sábias de vida virtuosa, e há muitas pessoas ainda vivas, de todas as nações, que contemplaram a Diana desvelada. Mas como muitos, por ignorância ou pelo desejo de esconder seu conhecimento, ensinam diariamente e induzem os outros a acreditar que a alma do ouro pode ser extraída, e ser então comunicada a outras substâncias, e por essa razão induzem muitas pessoas a grande desperdício de tempo, trabalho e dinheiro, que os filhos de Hermes saibam com certeza que a extração da essência de Deus é um mero apaixonado engano, pois aqueles que nela insistem conhecerão o seu custo por experiência própria, o único tribunal para o qual não há apelo. Se, por outro lado, uma pessoa é capaz de transmutar a menor peça de metal (com ou sem ganho) em ouro ou prata genuína que resiste a todos os testes comuns, pode-se dizer justamente que ela abriu as portas da Natureza, e iluminou o caminho para um estudo mais profundo e mais avançado.

"É com este objetivo que dedico as páginas seguintes, que enfeixam os resultados de minha experiência, aos filhos do conhecimento, para que, por um cuidadoso estudo do modo pelo qual trabalha a Natureza, eles possam capacitar-se a erguer o véu, e a penetrar-lhe o santuário mais secreto. Por esse objetivo final de nossa sagrada filosofia, eles devem trabalhar trilhando a estrada real que a Natureza lhes assinalou. Seja-me permitido advertir o gentil leitor que a minha intenção é ser compreendido não tanto pela casca externa de minhas palavras, mas a partir do espírito interno

da Natureza. Se esse aviso for negligenciado, o leitor poderá dispendar tempo, trabalho e dinheiro em vão. Que ele considere que esse mistério se destina aos homens sábios, e não aos tolos. O sentido interior de nossa filosofia será ininteligível a fanfarrões presunçosos, a zombadores orgulhosos e a homens que sufocam a clamorosa voz da consciência com a insolência de uma vida depravada; e também às pessoas ignorantes que credulamente arriscaram a sua felicidade na alvação e na rubefação ou em outros métodos igualmente insensatos. A correta compreensão de nossa Arte deriva do dom de Deus ou da demonstração ocular de um mestre, e só pode ser obtida pela busca diligente e humilde e pela devota dependência ao Dador de todas as boas coisas; ora, Deus rejeita aqueles que O odeiam e desprezam o conhecimento. Em conclusão, eu pediria sinceramente aos filhos do conhecimento que aceitem este livro no espírito pelo qual ele foi escrito; e quando o SECRETO se tornar MANIFESTO para eles, e as portas interiores do conhecimento secreto estiverem escancaradas, que não revelem esse mistério a nenhuma pessoa indigna; e também que lembrem sua dívida para com os seus vizinhos sofredores e aflitos e evitem qualquer demonstração ostensiva de poder; e, acima de tudo, que rendam a Deus, o Três em Um, agradecimentos sinceros e reconhecidos com seus lábios, no silêncio de seus corações, e abstendo-se de qualquer abuso do dom.

"Como, após a conclusão do prefácio, se constatou que ele não cobria todo o espaço que lhe fora destinado, eu, a pedido do editor, publiquei 'a última vontade e testamento de Arnold Vaillanovanus', que eu outrora traduzira em versos latinos. Estou ciente de que o estilo de minha interpretação carece de esmero e elegância, mas essa deficiência foi parcialmente causada pela necessidade de aderir estritamente e fielmente ao sentido do autor.

"Corre que Arnold de Villanova, um homem que era o orgulho de sua raça, expressou sua última vontade nas seguintes palavras: 'o seu nascimento deu-se na terra, a sua força ela a adquiriu no fogo, e aí se tornou a verdadeira Pedra dos Sábios antigos. Que ela seja alimentada por duas vezes seis horas com um líquido claro, até que os seus membros comecem a expandir e a crescer a passo acelerado. Então, que ela seja colocada num local seco e moderadamente aquecido por outro período de doze horas, até que se tenha purgado expulsando uma densa névoa ou vapor, e se torne sólida e internamente dura. O Leite da Virgem, que é extraído da melhor parte da Pedra, é então preservado num recipiente destilador de vidro em forma oval, cuidadosamente fechado, e a cada dia ela se transforma

extraordinariamente devido ao fogo estimulante, até todas as diferentes cores se resolverem num esplendor fixo e gracioso de radiância branca que, em pouco tempo, sob a influência contínua e genial do fogo, transforma-se num púrpura glorioso — que é o signo exterior e visível da perfeição final de vossa obra’.

“Muitos Sábios, eruditos e homens ilustrados, em todas as épocas e (de acordo com Hermes) mesmo em tempos tão antigos como nos dias anteriores ao Dilúvio, escreveram bastante a respeito da preparação da Pedra Filosofal; e se seus livros pudessem ser entendidos com um conhecimento do processo vivo da Natureza, poder-se-ia quase dizer terem sido projetados para desbancar o estudo do mundo real que nos cerca. Mas embora nunca se tenham distanciado dos meios simples da Natureza, eles têm algo a nos ensinar, algo que nós, nestes tempos mais sofisticados, ainda precisamos aprender, porque nos aplicamos àquilo que encaramos como os ramos mais avançados de conhecimento, e menosprezamos o estudo de uma coisa tão “simples” como a Geração natural. Por essa razão, prestamos mais atenção às coisas impossíveis do que aos objetos que são amplamente exibidos diante de nossos próprios olhos, sobressaimos mais nas especulações sutis do que num estudo sóbrio da Natureza, e da revelação dos Sábios. É uma das características mais marcantes da natureza humana a negligência das coisas que parecem ser familiares e o desejo ávido de informações novas e estranhas. O trabalhador que atingiu o grau mais elevado de excelência em sua Arte a negligência, e se aplica a qualquer outra coisa, ou antes, abusa de seu conhecimento. O desejo de ampliar mais conhecimentos nos impele para a frente, para algum objetivo final, no qual imaginamos que poderemos descobrir repouso e satisfação plena, como a formiga, que não dispõe de asas senão nos últimos dias de sua vida. Em nosso tempo, a Arte Filosófica tornou-se uma matéria muito sutil; é a habilidade de um ourives comparada à de um humilde trabalhador que exercita sua profissão na forja. Fizemos tão poderosos avanços que se os antigos Mestres de nossa ciência, Hermes e Geber e Raymond Lulius voltassem dos mortos, seriam tratados por nossos Alquimistas modernos, não como Sábios, mas apenas como humildes aprendizes. Eles pareceriam pobres eruditos em nossa moderna tradição de destilações, circulações e calcinações fúteis, e em todas as outras incontáveis operações com que a pesquisa moderna tão afortunadamente enriqueceu a nossa Arte. Em todos esses assuntos, nosso saber é verdadeiramente superior ao deles. Apenas uma coisa nos falta que eles possuíam, a saber, a habilidade de realmente preparar a Pedra Filosofal. Talvez, então, os seus métodos simples

fossem afinal de conta melhores; e é com base nesta suposição que desejo, neste volume, ensinar-vos a compreender a Natureza, de modo que a nossa vã imaginação não nos possa desviar do caminho verdadeiro e simples. A Natureza, portanto, é una, verdadeira, simples, contida em si, criada por Deus e dotada de um certo espírito universal. O seu fim e origem é Deus. Sua unidade encontra-se também em Deus, porque Deus fez todas as coisas: não há nada no mundo fora da Natureza ou contrário à Natureza. A Natureza divide-se em quatro ‘locais’ em que ela traz à luz todas as coisas que podemos ver e todas as que estão na sombra; e de acordo com a boa ou má qualidade do ‘local’, ela produz coisas boas ou más. Há apenas quatro qualidades que estão em todas as coisas e que não obstante não concordam entre si, pois uma está sempre lutando por obter o domínio sobre as demais. A Natureza não é visível, embora aja visivelmente; ela é um espírito volátil que se manifesta em formas materiais, e sua existência reside na Vontade de Deus. É muito importante para nós conhecermos esses ‘locais’ e aqueles que são mais harmônicos, e mais estreitamente aliados, para que possamos reunir as coisas de acordo com a Natureza, e não tentar confundir os vegetais com animais, ou animais com metais. Tudo deveria ser feito visando a agir sobre aquilo que é como ela — e então a Natureza cumprirá seu dever.

“Os estudantes da Natureza deveriam ser como o é a própria Natureza — verdadeira, simples, paciente, constante, e assim por diante; acima de tudo, eles deveriam temer a Deus e amar o próximo. Deveriam sempre estar prontos para aprender da Natureza, e serem guiados por seus métodos, verificando por exemplos visíveis e sensatos se o que pretendem realizar está de acordo com as possibilidades dessa mesma Natureza. Se quisermos reproduzir algo já realizado por ela, deveremos segui-la, mas, se quisermos nos aperfeiçoar em seu desempenho, deveremos conhecer em que e pelo que ela chega à perfeição. Por exemplo, se desejamos comunicar a um metal uma excelência maior do que a Natureza lhe deu, devemos tomar a substância *metálica* em suas variedades masculina e feminina, pois, do contrário, todos os nossos esforços serão inúteis. É impossível produzir um metal de uma planta, assim como fazer uma árvore de um cachorro ou qualquer outro animal.

“Já se disse que a Natureza é una, verdadeira e consistente, e que podemos conhecê-la por seus produtos, tais como árvores, ervas, etc. Já descrevi também as qualificações dos estudantes da Natureza. Direi agora umas poucas palavras sobre a operação da Natureza.

“Assim como a Natureza tem a sua origem na Vontade de Deus, assim a sua vontade ou semente está nos Elementos. Ela é uma e produz coisas diferentes, mas apenas pela instrumentalidade mediata da semente. Pois a Natureza realiza tudo que o esperma requer dela e é, por assim dizer, apenas o instrumento de algum artesão. A semente é mais útil ao artista do que a própria Natureza, pois a Natureza sem semente é o mesmo que um ourives sem prata e nem ouro, ou um agricultor sem milho para semear. Onde quer que haja semente, a Natureza trabalhará através dela, seja ela boa ou má. A Natureza trabalha sobre a ‘semente’ assim como Deus trabalha sobre a vontade livre do homem. De fato, constitui grande maravilha o contemplar a Natureza, a qual obedece à semente, não porque é forçada a fazê-lo, mas por sua própria vontade. Da mesma maneira, Deus permite ao homem fazer o que lhe apraz, não porque Ele é constrangido, mas por Sua livre bondade. A semente, então, é o elixir de algo ou sua quintessência, ou sua digestão ou decocção perfeita, ou, ainda, o Bálsamo do Sulfur, que é idêntico à umidade radical dos metais. Poderíamos falar muito mais sobre esta semente, mas devemos apenas mencionar os fatos que são importantes para a nossa Arte: Os quatro elementos produzem semente, através da vontade de Deus e da imaginação da Natureza; e como a semente do animal macho tem seu centro ou local de reserva nos rins, assim os quatro elementos, por sua ação contínua, projetam uma constante provisão de sementes no centro da terra, onde estas são digeridas e de onde procedem novamente em movimentos gerativos. Ora, o centro da terra é um certo lugar vazio em que nada está em repouso; e os quatro elementos projetam as suas qualidades na margem ou circunferência desse centro. E assim como a semente masculina é emitida no útero da fêmea, em que apenas o que é necessário é retido, sendo o resto novamente expulso, assim a força magnética de nosso centro da terra atrai a si tudo de que necessita da substância seminal cognata, ao passo que o que não pode ser utilizado para a geração vital é expulso na forma de pedras e outros refugos. Essa é a origem de todas as coisas terrestres.

“Ilustremos o assunto supondo que um copo de água é colocado no centro de uma mesa, e em torno dele são dispostos pequenos montes de sal e de pós de cores diferentes. Se entornarmos o copo, a água correrá pela mesa em filetes divergentes, e se tornará sal quando tocar o sal, vermelha quando dissolver o pó vermelho, e assim por diante. A água não altera os ‘locais’, mas os diversos locais diferenciam a água. Da mesma maneira, a semente, que é o

produto dos quatro elementos, projeta-se em todas as direções, a partir do centro da terra, e produz coisas diferentes de acordo com a qualidade dos diferentes locais. Portanto, embora a semente de todas as coisas seja uma, ela foi feita para gerar uma grande variedade de coisas, assim como a semente do homem poderia produzir um homem se lançada no útero de uma fêmea de sua própria espécie, ou uma variedade monstruosa de abortos, se lançada nos úteros de diferentes fêmeas de animais. Enquanto a semente da Natureza permanece no centro, ela pode produzir indiferentemente uma árvore ou um metal, uma erva ou uma pedra, e, de igual maneira, de acordo com a pureza do lugar, ela produzirá o que é mais ou menos puro. Mas como os elementos geram o esperma ou a semente? Há quatro elementos, dois pesados e dois luminosos, dois secos e dois úmidos, mas um mais seco e um mais úmido do que todos; e esses são o macho e a fêmea. Pela vontade de Deus, cada um desses elementos se esforça constantemente por produzir coisas iguais a si próprio em sua própria esfera. Além disso, eles agem constantemente uns sobre os outros, e as essências sutis de todos eles são combinados no centro, onde são misturadas e emitidas novamente por Archeus, o servo da Natureza, como é mais plenamente exposto no Epílogo destes doze Tratados.

“A matéria-prima dos metais é dupla, e uma sem a outra não pode criar um metal. Essa substância os Sábios a chamaram de Mercúrio, e no mar filosófico ela é governada pelos raios do Sol e da Lua. A segunda substância é o calor seco da terra, chamado Sulfur. Mas como essa substância tem sido sempre mantida em grande segredo, falaremos dela mais abertamente, e especialmente de seu peso, a ignorância do qual põe a perder todo o trabalho. A substância correta, na quantidade errada, nada pode produzir, a não ser um aborto. Há alguns que tomam o corpo inteiro por sua matéria, ou seja, por sua semente ou esperma; outros tomam apenas uma parte dela: todos estão na trilha errada. Se alguém, por exemplo, fosse tentar a criação de um homem a partir da mão de um homem e do pé de uma mulher, ele falharia. Pois existe em todo corpo um átomo central, ou ponto vital da semente (sua 1/8200 parte), mesmo num grão de trigo. Nem o corpo nem o grão constituem *toda* a semente, mas todo corpo tem uma pequena centelha seminal, que as outras partes protegem de todo excesso de calor e frio.

“Se tendes ouvidos e olhos, apreciái esse fato, e acautelai-vos contra aqueles que utilizam qualquer grão como semente e aqueles

que se esforçam por produzir uma substância metálica altamente rarefeita por meio da solução e mistura inútil de metais diferentes, pois mesmo os mais puros contêm um certo elemento de impureza, embora nos inferiores a proporção seja maior. Tereis tudo que desejardes se descobirdes o ponto da Natureza, o qual, contudo, não deveis buscar nos metais vulgares; esse ponto não deve ser aí procurado, pois todos eles e o ouro comum, em particular, estão mortos. Mas os metais que vos aconselhamos a recolher estão vivos e têm espíritos vitais. O fogo é a vida dos metais enquanto eles ainda estão em seus minérios, e o fogo de fundir é a sua morte. Mas a matéria-prima dos metais é uma certa umidade misturada com ar quente. Sem a aparência da água oleosa que adere a todas as coisas puras e impuras; mas em alguns lugares ela se encontra mais abundantemente do que em outros, porque a terra é mais aberta e porosa em um lugar do que em outro e tem uma grande força magnética.

“Quando se torna manifesta, reveste-se de uma certa vestidura, especialmente nos lugares em que ela nada tem a que aderir. É conhecida pelo fato de ser composta de três princípios, mas, como uma substância metálica, ela é apenas uma, sem qualquer sinal visível de junção, exceto aquilo que se lhe pode chamar de vestidura, ou sombra, a saber, enxofre, etc.”

Agora, para citar Paracelso, esse gênio do século XVI, que, muito antes de Hahnemann, o suposto fundador da homeopatia, e do Prof. Liebig, o famoso químico alemão (ambos já citados em outro capítulo), explicou por que a trituração é essencial na administração dos medicamentos. Como se verá pelo que segue, não apenas Hahnemann, mas Paracelso antes dele, ensinou os princípios da homeopatia às massas:

“Falamos também de igual maneira a respeito dos magistérios das ervas, que, de fato, são tão eficazes que *metade de uma onça* deles opera mais eficazmente do que uma *centena de onças* de seu corpo, porque apenas a centésima parte é Quintessência. Portanto, sendo a sua quantidade tão pequena, uma massa maior deve ser utilizada e administrada, o que não é necessário no caso dos magistérios; pois, nestes, toda a quantidade das ervas é reduzida a um magistério, que não se deve julgar inferior, em virtude do seu caráter artificial, à própria Quintessência extraída. Exibir uma parte dessa é mais útil do que uma centena de partes de um corpo, pois os magistérios são preparados e agudizados em seu mais alto grau e reduzidos a uma qualidade igual à Quintessência, em cujo magistério todas as virtudes e poderes do corpo estão presentes, propiciando-lhe todos os seus poderes auxiliares. Pois neles a penetrabilidade e o poder de todo o corpo deriva da mistura que se faz com ele” (*The Archidoxies*, Livro VI).

Em conclusão, possa a sabedoria advinda de Paracelso lembrar-nos sempre que “a Alquimia traz à luz arcanos excelentes e sublimes, que foram antes acidentalmente descobertos do que procurados. Por essa razão, que a Alquimia seja grande e venerável aos olhos de todos, pois muitos arcanos estão no tártaro, no junípero, na melissa, na tintura, no vitríolo, no sal, no alume, na Lua e no Sol” (*De Caducis*, Pars IV).

Conclusão

A curiosa e extraordinária aura que cerca os alquimistas místicos domina até mesmo o leitor casual de suas obras. Compreender essas mentes humanas imensamente grandes impele a consciência individual a alturas tão tremendas que, com frequência, ainda que inconscientemente, os limites da ciência profana são ultrapassados. Mesmo hoje, em nossos tempos pretensamente modernos, que progridem com tanta rapidez, quando sistemas mais novos de natureza física e psicológica estão se apresentando continuamente às mentes inquisidoras dos que pesquisam em busca de compreensão cósmica, é surpreendente descobrir que esses grandes filósofos, doutores em medicina e alquimistas ainda estão bem mais avançados, mesmo para a nossa época "iluminada". Mesmo os indivíduos que foram apenas parcialmente iniciados em certos segredos cósmicos e que — após a devida preparação — encontraram a chave para descobrir as fórmulas propositadamente estranhas e alegoricamente ocultas dos grandes alquimistas ficaram aterrorizados com as imensas possibilidades que se abriram diante de si. Antes disso, tais potencialidades teriam sido consideradas como impossibilidades absolutas.

Se os alquimistas, então, são de fato grandes cientistas e se os seus ensinamentos são de tão grande benefício à humanidade, por que, queixar-se-á o leitor, esconderam eles tanta sabedoria atrás de símbolos alegóricos que apenas confundem e desencaminham a mente inquisitiva? Formular tal questão não é apenas natural, é mesmo justificável. Há uma resposta a ser dada, e muito simples: "Assim teve que ser". "Mas por quê?", protestará o leitor. "Por que todo esse segredo? Por que os alquimistas não escreveram claramente, de modo que todo aquele que lê essas obras possa compreendê-las e delas beneficiar-se?"

O que segue é uma débil tentativa de vindicar as obras desses grandes personagens aos olhos do estudante que pesquisa, por enquanto sem sucesso. Na realidade, eles não precisam de nenhuma

vindicação, pois seus nomes merecem ser pronunciados com a mais profunda reverência, como embaixadores cósmicos divinamente ordenados. Para sermos específicos, Paracelso, por exemplo, não ensinou novas leis. Ele simplesmente promulgou mais abertamente e numa versão mais nova o que outros antes dele conheciam e mantinham em segredo. Acrescentou e aperfeiçoou métodos diferentes para obter de formas mais simples e de maneira diversa resultados que a ciência profana, como a entendemos, não pode realizar no presente.

É aqui que devemos encontrar um dos segredos. *No presente* a ciência profana não pode realizá-los, embora a ciência profana seja de berço arcano. Ela representa a permissão cósmica para segmentos do arcano se tornarem profanos. De tempos em tempos, permite-se que um pouco mais da sabedoria arcana, mantida oculta do profano, atinja a consciência dos indivíduos em proporções maiores. No futuro, como no passado, esse processo de revelação se fará através de canais preestabelecidos. A evidência desse fato é óbvia ao estudante da história registrada. Muitas descobertas que hoje são conhecimento comum foram outrora segredos bem guardados dos alquimistas medievais. Em certa época, as águas corrosivas como o ácido nítrico (NHO_3) representavam conhecimento secreto. Hoje podemos adquiri-la por algum dinheiro e utilizá-la para muitos usos comuns. Contudo, podemos também encontrar leis divinas empregadas por homens para propósitos egoístas, e devemos ter em mente que essas leis operam igualmente bem nas mãos daquelas almas desafortunadas que colocam seu egoísmo acima do bem-estar da humanidade. As leis não operam com sucesso apenas nas mãos do bom ou do virtuoso, como podemos ver nos anais da história registrada. Por essa razão, muitas leis conhecidas dos grandes alquimistas foram — e ainda são — mantidas em segredo. O progresso individual não pode ser medido numa escala comum. Os poderes inerentes podem ser ativados para vários usos, produzindo resultados de diferentes proporções, e no entanto eles emanam da mesma fonte fundamental ou da mesma lei idêntica. A força arcana que cria o calor num fogo terrestre e visível é uma manifestação da mesma lei que produz calor num arco elétrico quente o bastante para derreter metais. Assim que os trabalhos dessa lei são revelados e se tornam propriedade dos indivíduos, eles podem ser utilizados para propósitos construtivos ou destrutivos. A evolução do intelecto humano depende da permissão cósmica para que a consciência cósmica penetre e ative as funções do cérebro, deixando sempre espaço para o livre arbítrio do indivíduo e disposição para funcionar como

agente dessa consciência. Se Paracelso e outros alquimistas, pela permissão cósmica e pelo karma, foram autorizados a revelar as leis cósmicas profundas ainda desconhecidas das massas, então, em vez de ridicularizar esses homens, deveríamos tentar revelar os mistérios de sua obra, e incorporá-los para utilização benéfica em prol da humanidade. Podemos fazê-lo. Aí repousa outro aparente segredo.

Aqueles que demonstraram alguns ensinamentos e fórmulas de Paracelso sabiam disso, mas mantiveram profundo silêncio sobre suas descobertas, pois elas têm um profundo alcance. Se disponíveis como conhecimento comum, elas produziriam mais bem do que muitas pessoas poderiam aceitar sem também causarem um mal indevido. Essa afirmação pode soar como o produto de uma mente sinistra. Mas é por essa razão que os alquimistas ocultaram suas descobertas. A transmutação dos metais básicos em metais preciosos pode ser citada como um caso exemplar. Por meio de processos físicos complicados, a ciência profana produziu resultados muito pequenos, mas encorajadores. Contudo, o seu custo é tão grande que o processo se tornou inaproveitável no presente. Alquimicamente, ele pode ser realizado por meio de um processo relativamente simples, que apresenta possibilidades ilimitadas. Como é isso possível? ¹ Simplesmente conhecendo o segredo.

Qual seria o resultado natural se uma criança tivesse fácil acesso ao ácido nítrico, mesmo tendo ela as informações relativas às suas inerentes qualidades venenosas? Ela poderia ficar com medo e evitá-lo por completo, tendo diante de seus olhos um retrato mental de agonia física ou mesmo de morte; ou a curiosidade poderia vencê-la a ponto de fazê-la descobrir se a substância é realmente capaz de fazer o que afirmam dela. Os resultados, naturalmente, dependeriam da inteligência inata, mesmo numa criança. E os resultados poderiam eventualmente tornar-se manifestos. Contudo, a imaturidade não se limita apenas às crianças. Mesmo hoje, nem todas as coisas se destinam ao *uso* de todos, embora tenham sido criadas para

1. Se permitíssemos que o rato comum norueguês se multiplicasse livremente, ele cobriria a Terra num espaço de tempo relativamente pequeno, tornando teoricamente impossível a vida dos homens. A maioria dos homens não sabe como essa lei funciona. Não obstante, ela funciona, a despeito de o homem ignorar por que essa lei impede a difusão dos roedores em tal proporção, mesmo sendo ela *teoricamente* possível. É a operação da mesma lei que reserva a Alquimia apenas a uns poucos. O indivíduo, eventualmente, dominará as leis que são agora secretas. Mas primeiro o homem precisa atingir as alturas espirituais mais elevadas para compreender, entender e finalmente dominar a si mesmo.

o benefício de todos. É por essa razão que os alquimistas tiveram que esconder o conhecimento arcano. É por essa razão também que os seus discípulos se abstêm de revelar esse conhecimento a qualquer um. É porque o pai *ama* a criança que ele lhe nega certos conhecimentos antes de estar ela preparada para recebê-los. Assim também, é porque os guardiães da sabedoria sem idade amam a humanidade que precisam negar certas porções de seu conhecimento até o estudante estar preparado para recebê-las.

A humanidade como um todo não está pronta, no presente, para receber tal conhecimento de modo absoluto. A despeito do grau relativamente alto de civilização que alcançamos, a humanidade, como um todo, não avançou bastante. Possui forças educativas que estão sendo deliberadamente utilizadas para propósitos destrutivos, não construtivos. Massacre e aniquilação estão sendo perpetrados até mesmo por homens que acreditam nas leis divinas e que têm algum conhecimento delas. Embora clamem por aprender leis maiores e mais sublimes, eles demonstram não obstante, tragicamente, a sua inabilidade para obedecer às leis menores e para dominá-las. Que ignorância de valor! Quando recapitulamos o registro dos abusos impensados que o homem tem cometido com o conhecimento que a lei cósmica lhe forneceu, começamos a compreender o olho seletivo e os meios secretos dos antigos alquimistas. Podemos apreciar mais do que nunca a sabedoria de sua antiga máxima, ainda válida, de que apenas quando o pupilo estiver pronto o mestre aparecerá. De fato, Paracelso é um daqueles mestres que ajudam o estudante no caminho por meio de seus ensinamentos e postulados extremamente avançados. Felizmente, contudo, apenas os iniciados serão capazes de compreendê-los.

A ênfase incide sobre o *iniciado*. Àqueles que estão fora do reino da Alquimia, é impossível comunicar qualquer prova. É por essa razão que os verdadeiros alquimistas, dos tempos mais remotos aos dias de hoje, trabalharam em segredo, ocultos, às vezes, de suas próprias famílias. Se se compreende que — na superfície, pelo menos — a prática do laboratório alquímico não parece diferir da experimentação química convencional, não é difícil compreender como os alquimistas no passado e no presente foram capazes de passar despercebidos, embora alcançando realizações alquímicas válidas.

Os alquimistas trabalham em primeiro lugar em benefício da humanidade. Preparar remédios poderosos de ervas e metais para curar as enfermidades e restaurar as funções normais do corpo é

uma de suas atividades fundamentais. A Natureza, com as suas ervas, raízes, cascas, minerais e metais diversos, é o seu verdadeiro médico. Os alquimistas agem apenas como um instrumento. É contrário ao seu caráter oferecer sacrifícios esculápios no altar da ignorância, e não consideram eles sábio adornar-se propositadamente com conhecimento cósmico divinamente revelado. Se compreendem a própria impotência neste grande universo, é porque exercitam escrupulosamente a modéstia e a benevolência no mais alto grau. Muitas pessoas pensam nos alquimistas como indivíduos estranhos e misteriosos, meio loucos, senão completamente insanos, que pertencem mais propriamente às Épocas Negras. Mencionar que alquimistas verdadeiros ainda vivem e trabalham soa, hoje a muitas pessoas, como uma fábula das *Mil e Uma Noites*. Mas persiste o fato notável de que mesmo hoje, desconhecidos do mundo em geral, eles continuam a praticar sua arte e ciência, fiéis a uma tradição secular. Mais freqüentes do que nunca, esses aparentes milagres que ocorrem aqui e ali são os resultados dos feitos desses homens e mulheres desprendidos. Em muitos casos, a identidade do benfeitor permanece desconhecida mesmo daqueles a quem beneficiou. Enigmáticas como possam parecer estas afirmações, a evidência dos fatos não pode ser ignorada pela profissão médica. Afinal, os zombadores terminaram explicando o que não compreendem, pois a evidência desses milagres, como estes foram chamados, ainda permanece. Muitos dos grandes praticantes da Alquimia, seguindo uma tradição de serviço à humanidade, esconderam-se atrás de misteriosos pseudônimos ou escolheram o manto do total anonimato. A poeira da história, por sua própria escolha, cobriu suas personalidades individuais. Mas o sólido registro de suas realizações permanece, para desconcertar — e desafiar — a moderna mente científica.

A Diferença entre Química e Alquimia

Como se pode traçar uma linha divisora entre a química e a Alquimia? Essa questão tem sido levantada com freqüência. Se a química é um desenvolvimento da Alquimia medieval, como pode algo benéfico ainda restar na Alquimia? Quando a tintura de uma erva é extraída, restam apenas folhas impotentes. A força lhe foi retirada. Se isso é válido para a Alquimia, resta então apenas uma crua casca histórica, tendo a química moderna, nestes séculos intermediários, lhe extraído a essência. Mas isso não é verdade. Podemos compará-la a um professor que comunica seu conhecimento

aos alunos, e estes novamente a outros. Embora esse conhecimento possa ser utilizado, o professor nada perdeu comunicando-o livremente a terceiros. Não apenas ele retém o conhecimento que despendeu, mas um outro imenso, permanece consigo, o qual poderá comunicar a outrem quanto julgar conveniente. Muitos conhecimentos dos antigos alquimistas que eram no início secretos tornaram-se propriedade pública, e outros, apoderando-se deles, continuaram a construir várias hipóteses a partir daí e, consecutivamente, foram surgindo novos resultados. Mas nem todos os conhecimentos alquímicos se tornaram propriedade pública. Muito mais ainda aguarda uma explicação nos laboratórios das universidades. É aqui que a verdadeira controvérsia tem início. Para sumariar a diferença entre a Alquimia e a química moderna:

1. Ninguém pode realizar coisa alguma alquimicamente no laboratório sem o chamado Mercúrio Filosofal. Mas este não é o mercúrio metálico ou a prata comum.
2. A tintura (Mercúrio Filosofal), incluindo o seu Sulfur e as fezes, devem ser primeiramente separadas e depois novamente reunidas pelos processos adequados.

Parece ser uma tendência a de passar por cima das afirmações acima de forma muito ligeira, não reconhecendo a importância do Mercúrio. Esse Mercúrio Filosofal tem, por séculos, causado muita confusão. Os cientistas, e de longe a maioria esmagadora deles, concordam em que o Mercúrio não existe. Ele ainda não foi descoberto, e não o será. E assim deixam o assunto de lado. O trato com o mercúrio metálico produziu alguns resultados. Desenvolveram-se o bicloreto de mercúrio e medicações mercuriais similares, mas, por causa das propriedades altamente venenosas do mercúrio, alcançou-se apenas um sucesso limitado. Outra diferença notável é que todo o veneno pode ser removido alquimicamente de qualquer erva ou metal, libertando-se as suas propriedades curativas. Isso representa outro obstáculo no caminho da química e da ciência médica. Se apenas os venenos pudessem ser eliminados! É muito raro descobrir um agente curativo que não tenha também algumas substâncias venenosas. Remover as qualidades venenosas e libertar os agentes curativos representa uma batalha heróica que a ciência, até agora, não venceu.

“Em benefício da humanidade”, exclamará o público, “e de todas as misérias que atualmente existem no mundo, por que os alquimistas não revelam seus segredos? Por que sofrem e morrem as pessoas em agonia se tanto se poderia fazer por elas?” É esse grito

da humanidade que mais aflige o verdadeiro alquimista. Aqui a tentação de transgredir o juramento alquímico é de fato grande. Os sofrimentos da humanidade parecem de fato conceder boas e bem fundadas razões humanitárias para se ultrapassarem os limites do segredo. E no entanto, como afirmamos nas páginas anteriores, o bem que tais revelações poderiam fazer pode também ser utilizado para o oposto, para o chamado mal, ou antes, para manifestações negativas das mesmas leis. Isso apresenta um perigo tão grande, nos termos das leis envolvidas, que o bem geral poderia, pela ignorância, ser completamente aniquilado.

“De que serve então a Alquimia, se não pode ser utilizada para o bem geral? A Química é uma porta aberta em que toda a humanidade pode entrar para dela beneficiar-se.” Aqui, de fato, os críticos têm sua razão. A única escusa, se há alguma para esse difícil problema, consistirá em repetir, como o fizemos antes: “Nem todas as coisas se destinam ao uso de todos, embora tenham sido criadas em benefício de todos.” Se o autor teve que cunhar a frase acima, foi apenas com o objetivo de ilustrar a sabedoria cósmica, e não com a intenção de excluir quem quer que seja dos benefícios do conhecimento alquímico. Não é preciso ter um grande intelecto para compreender o raciocínio que subjaz à nossa afirmação. Ninguém em seu juízo normal alimentaria um bebê com couve crua. Mesmo os críticos reconhecerão que os assuntos que pertencem à psicologia e representam o limiar para regiões transcendentais devem ser levados em conta. A questão diz respeito a tudo e não pode ser simplificada. Eis por que o conhecimento insuficiente sobre tais assuntos imensamente importantes resulta em frustração e conclusões falhas. Hipóteses de longo alcance como a lei do Karma podem, no entanto, servir para fechar o círculo aberto que ainda desafia a perplexamente científica de hoje.

Alquimia e Terapêutica

Os estudantes de medicina balançarão a cabeça aos esforços para unir a Alquimia e a terapêutica. No entanto, quem ainda não ficou pasmo diante do primeiro cadáver que revelou a sua maravilhosa anatomia ao olho inquisitivo do estudante? O organismo físico estava presente — mas a força vital — a própria vida — esse mistério dos mistérios — desapareceu. Se o poder da organização cósmica é tão evidente no corpo humano, por que desprezar a força primária que dá vida ao nosso funcionamento físico total? Força

primária! Aqui está o portal dos grandes vestibulos da ciência arcaica, do Templo da Sabedoria Cósmica em que reside o segredo da criação. O Hyle da Alquimia. Em que melhor lugar podemos observar os procedimentos alquímicos demonstrados? A ciência deve, necessariamente, ser passível de demonstração. Ela *pode* ser demonstrada, visto que é um processo físico que depende do executante. Suponha, então, que um cirurgião realiza uma operação. O sucesso com o paciente o encoraja a repetir o mesmo método em outro paciente e ainda em outro, apenas para deparar-se, por fim, com uma falha de procedimento ou da técnica operatória num paciente que não mais reage. E quanto à sua demonstração clínica? Demonstrou ele a infalibilidade de seu procedimento? Os pacientes podem, e na verdade devem, responder de modo diferente a tratamentos idênticos. O que os faz terem respostas diferentes? Excluindo as anormalidades, todos somos dotados do mesmo organismo básico, desde que não esteja ele alterado. O sucesso do cirurgião depende do funcionamento normal ou anormal do corpo. Mas, podemos perguntar por nossa vez, o que determina se um corpo funciona normal ou anormalmente? Posso ser acusado de utilizar sofismas, mas como pode um médico ser útil se não *for* um filósofo, quando o funcionamento normal ou anormal produz respostas diferentes em pacientes diferentes e uma multidão de fatores filosóficos e psicológicos influencia o caráter dessas respostas?

Perguntemos, então, “Como pode um médico pretender a posse do conhecimento do funcionamento físico se ignora a ‘coisa-em-si’, que só pode ser encontrada no reino da psicologia?” Ele não pode fazer face à prática como um verdadeiro filho da arte hipocrática, a não ser que compreenda as leis inexpugnáveis da psicologia da mesma maneira pela qual compreende as técnicas do manejo do escalpelo ou da dosagem dos frascos de remédios. É da combinação de sua compreensão do psicológico assim como do físico que resultará o terceiro ponto de perfeição, de acordo com a lei cósmica do triângulo: a restauração do funcionamento normal cosmicamente ordenado para o indivíduo.

É importante notar que enfatizamos o *indivíduo*. Como assinalamos nas páginas anteriores, os poderes inerentes a ele podem ser ativados para vários usos, produzindo resultados de diferentes proporções. Uma vez que isso se tenha tornado parte da consciência do verdadeiro buscador dos segredos alquímicos, o caminho para um horizonte novo e maior estará aberto. Na busca contínua de mais conhecimento e verdade, os médicos de nossos dias são ainda ma-

terialistas nitidamente idealistas. Provam-no os seus procedimentos na mesa cirúrgica. O *objeto* doente atrai sua primeira atenção. Em muitos casos, eles consideram que a remoção desse objeto resultará na cura. Mas como pode isso ser verdade? Aquilo que não existe mais, como pode ser curado? Removamos a glândula tireóide de uma criança, e qual será o resultado? Estará esse imbecil ananizado "curado"? Podemos alimentar oralmente a criança com as glândulas tireóides, e o seu crescimento prosseguirá. Mas estará a sua glândula tireóide "curada"? Não! A glândula tireóide não está presente, e a pequena carcaça dura não foi curada, devido simplesmente à falta dessa glândula, e o mixedema se torna evidente. Os hormônios glandulares podem ser ingeridos, acumulando-se diretamente na corrente sanguínea, mas o que agirá internamente para produzir mais hormônios tireóides? A glândula pituitária? Não exatamente. Essa endócrina é de uma consciência diferente. É aqui que nos chocamos contra o portal trancado dos fenômenos psicológicos.

O que dá a cada glândula uma consciência diferente, de modo que cada uma produza um hormônio diferente? Por que uma célula de uma consciência diferente cria um tumor se mal colocada no corpo? A habilidade cirúrgica cura realmente aquilo que foi removido? Terá a profissão médica começado a compreender a sua inadequação em empregar apenas a terapia física? Se já, então chegou o tempo de sondar os mistérios alquímicos. Aqui, com honesto esforço, a profissão médica poderá descobrir com sucesso maravilhas não sonhadas, para louvor e glória de uma inteligência cósmica que reserva tais prodígios para a mente honesta que pesquisa e não apenas para os servos do altar esculápio. Alguns, dentre a geralmente honrada profissão médica e cirúrgica, podem, como o deus grego mistificado, tentar cortar a cabeça do paciente, sangrá-lo e recolocar-lhe o cérebro — e considerá-lo curado!

A ciência médica progrediu tremendamente. Mas Galeno não esperou por mais de 1.400 anos apenas para encontrar um sucessor? A ciência médica ainda não pesquisa o corpo humano para localizar o que, em sua opinião, é supérfluo e pode ser removido por não ser essencial? Mas é a natureza que produz; os homens podem apenas imitá-la. Nenhum simulacro jamais substituiu o original. Ele pode ser semelhante mas jamais poderá restitui-lo. Se, por meio de uma tentativa de imitação, um novo resultado é produzido, então este é original, visto que se manifesta numa forma nova e diferente. Portanto, se os órgãos humanos se modificam em virtude do ambiente natural, eles próprios se ajustarão naturalmente. Em muitos casos, as

alterações são unilaterais e são produzidas artificial e muito rapidamente, obstando o ajustamento natural e progressivo dos outros órgãos. Instigar uma melhora imediata a uma dada área exigirá logicamente demais dos outros órgãos, que, estimulados por força insuficiente mas acelerada, começarão a trabalhar em excesso e entrarão eventualmente em colapso, criando desordem e doença. Continuar a injetar estimulantes nessas circunstâncias será prejudicial e destrutivo, fazendo a força vital buscar ambientes mais harmônicos, forçando-a, em casos extremos, a deixar o corpo físico, e assim produzir estagnação e morte.

A obra do médico, por conseguinte, deveria consistir, em primeiro lugar, em ajudar a *impedir* as desordens e doenças orgânicas. Em segundo, em ajudar a *restaurar* os órgãos doentes ao funcionamento normal, não removendo, mas curando-os. Apenas se é incapaz de curá-los, pode o médico remover os órgãos, a fim de impedir que se expanda a doença em outras áreas do corpo. Isso definitivamente não lhes permite usar o escalpelo cirúrgico em todos os casos. Toda vez que faz uso do bisturi, ele busca refúgio na permissão da emergência cirúrgica. Se, depois de conquistar a permissão para praticar o que aprendeu durante os anos de faculdade, o médico não se esforça para ganhar mais conhecimento, antes *como médico* do que como especialista na remoção cirúrgica de certos órgãos ou áreas do corpo, podemos considerá-lo em falta com o seu juramento de servir a humanidade. Tendo em mente a exceção apontada acima, seu objetivo último será descartar quase inteiramente a cirurgia. O fato de esse estágio não ter sido atingido no presente pela profissão médica não implica que ela não possa atingi-lo no futuro. Não negamos ou desmerecemos a grande habilidade dos médicos de hoje. Apenas reivindicamos que alguns deles tenham a coragem de ultrapassar a sua atual ortodoxia, por mais rica em realizações que ela seja, a fim de ousar estudar com mente aberta as obras de Paracelso e outros que expuseram os ensinamentos da Alquimia. São homens como esses, da profissão médica ou não, que ajudarão, no grande ciclo cósmico de evolução, a elevar a humanidade e reconduzir o corpo humano ao seu estado pré-ordenado de perfeição.

Alquimia e Filosofia

Afirmava Platão que as *idéias* são a realização de tudo o que a matéria não é. Essa concepção tornou-se tão corrente que muitos esqueceram a afirmação de seu discípulo, Aristóteles, de que as

idéias estão *na* matéria, não separadas dela. Os ensinamentos modernos tornaram-se tão confusos que, por exemplo, em nossa moderna tabulação de mais de cem elementos, há, de acordo com os postulados científicos, substâncias que se reduzem à sua natureza primeira e não podem ser alteradas. A "infalibilidade" dessa afirmação foi demonstrada pela própria ciência em sua exitosa redução de certos elementos em outros absolutamente diversos. Os antigos declararam que havia apenas quatro elementos que não podiam ser alterados, ou seja, fogo, água, ar e terra. A ciência exotérica e os teóricos profissionais trabalharam durante 2.400 anos para desacreditar essa idéia, construindo Torres de Babel que declararam serem sólidas e duradouras.

Essas estruturas estão começando agora a ruir-lhes sobre as cabeças. A volta à trilha da verdadeira ciência, lamentavelmente negligenciada, precisa ser novamente considerada, se se procuram resultados válidos e duradouros. Muitas "leis" no passado foram aceitas como irrefutáveis e eternas, apenas para serem substituídas por novos progressos na pesquisa, como exemplificamos acima com a bem-sucedida alteração dos pretensos elementos "imutáveis".

Desde os remotos dias de Tales de Anaxágoras (a quem se credita a hipótese de que deve haver mais de quatro elementos, a qual causou o desvio de *algumas* das leis fundamentais de Aristóteles), a ciência e a filosofia seguiram por mais de 2.000 anos uma teoria aparentemente enganosa. Antes de prosseguir, deve o estudante imparcial da ciência e da filosofia admitir que os atomistas dos antigos gregos (como Leucipo e Demócrito) estavam certos. Demócrito, por exemplo, insistia em que há vários elementos — o que vale dizer que ele acreditava na existência de muitas estruturas atômicas — de fato, que todo o universo é composto de estruturas atômicas. Podemos dizer que é aqui que a nossa atual teoria atômica teve a sua origem, na medida em que a pesquisa positiva do homem se iniciou. Como pode alguém transformar os quatro elementos dos filósofos antigos em elementos diferentes? Pode-se tentar escapar facilmente dizendo-se que a água (líquido) pode ser transformada em hidrogênio e oxigênio, visto que ela representa a ambos. H_2O é água (líquido). Podemos separá-la e analisá-la, mas ela não pode ser modificada. Por conseguinte, é improvável que um elemento *seja* o que a ciência abstrata postulou que é. O que chamamos agora de elementos são componentes atômicos. Os átomos são entidades materializadas e segmentárias da consciência cósmica, que se manifestam em um dos três elementos dos fenômenos físicos, *i.e.*, sólido, líquido

e gasoso. As estruturas atômicas podem ser reordenadas, mas os resultados manifestar-se-ão em um dos três elementos mencionados, realizando-se as modificações por meio do calor (o quarto). Todo movimento se deve à força e toda força emana do calor (energia), tendo sua origem no plasma universal, que é uma coagulação da substância gasosa, líquida e sólida.

O calor, ou fogo, como foi confusamente (embora compreensivelmente) denominado nos tempos antigos, é outro elemento. Contudo, o fogo visível é combustão, uma reordenação das estruturas atômicas sólidas, líquidas ou gasosas combustíveis. Mas os sólidos (a matéria é um termo utilizado para descrever qualquer das manifestações eletrônicas) podem ser liquefeitos e os líquidos podem tornar-se gases, e os gases condensarem-se em líquidos, replicará a ciência. É verdade, mas até onde irá esse ciclo? É preciso encontrar um fim último no reino desses elementos. Eles só podem ser um dos três numa dada ocasião, pois os três estão em um, a saber, calor, energia e plasma universal. Tudo que se manifesta aos nossos sentidos deve fazê-lo nos três elementos através do quarto. Ele só pode ser um dos três numa dada ocasião, jamais os três no mesmo instante, exceto na forma prístina. Hidrogênio e oxigênio são gases quando separados; na combinação H_2O eles formam um líquido. Nossos modernos e mal denominados elementos são, portanto, apenas combinações eletrônicas em configurações atômicas, essas manifestações montam agora, aproximadamente, a mais de 100. Se então qualquer substância (erroneamente chamada de elemento) representa os três elementos reais que são na realidade apenas um (as sementes filosóficas, ou Mercúrio Filosófico), essa substância hipotética pode ser encontrada, pois aí reside o segredo de toda matéria, seja sólida, líquida ou gasosa. Ela não pode ser calor comum, pois este representa força ativada para manifestar os três outros. Por exemplo, uma peça comum de metal, a saber, ferro, pode ser batida, tornando-se tão quente que se pode acender o fogo com ela. Essa substância (ferro) representa um sólido, tem calor inerente (fogo), pode ser fundida num líquido que expele gases (ar), resfriada novamente, sem fogo ativado, num sólido (ou, se incandescida o bastante, em óxido de ferro, etc). O mesmo se pode fazer com gases. O gás sob compressão pode liquefazer-se ou solidificar-se. Como esses constituem fatos, e a verdade não poder ser alterada (o conhecimento pode ser alterado), nenhum autor pode tirar crédito disso porque a *idéia* está incorporada na matéria (substância) e na entidade cósmica. Ela não tem nenhuma "origem", apenas uma entidade. Essa entidade *existe* em si, assim como a mente é entidade conscien-

te. Essa entidade consciente é a IDÉIA de Aristóteles, inerente na quinta essência, ou quintessência dos quatro elementos dos alquimistas (eles consideravam o fogo como um elemento), para representá-la em sua unidade ou substância primeira, a *prima materia*.

Ora, todos os alquimistas afirmam que essa *quintessentia* deve ser obtida antes de se tentar realizar qualquer coisa na Alquimia. Pode ela ser obtida? A resposta é — sim. Pois o que existe como “idéia” também existe na matéria, incorporada como calor. Portanto, o calor sensível existe, assim como a “idéia” da *quintessentia* deve incorporar-se-lhe. Um sem a outra não pode existir. É aproximando o leitor do ponto de vista anterior que podemos tentar demonstrar a validade dos escritos dos alquimistas. A sua fraseologia alegórica é empregada apenas como um método de ocultamento. “Leão vermelho”, “dragão verde”, “sangue de dragão” — esses termos não devem ser tomados literalmente, assim como o Mercúrio, o Sulfur e o Sal Filosofais não são as substâncias comuns que conhecemos por esses nomes. A experimentação baseada na leitura literal das obras alquimistas está fadada ao fracasso.

Torna-se evidente, pelo exposto, que mediante estudo consciente um novo caminho precisa ser aberto para a ciência de modo a mostrar-se digna do destino do homem, que é unificar-se com o absoluto. Compreender que é a “idéia” inata que é real, não a manifestação sensível, ajudará a tornar o trabalho preparatório mais fácil. Mas, antes de mais nada, os indivíduos precisam aprender a examinar mais cuidadosamente os conceitos que lhe são apresentados, e não simplesmente aceitá-los cegamente sem investigar-lhes a racionalidade.

Uma nova revelação surgirá para a humanidade quando os portais da Alquimia forem abertos mais largamente, admitindo o pesquisador honesto que busca a verdade cósmica. Mas não nos esqueçamos de que mesmo portas pequenas como Paracelso e outros autores são no momento grandes o bastante para admitirem na corte externa da criação os estudantes diligentes capazes de buscar as chaves de sua obra.

Infelizmente, os compiladores e expositores acrescentaram tanto de suas próprias opiniões e idéias aos escritos dos filósofos e alquimistas que podemos ter, por exemplo, três versões, por três diferentes autores, da vida de Paracelso, o que apenas nos deixa mais confusos do que quando iniciamos.

Cada autor explica a vida desse grande sábio de acordo com a sua própria interpretação individual. Em que, então, se deve credi-

tar? Se alguém é afortunado o bastante para adquirir uma cópia abreviada autêntica de uma obra original de um autor alquímico, essa cópia, em qualquer forma que se apresente, pode validamente ser considerada como autêntica. É sempre melhor obter informação da fonte original do que através de vários canais interpretativos. Assim, após sério e intenso estudo do original, o estudante pode formar as suas próprias conclusões. Se as conclusões a que se chega são corretas, descobrir-se-á que elas correspondem a outras descobertas, também adquiridas independentemente, e, com base nessas, é possível desenvolver formulações adicionais, e assim por diante, indefinidamente. Assim como não há fim para os reagrupamentos atômicos, também não existem limites para a formulação de conclusões baseadas em premissas corretas. O estabelecimento de uma conclusão é o início de uma hipótese mais elevada e mais avançada. Esse processo não está limitado ao tempo. Ele é uma entidade em si. Tal entidade está traçando uma linha hipotética apenas de sua própria entidade, e o tempo fica, por conseguinte, incorporado nela.

Para formular leis, é necessário ter uma norma a seguir. O tempo, ou seu equivalente em símbolos numéricos, segundo Pitágoras, constitui a norma na formulação de todas as leis feitas por homens. Contudo, as leis cósmicas não se limitam ao nosso tempo e a conceitos numerais; sua atividade vibratória constitui uma entidade substitutiva das leis dos números pitagóricos. Embora certas vibrações possam ser registradas e medidas pelo homem, tornando-se compreensíveis para ele, esses graus vibratórios são apenas realidades físicas, não realidades absolutas. Por exemplo, se o vermelho, como afirma a ciência, vibra a uma velocidade entre 47.000.000.000 e 52.000.000.000 por segundo (ou um comprimento de onda de aproximadamente 7.000 unidades angstrom), produzindo estados cromáticos específicos na retina, isso constitui uma concepção humana da realidade física descrita.

A postulação das sete cores prismáticas, três primárias e três secundárias, deixa uma (o índigo) fora da classificação. Essa classificação é puramente física, pois as ondas de luz podem ser medidas e mesmo a sua origem física pode ser determinada pela análise espectral. No entanto, todas as sete cores analisadas são o produto de um único raio chamado luz branca que penetra o prisma.

Ora, os alquimistas têm uma resposta para um problema similar concernente aos metais, explicando que existem também sete metais primários, a saber: ouro, prata, cobre, estanho, ferro, chumbo e mercúrio. Paracelso descobriu o zinco, um metal sólido

comparável ao instável mercúrio. O mercúrio, embora seja um metal, não tem a mesma natureza maleável dos seis primeiros. Da mesma maneira, o índigo, no esquema das cores primárias, não é uma das três cores primárias ou três secundárias, mas representa um sétimo fator, à parte dos demais. O índigo tem uma cor azulada, assim como o mercúrio tem uma aparência prateada, embora nenhum dos dois seja o que sua cor aparente indique. O índigo não é azul, nem é o mercúrio prata. Se todas as cores podem ser produzidas da cor branca, então é possível reduzi-las novamente à luz branca. Qual possa ser o lugar do índigo nessa disposição esquemática, essa questão não foi ainda satisfatoriamente respondida, mas é minha hipótese a de ser ele o agente que dispersa e reorganiza as diferentes vibrações da cor, desempenhando papel similar ao da prata entre os metais. Os metais têm origem similar. Todos os sete metais primários têm uma única natureza, assim como as sete cores prismáticas derivam de um único raio de luz branca. Se a questão da origem dos metais primários ainda não foi resolvida, isso se deve à relutância da ciência em aceitar as descobertas dos alquimistas, Newton tentou sem sucesso impor a sua teoria da luz. Paracelso e outros também tentaram em vão interessar a ciência em suas descobertas, mas logo se chocaram com a barreira do preconceito.

Em cuidadoso estudo voltado para os textos dos antigos, usei aventurar-me além dos caminhos familiares da ortodoxia científica e do saber convencional — mesmo viajando às vezes na direção oposta, para verificar se algum ponto descuidado ou menosprezado não merece uma redescoberta e um exame mais cuidadoso. No curso desses estudos, cheguei à compreensão de que o Mercúrio Filosofal é a fonte de todos os sete metais primários, assim como, da mesma maneira, a luz branca é a fonte das sete cores prismáticas. Ao fazer esta afirmação, estou plenamente consciente de que muitos zombarão, e perguntarão — “Muito bem, onde está o teu Mercúrio Filosofal? Mostra-nos e prova tua teoria, e acreditaremos em ti”. Mas, pelas razões citadas anteriormente, esta questão deve, por enquanto, ficar sem resposta.

Todos os fenômenos são triplos; não existe uma *unidade física*. Todas as manifestações físicas, mesmo as de natureza aparentemente simples e individual, têm uma origem tripla; do contrário, a manifestação não poderia ocorrer. Essa trindade básica é representada pelo Sulfur, pelo Sal e pelo Mercúrio Filosofais, que sempre constituem uma unidade aparente. A dualidade, negativa e positiva, é simplesmente um conceito individual para descrever a manifestação física. A partir de conceitos como esse, baseados em fenômenos físicos, estabelecem-se as conclusões. Como as realidades físicas não

são realidades absolutas, mas alterações motivadas por constante reordenação atômica, as conclusões estabelecidas constituem apenas uma hipótese baseada na experiência física, não representando uma realidade absoluta. Portanto, o que É existe por causa de sua própria consciência. O que É abarca tudo que podemos experimentar consciente ou subconscientemente. Pensar no que É como sendo dual é apenas um conceito subjetivo baseado na manifestação física. Uma coisa que É pode ser interpretada como perfeitamente boa por uma pessoa e horrivelmente má por outra, ambas as interpretações sendo aplicáveis à mesma entidade que É. Na realidade, ela não pode ser ambas as coisas, mas apenas uma. Esse absoluto, ou, como Kant o chamava, a “coisa-em-si” (*Das Ding an Sich*), constitui a consciência de si mesmo em toda célula ou onde quer que a consciência se torne manifesta. Toda dualidade tem sua origem numa consciência cósmica. Aqui novamente é o alquimista que advoga diligentemente esse princípio vital da unidade de todas as coisas.

O que é que diferencia e distingue os conceitos individuais? De que fonte devemos derivar nosso poder para formar conceitos (se continuamos na maneira socrática de procurar por respostas)? A base é a consciência. *Conceber* sem ser consciente é impossível. Podemos, contudo, receber e registrar impressões subconscientemente, porque estamos conscientes de nossa própria individualidade. O homem se depara continuamente com uma vasta série de matéria de graus variáveis de individualidade, toda ela estando no processo de tornar-se aparente como É. Tudo que tem individualidade é consciente, e tudo que é consciente é individual, embora emanando de uma única fonte. Essa fonte única é a consciência cósmica absoluta, a única realidade absoluta, da qual a consciência individual é um segmento. Essa realidade única É em si. Por causa dela, a consciência individual é *prima intelligentia*, e assim ela descobre estar sujeita à lei recorrente dos ciclos; isso não é, contudo, a mera repetição de um círculo comum que se fecha repetidamente sobre si, mas uma espiral ascendente progressiva de realização que finalmente conduz o indivíduo à plena consciência cósmica. O passo seguinte está além de nosso entendimento atual, pois a entidade física mais elevada que se possa conceber ainda não foi alcançada, e quando o for, outra linha hipotética poderá ser traçada, formulando-se uma nova série de teorias.

Pensar é ser consciente, e nosso pensar terrestre se manifesta no tempo. Quando Aristóteles explica que a característica distintiva do homem é a sua razão, isso significa apenas evolução desde o instinto animal até um grau de consciência superior. Um animal,

embora não seja "autoconsciente" da mesma forma que o homem, é tão consciente de seu próprio ser como o é de uma árvore ou uma erva. O instinto animal consciente difere do pensar consciente do homem e do poder de raciocínio que ele desenvolveu, assim como sua própria habilidade de raciocinar é pouco desenvolvida se comparada à consciência cósmica. A consciência cósmica não precisa raciocinar, pois ela é a fonte de tudo que É. É a mais alta norma concebível pela qual o homem pode raciocinar. A vasta consciência raciocinante precisa eventualmente chegar a uma hipotética linha divisória de sua própria consciência. Em alguns casos, isso se fez. A linha hipotética foi traçada a partir desse limite, e a nova entidade cósmica baseou-se em tal linha.

O atingir o cume do conhecimento alquímico, em que a consciência cósmica é sentida como sujeito e a *quintessentia* como objeto, tem culminado desde tempos imemoriais a nobre busca dos sábios. Consegui-lo representa o zênite do homem, seu domínio sobre a matéria e a eventual fusão com o Absoluto, a realização da consciência cósmica.

Apêndice

A fim de encorajar os neófitos em sua nobre busca alquímica da desejada obtenção da Pedra Filosofal, pode não ser inoportuno mencionar algumas das variadas experiências do autor em seus muitos anos de pesquisa mental, espiritual e prática.

Nem todos terão a boa sorte de ter acesso aos inúmeros livros publicados sobre a Alquimia, pois muitos deles se tornaram extremamente raros e difíceis de obter. Muitas dessas obras estão agora esgotadas, e aqueles que as possuem e as entesouram não estão dispostos a desfazer-se delas. Por essa razão, os livreiros pedem preços elevados por essas raras edições. Contudo, não podemos superestimar o verdadeiro valor de algumas, tais como *The Hermetical and Alchemical Writings of Paracelsus*, em dois volumes, editada por A. E. Waite; a *Triumphant Chariot of Antimony*, de Basílio Valentino; a *Collectanea Chemica*; a *Turba Philosophorum*; a *The New Pearl of Great Price*, de Bonus de Ferrara, e outras obras que serão de grande valor ao estudante. Os escritos de Franz Hartmann também são valiosos para os estudantes que conseguem investigar o mundo de pensamentos que permeia seus livros. Outra monumental publicação é o famoso *Secret Symbols of the Rosicrucians of the Sixteenth and Seventeenth Centuries* (*Geheime Figuren der Rosenkreuzer, aus dem 16ten und 17ten Jahrhundert*, Altona, Alemanha, 1785-1788, 2 vols.). O Dr. Franz Hartmann trouxe uma cópia dessa obra extremamente rara à América e a traduziu parcialmente ao inglês. (A versão publicada do Dr. Hartmann omite cerca de um terço das gravuras originais e parte do texto alemão.) Foi boa sorte do autor obter uma cópia da obra completa. Ela exigiu uma viagem à Europa, onde o seu amanuense, ao mesmo tempo, obteve também outra cópia. É notável como a Vontade Divina opera para abrir caminhos e conceder os meios para que o pesquisador sincero obtenha um pouco da sabedoria arcana assim como a bagagem intelectual necessária à sua obra. Das infelizmente poucas obras contemporâneas sobre Alquimia, podemos citar *Alquemy Rediscovered and Restored*, de

Archibald Cockren. A despeito da óbvia omissão de certas frases, essa obra revelar-se-á valiosa ao fornecer respostas aos problemas em questão.

Embora não possamos mencionar em detalhes os numerosos sucessos que tivemos a boa sorte de alcançar no laboratório, muitos pontos de referência se destacam em nossa memória: quando, após um longo e fatigante processo, extraímos pela primeira vez a essência do ouro; quando produzimos igualmente o vinagre do antimônio a partir dum recipiente *Spiessglas* de antimônio, de acordo com a fórmula de Valentino, obtendo uma tintura vermelha. Quando lembramos essas experiências, não importa em absoluto o que dizem os céticos, ou que os zombadores ridicularizem as afirmações de Valentino de que esse bálsamo de antimônio curaria a lepra e as úlceras que estavam cheias de vermes ou o câncer. Theodore Kerckringius, comentador de Valentino e ele próprio um médico, demonstrou a verdade das afirmações de Valentino quando outros cirurgiões solicitaram a amputação de um seio de uma paciente que tinha o dobro do tamanho do outro e repleto de matéria cancerosa.

Bem nos lembramos também de quando, há mais de vinte e cinco anos, obtivemos pela primeira vez a essência (ou o óleo, como preferimos chamá-la) do cobre. Era uma quantidade muito pequena. Mas como nos sentimos gratificados após provar diante de nossos próprios olhos o que os estudos anteriores indicavam ser possível! O tubo de teste que o continha ainda está em nosso poder e permanece como um testemunho encorajador quando ocorre ocasionalmente uma falha nas experiências com diferentes substâncias. Extraímos, da mesma maneira, o óleo de chumbo. Que glorioso momento foi esse, quando a fé resoluta finalmente se consubstanciou!

Quando abro a porta do incubador, e olho através da porta de vidro interna, e vejo os frascos Erlenmayer com a essência do ouro exibindo uma rica cor dourada onde antes um mênstruo não-acético, claro e puro como água não mostrava nenhuma cor; ou quando vejo os extratos herbáceos em sua elevada potência, misturados aos seus próprios sais purificados, repousando entre outros frascos em calor moderado, além de outros recipientes de importância igual ou maior — o que desejo para aqueles que ridicularizam a Alquimia? O tempo virá, e não está distante, como os mestres de nossa arte afirmaram, em que mais e mais de nossa arte secreta se tornará conhecida dos pesquisadores dignos. Mais e mais pessoas estão deixando os limites estreitos de seus credos religiosos, não para denunciá-los — não! —, mas agradecidas àqueles que as ajudaram a receber a

luz superior, lembrando-se sempre com gratidão das prodigiosas instruções que receberam e que tornaram possível a aventura no grande vazio aparente que começa agora a tomar forma em dimensões reconhecíveis.

As almas que buscam terão, da mesma maneira, experiências similares. Elas descobrirão também a verdade oculta além dos princípios e das leis mais simples da natureza. Pois a natureza é a expressão exterior de Deus.

Qualquer que seja o custo em tempo, trabalho ou dinheiro, é certo que ela se mostrará digna de teu empenho; e se fores incapaz de obter a Pedra Filosofal nesta vida, lembra-te de que deixaste a fundação para outra vida, mais afortunada, em que serás capaz de alcançar teu objetivo, após cumprires o teu aprendizado. Sabe, porém, que só a Vontade Divina, através de sua sabedoria cósmica, poderá conceder-te a habilidade para obter essa gema inestimável.

Minha obra não visa a revolucionar o mundo científico. Como humilde servo de um mundo ainda maior por vir, que, como nos tempos antigos, teve um grande trabalho para realizar e que ainda continuará a desenvolvê-lo — em seu serviço encontrei felicidade e alegria. Descobrir-se digno de ser iniciado em tal profunda sabedoria constitui uma grande bênção.

Com os Mestres Herméticos, desde tempos imemoriais, através da Idade Média e nos presentes dias, posso proclamar, NÃO num vão caminho religioso, mas com devoção e piedade, do fundo de um coração agradecido:

Deus seja louvado, pois Ele é *bom* para nós, crianças.

Manifesto Alquímico

Visto que o termo Alquimia é associado por muitas pessoas apenas à Pedra Filosofal e à confecção de ouro, é essencial corrigir essa falsa noção. A Alquimia, como tal, cobre uma área enorme e está relacionada, em primeiro lugar, com o aumento das vibrações. Suas múltiplas e variadas manifestações resultam do estudo e da contemplação profunda. Como apenas umas poucas pessoas, entre os bilhões de seres que habitam este planeta, estão ativamente empenhadas na obra alquímica, é vitalmente importante que nos interessemos por uma correta apreensão desse assunto.

O imenso objetivo das investigações alquímicas torna difícil compreender por que tão poucos estão ativamente empenhados nesta obra, pois suas manifestações são de tão tremenda importância que transcendem a crença comum do observador casual.

Nos tempos antigos, os Alquimistas se escondiam em porões úmidos e mansardas sufocantes. Seus refúgios eram difíceis de detectar. Sua maneira de comunicar-se com os irmãos e irmãs adeptos era de natureza simbólica e secreta. Todas essas e ainda outras dificuldades e restrições foram impostas pelas circunstâncias predominantes nos períodos históricos do passado.

Mesmo neste novo ciclo de despertar alquímico, ainda existe uma certa necessidade de iniciar cautelosamente a nossa obra. A despeito das liberdades não desfrutadas nos tempos antigos, precisamos exercitar um devido grau de cuidado quando começamos a fazer contato com os adeptos de mente igual e aspirações similares — aspirações que podem permanecer adormecidas por muitos anos, e interesses que, na verdade, precedem a presente encarnação.

Para prevenir qualquer equívoco, espera-se que os parágrafos seguintes ajudem a esclarecer nossa posição. Neles, tentaremos responder às questões mais freqüentes:

Por que os Alquimistas da Sociedade de Pesquisas Paracelso não dão nenhum endereço, apenas um número de caixa postal?

Por que os nomes dos que representam ou governam a sociedade não são fornecidos ao público?

Por que não há quadro de associados?

Por que são os Boletins recebidos por indivíduos que, em termos de trabalho de laboratório, nada fizeram de natureza alquímica?

Podemos responder às questões acima da seguinte maneira:

As sedes atuais da Sociedade de Pesquisa Paracelso são modestas e, assim como nos tempos antigos, não visam a tornar-se conhecidas do público. As razões para isso são tão válidas hoje como o eram nos tempos passados. Como afirmamos claramente no primeiro Boletim publicado nesta administração, não se deseja nenhuma publicidade. Buscá-la não faria nenhum bem, e afinal de contas resultaria apenas numa interpretação errônea da Sociedade.

Como se afirmou também no mesmo Boletim, os nomes dos atuais colaboradores não serão publicados ou divulgados. Essa participação baseou-se na secular tradição de que todos os que se empenham ativamente no trabalho hermético não o fazem em busca de fama.

Como nenhum Alquimista deseja louvor e glória, não será difícil compreender que não há nenhuma necessidade de conhecimento pessoal. Além disso, isso poderia ensejar, em algumas pessoas, o culto da personalidade, e esse é inteiramente irrelevante. A própria obra é a coisa importante, jamais as personalidades.

Não há necessidade alguma de os indivíduos se tornarem membros afiliados que pagam contribuições ou são manietados com toda sorte de restrições que se descobrem em qualquer grupo ou sociedade organizada. Os aspirantes alquimistas devem ser livres — livres em pensamento e livres em ações. Há um tempo e um lugar adequado para as obrigações do grupo relativas às atividades e à disciplina, e muitos dos que estão emergindo na consciência da obra alquímica já são membros de outras organizações fraternas devotadas a um tipo específico de atividades. Essas pessoas descobrirão que se tornarão adeptos mais autênticos e mais devotos de suas respectivas sociedades, auferindo delas uma compreensão mais abrangente da beleza e do valor dos rituais executados corretamente.

Sugeriram alguns que os Alquimistas deveriam agrupar-se em colônias e dedicar tempo e esforços exclusivamente na busca da obra alquímica, sem a presença de intrusos. Por mais sincera que essa sugestão possa ser, ela contrasta inteiramente com a obra a

ser realizada pela Sociedade de Pesquisas Paracelso. Aqueles que reclamam "comunas" alquímicas restritas não estão bastante avançados para compreender que tal procedimento nada produziria de útil. Nossa obra é aqui, entre a humanidade. No meio da azáfama da vida cotidiana, esse é o lugar em que devemos ultrapassar os defeitos que ainda aderem a nós como humanos. O tempo para o isolamento pessoal do indivíduo virá apenas depois de um prolongado — e bem sucedido — período de trabalho preliminar. Apenas então receberá ele instruções mais elevadas a fim de realizar uma obra específica. Mas essa missão não é oferecida ao estudante médio de Alquimia, e apenas raramente aos avançados. Certo, os estudantes avançados do trabalho hermético terão a oportunidade de esconder-se por um período de sete semanas, no máximo, num refúgio em local montanhoso. Mas esse será o caso apenas em exemplos limitados e apenas após uma preparação completa e adequada. Após esse período de estudo e meditação, mesmo esses aspirantes avançados retornarão aos caminhos rotineiros para aplicar o que lhes foi transmitido. A escolha de tais indivíduos basear-se-á apenas em seus méritos e nunca visando qualquer remuneração, contribuição ou remessa de natureza pecuniária. Como jamais haverá mais do que doze aspirantes reunidos ao mesmo tempo, pode-se muito bem imaginar quão limitadas são essas oportunidades. Nenhuma restrição, ademais, se faz à posição individual, social, racial, religiosa, grupal, financeira ou educacional do estudante. O desenvolvimento espiritual será o fator decisivo. Essa afirmação deveria bastar para esclarecer que ninguém que satisfaz os requisitos é escolhido por deferência.

Boletins foram recebidos por indivíduos que nunca realizaram nenhum trabalho de laboratório alquímico. Alguns, aliás, talvez tenham apenas vagas idéias sobre o assunto. A razão é que ou um prévio contato com o trabalho já havia sido estabelecido ou o indivíduo em questão poderá fazer contato com outra pessoa, que está pronta para iniciá-lo. Os contatos são feitos às vezes de maneira muito estranha e somente depois, após um considerável lapso de tempo, o seu propósito será plenamente compreendido.

Todos os que suspeitam ser esse trabalho um empreendimento comercial, utilizado para ganho ou proveito pessoal de qualquer indivíduo relacionado com a administração, não estão, em primeiro lugar, qualificados simplesmente por abrigar tais pensamentos e, em segundo, precisam apenas usar uma simples aritmética para aquietar suas suspeitas. Ficará evidente a quem quer que esteja familiarizado com os custos atuais, astronomicamente elevados, da impressão, da

postagem e da correspondência, que nossa modesta taxa de subscrição dificilmente poderia cobrir sequer essas despesas.

Não pretendemos ser um empreendimento comercialmente rendoso. Os meios e os recursos para executar a obra destinados à Sociedade de Pesquisas Paracelso estarão disponíveis quando se fizerem necessários. Os recursos serão encontrados, e não se precisa dizer mais. Como esse trabalho é de natureza altruísta, fica evidente que nossos Boletins, limitados a uma tiragem de 500 cópias, são às vezes enviados a subscritores que não respondem, e que, em alguns casos, não se faz nenhum contato significativo. Mas isso não chega a constituir um problema. Alguns de nossos Boletins, não plenamente subscritos, estão sendo devolvidos por outros com quem o contato será feito mais tarde. Nossos *Alchemical Laboratory Bulletins*, embora numerados, são eternos. Daqui a um século eles serão tão atuais como o são hoje.

Quem quer que leia este Manifesto está, pelo presente, convidado a considerar o assunto com relevante atenção. Nem tudo que se apresenta aos nossos sentidos é visto com plena compreensão ao primeiro contato. Os psicólogos compararam a nossa mente consciente àquela porção visível de um *iceberg* que representa apenas uma fração de suas dimensões reais. Para alguns de nós, fazer contato com a Sociedade de Pesquisas Paracelso é como contemplar esse *iceberg*. A meditação revelará o que foi, e para alguns ainda é, oculto à nossa compreensão. Essa é a chave que abrirá o portal do novo mundo dos Alquimistas, um mundo de que já estás consciente e com o qual foste familiarizado através do karma, das encarnações anteriores, ou quaisquer que sejam os termos que se lhe possam aplicar.

Possa a Luz Cósmica guiar-te e dirigir-te em teus sinceros esforços, e possas tu seres um daqueles que glorificam os trabalhos do Divino tornando-te um administrador dos favores celestes entre a humanidade.

É certamente muito melhor ser um dos adeptos ativamente empenhados no trabalho hermético, deixando para a posteridade o registro de suas realizações, do que permanecer um estranho que apenas lê sobre os outros e sobre o que eles foram capazes de realizar.

Possa uma profunda e permanente PAZ impregnar todo o teu ser, e possas tu seres imerso nas radiações do Amor infinito do Deus de teu Coração.

Publicado no sexto dia de Maio, A.D. 1960.

Leia também

O OVO CÓSMICO

O Simbolismo da Gênese Universal

FRANÇOIS RIBADEAU DUMAS

O mundo nasce de um ovo. Esse Ovo Cósmico ou Ovo Primordial, origem de todas as coisas, mas também lugar para onde retornarão as coisas, em todos os tempos tem-se constituído num desafio à argúcia das civilizações. Além disso, a força universal que dele emana tem sido um propulsor da pesquisa humana.

A forma desse Ovo — um volume espacial de linha curva e flexível — resulta num desafio à pesquisa para a sua espiritualidade, ao mesmo tempo em que constitui um repto à atenção do artista e ponto focal da arquitetura. O Ovo do Mundo, carregado do mistério da função germinativa, encanta quem o contempla. Nele, o naturalista procura a origem; o filósofo busca o conhecimento e o religioso, o mistério da criação. O Ovo é fundamento e conhecimento, ponto de encontro do céu com a terra. No interior do Ovo, desenrola-se o mais surpreendente dos fenômenos: um gesto amoroso a ligar o que até agora temos tido na conta de mundos opostos.

Em sua casca muito frágil, o Ovo contém a Vida, a Regeneração e o germe da imortalidade, constituindo, desse modo, um transcendental absoluto congregador de todas as religiões, de todos os grupos que demandam um ideal ou uma espiritualidade. Em sendo ele o emblema da ressurreição no Cristianismo nem por isso descarta de ser o Grande Ovo alquímico. Ponto de chegada e de partida, germe universal, graças à sua forma, o Ovo é o cosmo por inteiro, terra e céu a um só tempo, athanor, caverna onde as iniciações se cumprem nas entranhas de um mundo sempre fecundado e sempiternamente virgem.

De incalculável riqueza simbólica, o Ovo, fonte de verdade, nos revela o oculto. Da substância à coisa imaterial, do valor não decantado ao devir promissor, o Ovo está sempre presente com sua força fecundante. François Ribadeau Dumas, respeitado especialista na matéria, achando-se muito bem amparado em documentos, leva-nos a perceber os aspectos mais íntimos e comoventes do simbolismo da gênese universal.

EDITORA PENSAMENTO

A BÍBLIA DOS ROSA-CRUZES

Bernard Gorceix

Compõe-se esta obra notável de uma longa e esclarecedora introdução do seu autor e de três pequenos opúsculos sobre a Meritória Ordem Rosa-Cruz original, publicados pela primeira vez na Europa, em cinco línguas, nos anos de 1614, 1615 e 1616, e sucessivamente traduzidos pelo Autor em 1970 do alemão para o francês, donde saem agora a lume em nosso vernáculo. O primeiro opúsculo, Écos da Fraternidade ou Confraria da Mui Louvável Ordem da Rosa-Cruz, é dirigido aos "Eruditos em Geral e Governantes da Europa"; o segundo, Confessio Fraternitatis R. C., é dirigido aos "Eruditos da Europa"; e o terceiro, As Núpcias Químicas de Cristiano Rosa-Cruz no Ano de 1459, traz a seguinte advertência: "Os segredos publicados se desvalorizam, e as coisas profanadas perdem sua graça; portanto, não deites pérolas aos porcos nem espalhes rosas ao asno". Este último é uma descrição críptica, em estilo algo humorístico, da iniciação do Fundador da Ordem. Desde a divulgação dos opúsculos, o espírito e ensinamentos dos autênticos rosa-cruzes, que têm influenciado a mentalidade culta ocidental, foram gradativamente introduzidos em antigas instituições como a Maçonaria (Elias Ashmole, seu real reformulador no fim do século XVII, era rosa-cruz); muitas associações rosa-cruzes se formaram, e o famoso psicólogo C. G. Jung lhe consagrou um longo capítulo de sua Psychologie und Alchemie. Todos os leitores de nossa língua têm, pois, de agora em diante, à sua disposição, uma fonte universal de ensinamentos místicos, filosóficos, religiosos e até alquímicos em seu legítimo sentido.

EDITORA PENSAMENTO